

COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

MUITO PERTO DO PRODUTOR

A primeira cooperativa de crédito foi a Sparkasse Amstad, de Nova Petrópolis, fundada por descendentes de alemães. Na década de 50, elas eram em número de 60, mas a maioria desapareceu com a reforma bancária. Hoje, de vida nova e estruturadas dentro de um sistema integrado, elas brigam por mais liberdade de atuação. Páginas 12 a 15

COTRIJUI

- *Um balanço dos três anos da atual administração*
Página 4
- *Engano do governo. Dívida contra o Estado não existia*
Página 5
- *Em março tem eleições para escolha do novo conselho de administração*
Página 6

SECA



Produção comprometida pela falta de chuva

Milho, mais prejudicado

Seca castiga lavouras das regiões Noroeste e Missões. Produtores pedem prorrogação de plantio para a soja e abertura de crédito especial. Página 7

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRAN 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva

Vice/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle,
Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira,
Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Ira-
ni dos Santos Amaral, João Santos da Luz,
Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn
Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino
Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vi-
cente Silva, e Ademir Luiz Comin.

Suplentes:

José Ataídes Conceição, Pedro Giotto,
Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge
Alberto Sperotto, Protasio Lottermann,
Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnal-
do Hermann, João Eberhardt, Mário Al-
berto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Sil-
veira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício
Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido
de Godoi Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Valter Luiz Driemeyer, Pedro Affonso Pe-
reira, Valdeci Oli Martinelli

Suplentes:

Jayme Wender, Antônio Cândido da Silva
Neto, Realdo Cervi

Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu
Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de
Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da
Silva e Walter Frantz.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 ton.
Rio Grande.....	220.000 ton.
Dom Pedrito.....	91.000 ton.
Mato Grosso do Sul.....	476.150 ton.
Total.....	1.371.950 ton.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro so-
cial, autoridades, universidades e técnicos
do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e
impresso no Jornal do Comércio, em
Porto Alegre.

AO LEITOR

Um assunto correu de boca em boca nestas últimas semanas em todo o Estado: a questão das dez empresas devedoras de ICM para o governo. O assunto foi notícia em jornais, rádios e até televisão da capital e do interior do Estado. Na Cotrijuí, a sua inclusão como terceira devedora de ICM do Estado foi recebida com muita surpresa e até com certa indignação, pois o valor em questão e referente aos anos de 83 e 84, encontrava-se sub judice, portanto, não poderia entrar em cobrança. Em 83, por ocasião da notificação da dívida, a Cotrijuí entrou com um mandado, contestando a sua legitimidade. A prova de que a dívida não existe é a própria sentença do juiz de direito da 4ª Vara da Fazenda Pública de Porto Alegre, dando ganho de causa para a cooperativa. O governo errou e errou também o deputado constituinte Mendes Ribeiro ao

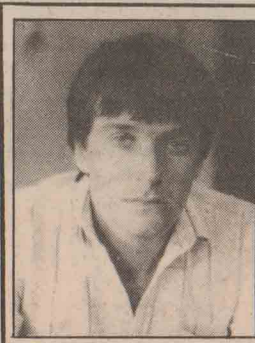
sair alardeando por aí o seu "ato de bravura". Parece que está dando com os burros n'água. Página 5.

O cooperativismo de crédito no Estado está tomando novos rumos, numa luta por maior liberdade de atuação junto ao produtor e por uma fatia de participação nos recursos do governo repassados à agricultura. A briga a nível de Constituinte, com a certeza de que o governo está dando sinais de que pode abrir uma fresta na porta que desde a reforma bancária de 1964 continua fechada a sete chaves. A matéria mostrando a situação das cooperativas de crédito no Estado começa na página 12.

DO LEITOR

Os moinhos coloniais voltam mesmo?

Alceu Van Der Sand



Alceu Van Der Sand é administrador de empresas e um dos integrantes da equipe da Criaec/U-nijuf.

A queda parcial dos subsídios do trigo reacendeu as esperanças dos moinhos coloniais voltarem a operar. Sem sombra de dúvida, estes moinhos cumpriram importante papel na economia do setor agropecuário na década de 50 e 60. Os 476 moinhos existentes no sul do país até o ano de 1976 eram responsáveis pela moagem da maior parte do trigo então produzido pelos pequenos agricultores.

Com o famoso Decreto Lei 210/67, juntamente com as legislações posteriores, chegamos a situação que temos hoje: 181 moinhos mantêm sob seu domínio a quase totalidade da moagem e distribuição do trigo nacional e importado.

Da parte dos moinhos coloniais, as esperanças da volta ao funcionamento são mais concretas após a decisão administrativa da Delegacia Federal da Agricultura, que possibilita o enquadramento destes moinhos coloniais na lei da microempresa. Após esta decisão, observou-se certa euforia de parte dos proprietários destes moinhos e retratada por toda imprensa do sul do país com grande veemência.

Mas estamos ocupando este espaço para fazer algumas observações

em relação a certos aspectos, que em nosso entendimento, são fundamentais e precisam ser levados em conta. Dos anos 60 aos anos 80, observamos mudanças estruturais profundas na nossa economia. Do lado da produção, a agricultura passou de um modelo de produção colonial para um modelo de intensa relação com o mercado e com o setor industrial.

Além disso, a agricultura perdeu o seu espaço de setor mais importante da economia para a indústria. Hoje somos um país em que o motor de economia é o setor industrial altamente competitivo e com uma forte dose de oligopolização. Do lado do consumo, observamos uma grande urbanização. Até o ano de 1960, 54 por cento da população vivia no campo, hoje, esse percentual não passa dos 30 por cento. Portanto, 70 por cento da população encontra-se aglomerada nos grandes centros urbanos. Essa rápida urbanização ocasionou mudanças nos hábitos e padrões de consumo da população. Já não se compra farinha no armazém da esquina, mas sim, nas grandes redes de supermercados.

Todas estas transformações nos levam a questionar a hipótese da volta dos moinhos coloniais, e nos perguntamos: qual a capacidade de competição no mercado que terão essas pequenas unidades artesanais que pararam no tempo por mais de 20 anos? No máximo terão condições de atender aos agricultores que ainda estão no campo, ao redor destes moinhos. Mas a grande fatia do mercado continuará sendo dos 10 a 20 grandes grupos que possuem tecnologia, capital, competitividade no mercado em termos de produção e comercialização de farinha.

Infelizmente, ou felizmente, não podemos girar a roda da história para trás e voltar aos nostálgicos tempos em que as rodas d'água moviam a indústria da farinha.

No nosso entendimento, o que pode e deve ser pensado, é o investimento na área por parte das cooperativas, pois as mesmas armazenam 90 por cento da produção de trigo do Estado, além de possuírem condições concretas para entrarem nessa fatia do mercado, em condições reais de competitividade. Pois, apesar dos altos preços da farinha em 1987, os quais ocasionaram uma queda de 25 por cento no consumo, o Brasil ainda deverá consumir, 6,8 milhões de toneladas de trigo em 1988.

Na hipótese de retirada total do subsídio, o espaço das cooperativas se dá na redução de custos com o passeio do trigo, pois atualmente os cerca de 80 moinhos responsáveis pela quase totalidade da moagem do trigo no Estado localizam-se nos arredores de Porto Alegre, ocasionando um imenso passeio do trigo das regiões de produção até a moagem e posterior retorno em forma de farinha.

Mas voltamos a insistir que os investimentos no setor agro-industrial nos dias de hoje requerem uma forte dose de capital, tecnologia, inserção no mercado, entre outros fatores, enquanto que as unidades coloniais, se essa situação se mantiver, não terão capacidade de ir além que sustentar o proprietário do moinho e sua família. Não vai oferecer condições de reprodução do capital no modo de produção capitalista hoje instalado no país. Esse é o quadro que temos a nossa frente quando se fala na volta dos moinhos coloniais.

CARTAS

Deputados... e deputado

Senti-me orgulhoso da Assembléia Legislativa gaúcha, mais uma vez, por ter aprovado unanimemente projeto que isenta a incidência de correção monetária sobre débitos do empresário para com o Estado. Não me detenho a comentar. Significou um avanço nas relações desse Poder com os que realmente querem continuar trabalhando, produzindo, gerando empregos e multiplicando oportunidades de negócios.

Desgraçadamente, passados poucos dias, por obra e graça do mais votado Constituinte gaúcho, eis que se alardeia aos quatro cantos uma lista dos que "devem" para o Estado. Da boca de Mendes Ribeiro (pai), as dívidas eram - e só elas - as responsáveis pela desgraça sócio-econômica do Rio Grande do Sul. Culpa única e bastante dos desmandos administrativos de duas décadas. Motivo para justificar sua até então inoperante carreira política. Aliás, carreira essa que não resistiu a mais simplória análise, porque sempre oportunista, interesseira

e defensora dos que ao longo do duro regime se locupletaram com o poder. Ou já esquecemos o que fez (e para quem fez) o nosso brilhante constituinte? Constitucionalista de escol, soube ficar sempre na crista da onda, sem nunca investir uma dúzia de palavras na retomada da democracia. Embarcou nela quando o povo, cansado da opressão, exigiu a troca do regime. O que Mendes Ribeiro não disse é que, ao se autonomar Robin Hood dos fracos, cuidava isso sim de manter a exuberância de seus contracheques. Lá como cá, não se descompromissou dos afazeres profissionais. Só é deputado quando interessa a si e aos que defende (quem são?). Seus colegas, ao contrário, tão logo escolhidos para tão importante função, deixaram tudo o mais de lado. Primeiro a nova carta, a Lei Maior.

Dito isto, vale lembrar que a denúncia do Mendes Ribeiro acentua a sua ignorância do que seja empresa, investir recursos caros, arriscar capital próprio para continuar produzindo. E até ficar devendo. Mas nunca fugir da raia, como já aconteceu ao leitor da madrugada.

Fechamos um ano em que a inflação não deixou por menos: 365 por cento. E as empresas (indústrias, cooperativas, comércio) mesmo fazendo cara feia, continuavam a encarar

o futuro. Com raiva, nojo dos desgovernos da economia, mas sem poder parar. Isso, seu Mendes, para pagar a matéria-prima, a energia, os empregados e, mesmo, os tributos. Uns negociados, outros sub judice e, quem sabe até, alguns não pagos pelo atropelo dos juros e da correção monetária.

Então, do alto de seu espaço e sabedoria nunca contestados, o dono da verdade tripudia, chama às falas os culpados pelo caos, os devedores gaúchos. Esquece que são eles que possibilitam depositar religiosamente os seus subsídios (diretos e indiretos); manter o seu emprego (de deputado e homem de comunicação). E, de enganador de viúvas e aposentados, Mendes Ribeiro passa a acusador. Sem analisar, de inopino. Do alto de sua imaculada torre. Sim, porque se descer, dando aos trabalhadores das indústrias e cooperativas que acusou, o espaço para dizer o que pensam dele, ficaria surpreendente. Agente do peleguismo, homem cujo maior compromisso tem sido o de defender o grande capital e passar a lábia escorregadia nos de boa fé, Mendes Ribeiro não resiste a uma análise da economia gaúcha. Não vê nas entrelinhas de tanta miséria o alto gesto da Assembléia Legislativa Gaúcha onde, ironia, está outro Mendes Ribeiro (filho).

Valmir Buck da Rosa - Vereador Ijuí

O Centro Cultural dos austríacos

A exemplo do que ocorreu com os alemães, italianos e poloneses, durante a realização da III Expo-Ijuí e Fenadi, os descendentes de austríacos que residem na região, decidiram criar, também, um Centro Cultural, visando congregar, mostrar e divulgar a cultura austríaca. A criação do Centro Cultural Austríaco aconteceu em uma reunião realizada no dia 25 de novembro, na sede da Associação Comercial de Ijuí. Na mesma reunião, foi eleita a primeira diretoria do Centro, assim constituída: Luiz Hocevar Filho, presidente; Hélio Kettenhuber, 1º vice-presidente; Alfredo Prauchner, 2º vice-presidente; Glacy Prauchner, 1ª secretária; Elemar R. Kettenhuber, 2º secretário; Ingrid Prauchner, 1ª tesoureira; Carlos Hocevar, 2º tesoureiro e Osmar Hubert, como diretor de patrimônio e obras. Como assessores foram eleitos Nestor Samrsla, Ricardo Miron, Francisco Steurer, Frederico Steidl e Francisco Steidl. Para a diretoria artística cultural foi eleita Regina Frantz, assessora por Jane Kettenhuber, Roberto Prauchner, Marcia R. Krolow, Lenice Prauchner, Dulci Matte, Ema Spalding, Egon Eickhoff e Cenira Prauchner. O Conselho fiscal ficou constituído pelos descendentes de austríacos Sady Prauchner, Carlos Pranzi e Herbert Kettenhuber. Na suplência ficaram Erno Prauchner, Carlos F. Pranner, Romano Ptuniciki e Nildo Prauchner.

Mas mesmo recém formado, o Centro Cultural dos Austríacos já anda a todo o vapor e isso, por conta da sua diretoria Artística que começou a organizar grupos de danças, banda, Orquestra de Sopro Infantil e Coral Infante Juvenil. Os interessados em participar das atividades culturais artísticas dos austríacos poderão entrar em contato com Regina Frantz, telefone 332-4793, Hélio Kettenhuber, pelo fone 332-4616 ou ainda com Luiz Hocevar, no telefone 332-1423.

O Cotrijornal agradece

Recebemos e agradecemos as felicitações de Natal e Ano Novo das seguintes pessoas e empresas: Jornal Notícias Pirelli, Camping Clube do Brasil, deputado Joaquim Moncks, deputado Amaury Müller e família, senador José Richa e família, Prefeitura Municipal de Santo Cristo, deputado Adão Pretto, deputado Paulo Renato Paim, Federação dos Trabalhadores na Agricultura do RS, Coopercana - Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Ltda., deputado José Fortunati, deputado José Paulo Bisol e família, Legião da Boa Vontade, Rede Novotel, deputado Erani Müller e família, deputado Vicente Bogo, Alcoa, Grupo Sima, Flory José Lopes Lottermann e família, Agência F4 Fotografias SIC Ltda, Assocene - Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste, Sérgio Motta Mello - TV I Produção Ltda, Cooperativa Regional Auriverde Ltda., Fecotriço, Pedro Ross, Usina Press, Coop. Sul-Riograndense de Laticínios Ltda., Cia. de Cigarros Souza Cruz.

Cooperativa de crédito em Santo Augusto

O ano de 1988 começou com boas perspectivas para os produtores de Santo Augusto. E não é para menos: no dia 5 de janeiro, à tarde, foi realizada a assembléia de instalação da Cooperativa de Crédito Rural do município, a Coopera. "Queremos que a Cooperativa de Crédito seja forte e que preste os melhores serviços aos produtores associados da região", disse o gerente da unidade da Cotrijuf em Santo Augusto, Antônio Vieira dos Santos ao instalar a assembléia e lembrar que a idéia de uma Cooperativa de Crédito no município partiu das próprias bases, mas que ganhou o apoio da Cotrijuf e dos dois sindicatos rurais.

A assembléia de fundação aconteceu nas dependências da unidade da Cotrijuf em Santo Augusto, onde a Coopera deverá ficar estabelecida. Prestigiando o ato de instalação da nova Cooperativa de Crédito, o diretor presidente da Cooperativa Central de Crédito do Rio Grande do Sul, Ademar Schardong. Também presentes o assessor de Desenvolvimento e Recursos Humanos da Cotrijuf na



Na assembléia de instalação a presença de muitos agricultores da região

região, Walter Frantz, o gerente da Cooperativa de Crédito Rural de Augusto Pestana, Darlan Belarmino, o gerente da unidade da Cotrijuf em Augusto Pestana, Romeu Rohde, o gerente da unidade de Coronel Bicaco, Antônio Joreci Flores, os presidentes dos dois sindicatos rurais e produtores.

A diretoria da nova Cooperativa de Crédito Rural está constituída pelos produtores Davi Alexandre Ceolin, como diretor presidente; Ido Marx Weiller, como diretor administrativo e Carlos Leodoni Andrighetto, como diretor de Crédito Rural. O cargo de gerente será ocupado por Eurico Prauchner. Também participaram da fundação da Coopera, com capital integralizado: Valcir Luiz Gonzatto, Nelson Moresco, Antônio Vieira dos Santos, Palomar Victor Montagner,

Ivo Gonçalves de Lima, Adão Ciotti, Dirceu Prates Correa, Alberto Tomeleiro, Carlos Antônio Ivanovitch, Edmundo Stadler, Clóvis Pompeo de Mattos, Arcelino Beazzi, José Lori Flores Gonçalves, Celso Bolívar Sperotto, Sílvio Ceolin, Lufs Moresco, João Alves Teixeira, Nelson Bertoldo Kuss, Batista Chiusa, Rui Polidoro Pinto, Juarez Possatto, Heitor Rodrigues Antônio e Ivo dos Santos Oliveira. Cada um dos sócios fundadores da Coopera entrou com Cz\$ 1 mil de quota capital.

A Coopera tem, a partir do dia 5 de janeiro, um prazo de no máximo 60 dias para entrar em funcionamento. Se neste período, o Banco Central não se manifestar a favor ou contra, o seu funcionamento é aprovado por decurso de prazo.

Política agrícola em debate

Dificuldades na formação da futura lavoura de inverno; possibilidade de utilização de semente própria para a formação das lavouras financiadas; classificação dos produtores perante entidades bancárias; dificuldades de crédito rural e a ameaça de confisco na soja, foram os assuntos que levaram representantes de sindicatos rurais, de sindicatos de trabalhadores rurais, de cooperativas, de coordenadores das Casas da Agricultura e Abastecimento e produtores rurais de municípios da região, até Catuípe, para participar de um Seminário. O I Seminário Agrícola Regional foi promovido pelo Sindicato Rural de Catuípe com apoio do Conselho Municipal da Casa da Agricultura e Abastecimento de Catuípe e realizado no dia 22 de dezembro. Após os debates das questões em pauta, ficou decidido que estas só seriam encaminhadas a partir de um novo encontro, com os mesmos



Representantes de várias entidades participaram dos debates

órgãos e entidades, entretanto, com a participação de um maior número de municípios da região. Para o presidente do Sindicato Rural e coordenador do Seminário, Edson Burmann, o encontro foi proveitoso na medida em que oportunizou um início de debates em cima de assuntos que vêm preocupando a classe produtora e que requer, num curto espaço de tempo, algumas mudanças.

Produtores: nova classificação

O Banco Central estabeleceu, e a medida inclusive já saiu no Diário Oficial da União, uma nova classificação dos produtores rurais para fins de habilitação ao crédito rural. Pela nova reclassificação, foram

atualizados os parâmetros de apuração do valor global da produção agropecuária anual - renda bruta - e mantidos os critérios estabelecidos no MCR-2-1. A tabela da nova classificação é a seguinte:

Classificação do Produtor	Renda Bruta (Em MVR)					
	Avicultura e Olericultura (De Até)		Suinocultura (De Até)		Demais Atividades (De Até)	
Miniprodutor	-	800	-	1.000	-	400
Pequeno Produtor	801	2.400	1.001	3.000	401	1.200
Médio Produtor	2.4001	12.000	3.001	15.000	1.201	6.000
Grande Produtor	Acima de 12.000		Acima de 15.000		Acima de 6.000	

Estudos na Alemanha

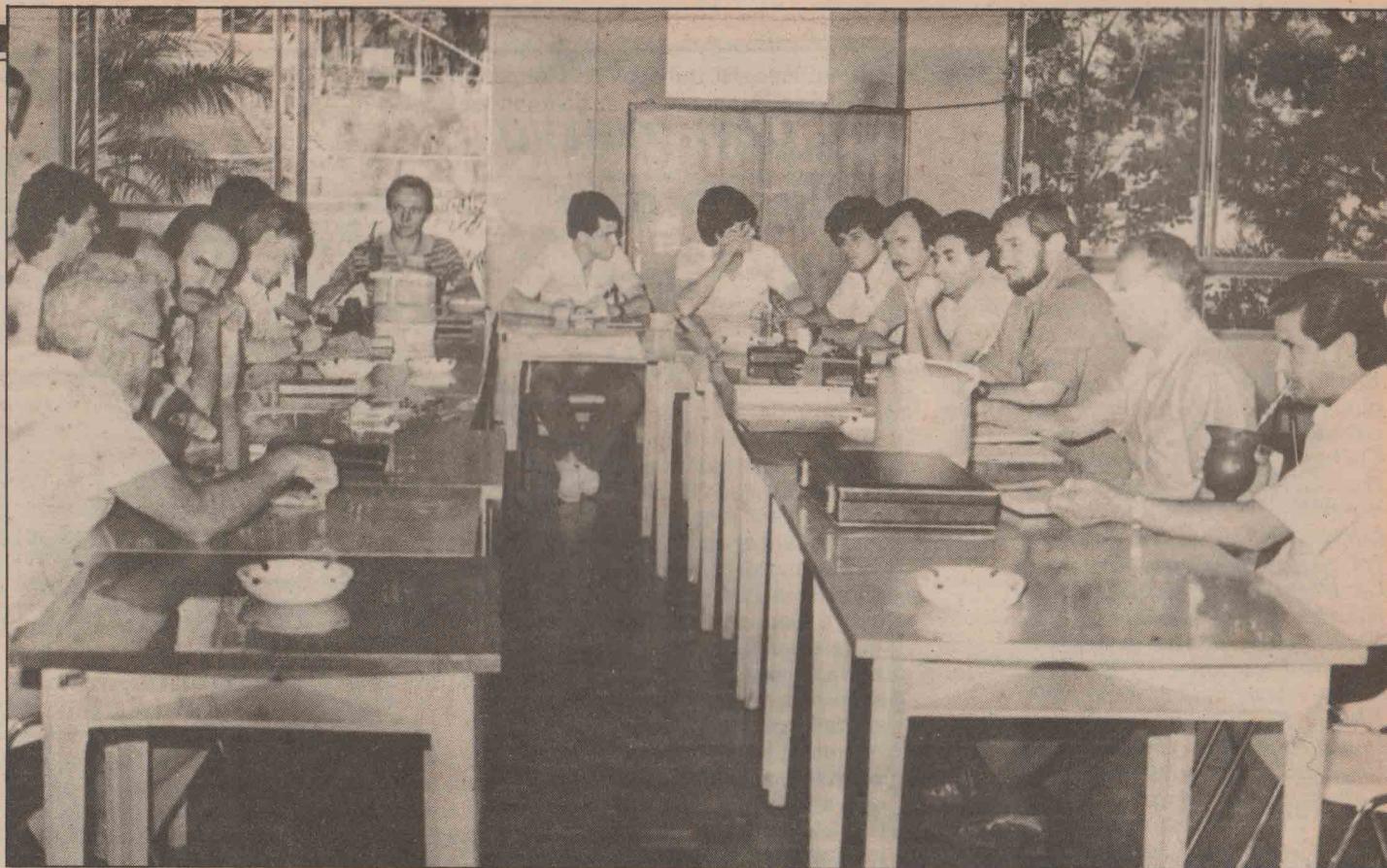
O agrônomo e mestre em solos, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e gerente do Centro de Treinamento da Cotrijuf,



Rivaldo Dhein

Rivaldo Dhein, vai passar um ano na Alemanha, mais precisamente na Universidade de Kassel, realizando um curso de aperfeiçoamento na área de agricultura ecológica e alternativa. Na Universidade de Kassel, próxima a cidade de Witzenhausen, o agrônomo vai estudar e conduzir algumas pesquisas sob a orientação do professor Hartmut Vogtmann, doutor em agricultura biológica e com trabalhos em andamento na Alemanha, Áustria e Suíça. Dentro desta mesma área, o Rivaldo pretende aprofundar seus conhecimentos em solos, controle de pragas e invasoras. É intenção do agrônomo manter contato com outras instituições de ensino, como a própria Universidade de Göttingen, que já manteve convênios com a Cotrijuf na área da colza, para buscar novas perspectivas de intercâmbios e convênios com a Cotrijuf. Além disso, pretende realizar estágios em propriedades rurais que pratiquem agricultura ecológica e em indústrias que desenvolvam maquinário agrícola para esse setor. O curso de aperfeiçoamento do Rivaldo na Alemanha será custeado, inclusive as passagens, pela própria Universidade de Kassel, sem qualquer custo adicional para a Cotrijuf.

A atual diretoria encerrou três anos de administração com uma redução de 40 por cento da sua dívida que em 85 chegava a 37 milhões de dólares. A recuperação econômica total da Cooperativa vai depender da transparência da administração e do apoio do quadro social. Investimentos, daqui pra frente, só com recursos próprios.



Na entrevista coletiva a imprensa, Oswaldo Meotti, Celso Sperotto, Antoninho Lopes, Rul Polidoro Pinto e Walter Frantz

COTRIJUÍ

Três anos de administração

"Coube a nós, há três anos atrás, iniciar uma nova era na Cotrijuí: a da consolidação", disse Oswaldo Meotti, diretor presidente da Cotrijuí, ao fazer um balanço dos três anos de administração da atual diretoria, em entrevista coletiva a imprensa, realizada no dia 29 de dezembro. O encontro com representantes de jornais, rádios e televisão, contou ainda com a participação de Celso Sperotto, vice-presidente da Regional Pioneira, Antoninho Boiarski, superintendente da mesma Regional e dos diretores Rul Polidoro Pinto e Walter Frantz.

Durante a entrevista coletiva, Celso Sperotto ressaltou que o sucesso da Cooperativa nesses três anos é o resultado de um trabalho de equipe onde contou a participação da direção, do quadro funcional, do quadro social, dos conselheiros e dos representantes. "A participação e o apoio do quadro social tem sido fundamental para que a Cooperativa alcance seus objetivos", disse ele. Antoninho Lopes falou que as dificuldades foram grandes, mas a Cooperativa conseguiu superá-las, tendo, muitas vezes, que se adaptar às mudanças políticas e econômicas impostas pelo governo. A seguir uma síntese dos assuntos abordados por Oswaldo Meotti na entrevista coletiva.

AS FINANÇAS

Começamos com o objetivo de concretizar a meta já traçada anteriormente, que era de buscar o saneamento financeiro da Cotrijuí. E para alcançar essa meta, a nossa intenção era alienar ou fazer produzir setores que não vinham operando a contento, pois de um modo ou de outro, queríamos cair fora do momento de apêndice em que vivíamos, com uma dívida que na ocasião chegava a 37 milhões e 750 mil dólares. Já em 86 vivemos uma situação diferente. Este foi um ano totalmente atípico na vida da economia nacional. O Plano Cruzado I estruturou, mas também desestruturou a economia nacional. Mas nesse triênio muita coisa foi alcançada, embora outras tenham tomado outros rumos completamente diferentes do que pensávamos de início. Se numa perspectiva inicial se fa-

lava em desmobilização em alguns setores não vitais para a Cooperativa, num segundo momento se voltou a repensar a idéia e até mudar de atitude. Quando se quer vender alguma coisa, é preciso que haja comprador e dinheiro, mas nada disto existia. Então, mudamos o discurso. Se temos uma máquina no galpão e a lavoura é pequena para o potencial desta máquina, vamos prestar serviços para fora. Vamos colher para terceiros e aumentar a renda. E foi isso que fizemos nesse triênio, especialmente em 1987. Foi o caso do Terminal Graneleiro. Em vez de continuar insistindo na sua venda, fomos brigar por uma fatia maior no escoamento da produção do Estado através da orla portuária. Hoje ele é invendável. Estamos mostrando mais eficiência em termos qualitativos e quantitativos.

O ENVIDAMENTO

No início tínhamos, evidentemente, grandes dívidas. As que não estavam vencidas, estavam por vencer. Aquelas que não puderam ser compatibilizadas com custos, foram compatibilizadas com prazos. Rolamos algumas dívidas para mais tempo, até sem período de carência. Todas elas estão, até aqui, quitadas. É claro que ainda persistem dívidas e elas nos preocupam, principalmente numa economia altamente inflacionária como a nossa. E dentro da necessidade que se tem do produtor continuar prestigiando a Cooperativa, não quisemos tirar o capital extra do associado para pagar as dívidas. Até fizemos o contrário, adotando uma política inversa. Em vez de aumentar a alíquota do capital, nós reduzimos. Se tivéssemos aumentado a alíquota, não estaríamos enchendo os armazéns e batendo recordes de recebimento. Reduzimos o desconto capital para dois por cento e aumentamos o recebimento de produto. E a nossa quota de capitalização não decaiu. Essa decisão foi resultante de um trabalho realizado junto ao quadro social e que foi encabeçado por conselheiros e representantes. No final de oito meses de discussão, a decisão foi a de uniformizar a alíquota de descontos,

para todos os produtos em dois por cento. A resposta nós já tivemos. Em 86 nós recebemos 900 toneladas de produto e nesse ano que passou 1 milhão 113 mil toneladas.

Mas faço questão de deixar bem claro que o problema do endividamento não está de todo solucionado. Se pegarmos o nosso ativo permanente de 87 e transformar em dólares — isso em 30 de novembro —, teríamos aproximadamente 120 milhões de dólares e desse total, 17 milhões e 500 mil dólares são ainda remanescentes daquele saldo de 37 milhões e 750 mil dólares. Isso significa que em apenas três anos, foi possível inverter a relação entre o patrimônio e a dívida, apresentando, portanto, uma redução de 40 por cento. As dívidas persistem, mas num total inferior a 20 por cento do patrimônio da Cotrijuí. Em torno de 4 milhões e 500 mil dólares do endividamento estão cobertos com produto e isso a curtíssimo prazo. O restante vence a longo prazo, com prestações anuais. A dívida da CFP, por exemplo, vence daqui há três anos, mas estamos com parecer favorável para prorrogar esse prazo para oito anos. O nosso temor é a partir de 89, porque não sabemos como vai ser a desproporção entre a correção da receita e a correção da dívida. Ela, no entanto, não compromete o trabalho da Cotrijuí e nem nos assusta. Temos prazo e é claro que a solução vai depender da transparência do nosso trabalho e do apoio do quadro social.

OS RESULTADOS

Enfrentamos uma situação adversa durante esse triênio. Em 85, quando tivemos uma inflação de 219,37 por cento, a Cooperativa recebeu 957 mil toneladas de produtos entre grãos, leite, suínos, entre outros, e faturou nesse período, 172.613.418 dólares. Em 86 recebemos 900 toneladas e em 87, 1 milhão 113 mil e 616 toneladas. O nosso faturamento, considerando uma inflação de 365 por cento, é de 171.669.103 milhões de dólares. Recebemos mais produtos e faturamos menos. Quer dizer: se produz cada vez mais para receber menos pela pro-

dução. O governo está fazendo uma espécie de achatamento no preço da produção. Isso aconteceu no trigo, em 87. Foram suprimidos dois meses da correção monetária. Com a grita dos produtores e órgãos classistas, foi reposto aproximadamente 5,68 por cento, retrocedendo de outubro para setembro. Dentro da política do governo, o produtor vem produzindo mais caro e vendendo mais barato. Ele só está conseguindo se defender porque fez uma excelente safra em 87. O grande fator negativo de 87 nem foram os desmandos da Constituinte, mas a famigerada tablita. O prejuízo da Cotrijuí, com a tablita, foi de Cz\$ 23 milhões, sendo Cz\$ 19,5 milhões com os contratos futuros da soja e Cz\$ 3,5 milhões nos crediários das lojas. Na área de produção animal, a Cotrijuí repassou para abate, nesse ano de 87, 63 mil suínos. É um recorde na vida da Cotrijuí. O produtor passou a acreditar novamente na atividade, assim como está acreditando no leite, que chegou ao final do ano com um recebimento total de sete milhões de litros, quase quatro milhões a mais do recebido no ano passado. De peixes, entraram 20 toneladas; de alho 250; de pepino 120 toneladas. Tudo isso representa para o produtor mais uma alternativas dentro da propriedade.



Oswaldo Meotti

AS SUBSIDIÁRIAS

As empresas subsidiárias da Cotrijuf passaram, nesse triênio, por uma reavaliação total. O Irfá, um empreendimento assumido pela Cotrijuf em 1976, em regime de concordata, esteve à venda em três ocasiões, sempre para empresas diferentes. 99 por cento do seu faturamento era da responsabilidade da vacina anti-aftosa. Implantamos nova filosofia dentro da empresa e hoje ele está produzindo 12 produtos da área biológica e 25 da área química. Já é um empreendimento que está trazendo resultados. As demais subsidiárias, eminentemente prestadoras de serviços, como a Transcooper, Cotridata, Cotriseguros, Cotriexport e os Hospitais, já não são mais gastadores de recursos da empresa Cotrijuf. Eles são auto-sustentáveis.

ADMINISTRAÇÃO

Inauguramos também, nessa gestão, um novo estilo administrativo. Até 1984 existiam apenas três diretores eleitos para gerir todo o grupo. A partir de 1985, com a reforma, cada regional passou a contar com um vice-presidente e um superintendente eleitos. Também, nesse período fizemos o enxugamento de atividades improdutivas, buscando a recuperação econômica e financeira. O que aconteceu nas Subsidiárias, também aconteceu nas Regionais.

AS METAS

Projetos sempre existem. A Cotrijuf há muito pensa em ter a sua própria estrutura na área animal, na área de agroindústria. Mas o processo de enxugamento das regionais, centrais e subsidiárias, nos levou também a um enxugamento neste período. Não temos capital de giro próprio e o capital de terceiros é muito caro e não conseguimos pagar. Mesmo assim, existem investimentos que são vitais para a

continuidade do trabalho da Cooperativa. Dizia que mesmo considerando o espírito de não investir em nada, o grupo assim mesmo gastou, nesses 11 meses de 1987, Cz\$ 143 milhões em investimentos estritamente necessários, tais como, aquisição de moinhos coloniais, construção de moegas, reposição de secadores, máquinas de limpeza, instalação de produção de sementes a granel, a nova indústria de rações de Ijuí, montagem de indústria de ração em Mato Grosso, sede Administrativa em Mato Grosso do Sul, veículos, caminhões frigoríficos para transporte de carne de Dom Pedrito, sistema de refrigeração nos armazéns, prédio em Esteio. Mas existe a pré-disposição de iniciarmos alguma coisa na área de industrialização animal. Também existem outros investimentos buscando a melhoria no recebimento de produtos. No passado chegamos a ter comprometido, com custo financeiro, quase a quarta parte da nossa receita. Chegamos a década de 80 com 24 por cento da receita comprometida com custo financeiro. Hoje, em 11 meses, nós reduzimos esse custo para 10,7 por cento e não chegamos ainda onde queríamos, que é estabilizar entre sete a oito por cento. Para chegarmos a tanto, temos que investir o mínimo possível com o nosso dinheiro, com dinheiro do próprio produtor. O projeto de um abatedouro de suínos, é um projeto de impacto e que em 88, dependendo da safra, daria para se iniciar. Agora, temos de começar com os pés no chão, que significa: participação do produtor, não só pecuniariamente como politicamente e operacionalmente. Se ele participar com dinheiro, ele vai participar com matéria-prima. Se participar com os dois, daqui a pouco, ele também vai participar na administração. Evidentemente que sem investir em demasia em dinheiro, porque a Cooperativa deve espelhar, com certa fidelidade, a situação do produtor. Os investimentos têm que fluir mais ou menos no sistema dos vasos comunicantes.



Celso Sperotto



Antoninho Lopes

AS ELEIÇÕES

Indicar candidatos a sucessão, dentro da Cotrijuf, é função do representante. Muito embora, de acordo com os estatutos, 15 produtores reunidos, podem apresentar uma chapa. Evidentemente, que dessa forma não surgem os auto-candidatos. Se surgirem, eles terão que tratar do assunto com o Conselho de Representantes, que consulta as bases e indica o candidato. A chapa formada deverá ser encabeçada pelo presidente, por três vice-presidentes, três superintendentes, pelos conselheiros de administração e fiscal, totalizando 24 nomes de pessoas.

O desempenho da Regional de Mato Grosso

A Regional de Mato Grosso, apesar das dificuldades econômicas pelas quais passou o país nesse ano passado, encerrou 87 com uma ótima performance, recebendo um total de 605.819 toneladas de produto de seu quadro social. Deste total, 232.928 toneladas corresponderam a Lotário Beckert produção de soja; 73.775 foram de milho; 55.044 toneladas de arroz e 2.530 toneladas de sorgo. As aveias branca e preta, mais o milheto, a pipoca e o feijão, totalizaram, juntos, 1.030 toneladas.



Lotário Beckert

Mas a maior surpresa, no entanto, segundo o agricultor e superintendente da Cotrijuf na Regional de Mato Grosso, Lotário Beckert, ficou por conta do trigo, se comparado com a produção de soja deste mesmo ano. O recebimento de trigo fechou em 240.512 toneladas. A justificativa para uma excelente produção, segundo o Lotário, tem como causa vários fatores, entre estes ele cita o aumento da área com a cultura, o uso de tecnologia — variedades boas, sementes de qualidade, adubação correta, aplicação de fungicidas — e, principalmente, o fator clima que correu favorável durante todo o desenvolvimento da planta. "O produtor, afirma o superintendente, passou a acreditar no trigo".

Para 88, a previsão de recebimento de produção pela Regional de Mato Grosso já está mais ou menos estabelecida. A soja deverá ficar em torno de 276.040 toneladas; o trigo em 215.540; o milho em 69.085; o arroz em 37.361; o sorgo em 4.885 toneladas e o feijão, as aveias, a pipoca, poderão chegar a 1.960 toneladas. Se tudo correr dentro das previsões de produção e o clima contribuir, a Regional poderá chegar ao final de 88 com uma produção total de 604.871 toneladas.

É quase certo, segundo Lotário, que nesta próxima safra de inverno venha acontecer uma redução na área de trigo em função do sistema de comercialização que ainda continua indefinido. "Caso o governo se defina mais cedo, até é possível que a área de plantio do ano passado volte a se repetir". A redução na previsão de recebimento de milho, arroz e sorgo tem como causa a área, que neste ano deverá ser menor que a de 87.

INVESTIMENTOS: A ESPERA DA COLHEITA

Qualquer investimento na Regional de Mato Grosso, para 88, segundo o superintendente, dependerá dos resultados da próxima colheita. "Nós temos muito o que fazer por aqui, diz ele, ressaltando a necessidade, em primeiro plano, de concluir os investimentos iniciados em 87. Entre estes, aparece o armazém sementeiro de Maracaju e um armazém para recebimento de produto em Jardim, já em fase de conclusão. Dos investimentos feitos em 87, ele cita a aquisição de uma sede própria para a Regional, que desde novembro vem funcionando no prédio que pertencia a Cotrisa.

"O desempenho que tivemos em 87, salienta Lotário Beckert, queremos repetir em 88. Um melhor atendimento ao quadro social, seja através do recebimento da produção ou da prestação de serviços é uma das grandes metas da Regional. "Queremos que o associado continue procurando a Cooperativa em 88", diz. A própria Fábrica de rações, transferida de Ijuí e que deverá ser instalada em Mato Grosso, faz parte da necessidade que a Regional sente de, cada vez mais, estar ao lado do produtor, colocando à sua disposição, os insumos necessários para a sua lavoura.

Cotrijuí não devia ao Estado

A notícia publicada em vários jornais da capital, no dia 8 de janeiro passado de que a Cotrijuf figurava numa lista de devedores do ICM ao Estado, causou estranheza à sua diretoria e ao quadro social. A lista divulgada a pedido, segundo consta, do deputado constituinte Mendes Ribeiro, através da Secretaria da Fazenda, trazia ainda o nome de outras 104 empresas gáuchas, onde a Cotrijuf constava como devedora de 228 milhões de cruzados referentes a notificações relativas aos anos de 83 e 84.

Para o diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Olmiro Meotti, tudo não passou de um grande equívoco de parte do governo, pois considera que a Cooperativa não poderia estar incluída nesta relação de devedores, já que esta notificação encontra-se sub judice. E se ela está sub judice, não pode estar sendo cobrada. Faz questão de dizer que a Cotrijuf nunca se negou a pagar suas contas, "desde que líquidas e certas". "O que temos feito até agora, quando não temos condições de pagar alguma dívida, é procurar o credor para solicitar mais prazo. Sempre assim temos agido e cumprido com nossos compromissos estabelecidos", esclarece Oswaldo Meotti.

Classificou a divulgação desta relação de devedores como um ato "de leviandade de parte de alguém que durante toda a sua existência

ISSO POSTO, CONCEDO a segurança Impetrada pela Cooperativa Regional Tríticola Serrana Ltda. — COTRIJUF, contra ato do Sr. Superintendente da Administração Tributária, para o fim de declarar e desconstituir definitivamente o crédito tributário impugnado, tornando definitiva a liminar concedida em parte, à impetrante (fls. 173).

Custas pelo Estado. Sem honorários, tendo em vista o que dispõe a súmula nº 512 do S.T.F. Oportunamente, remetam-se os autos à consideração da Superior Instância — Egrégio Tribunal de Justiça —, para reexame necessário.

Dil. legais. Intime-se. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1987

A sentença do juiz Paulo Hanke

nunca fez outra coisa senão se preocupar com seus contra-cheques no final de cada mês" Acredito que essa pessoa, continua, nunca sentiu sobre os seus ombros, o peso da responsabilidade de uma guia de ICM, de uma folha de pagamento, de uma guia de encargos sociais, ou ainda, qualquer experiência do que significa administrar uma empresa.

DECISÃO COM A JUSTIÇA

Meotti recorda que tão logo a Cotrijuf recebeu a referida notificação, isso em 83, buscou a assessoria jurídica de um escritório especializado de Porto Alegre, no sentido de contestá-la, "pois a consideramos injusta e improcedente". Desta contestação impetrou e obteve liminar de mandado de segurança. Este mandado de segurança teve julgado o seu mérito no dia 15 de dezembro, em decisão emitida em 19 laudas pelo juiz Paulo Roberto Hanke, da 4ª Va-

ra da Fazenda Pública, de Porto Alegre, dando ganho de causa a Cotrijuf no que diz respeito aos créditos de ICM reclamados pelo governo do Estado.

A referida decisão judicial, que teve por finalidade conceder segurança para o fim de declarar e desconstituir o crédito tributário, consagrou o entendimento da Cotrijuf de não ser devedora do imposto sobre as exportações de farelo de soja realizadas pela Cooperativa. A sentença, segundo Gilson Rasador, assessor jurídico da Cotrijuf em Porto Alegre, está baseada no fato de que não incide ICM sobre a entrega de produtos realizados pelos associados às suas Cooperativas, o que se denomina de "ato cooperativo". E essa operação não implica em circulação de mercadorias. "Trata-se de um precedente importante, declara, à medida que contempla o verdadeiro sentido do ato cooperativo".

Em março tem eleições

As eleições farão parte da assembléia geral que se realiza todos os anos para apreciar balanço, relatório da diretoria entre outros assuntos. Os nomes à direção executiva serão indicados pelos representantes.

O Conselho de Representantes da Cotrijuí tem, nesse início de ano, uma difícil tarefa pela frente: definir os nomes que deverão compor a chapa oficial que no fim do mês de março estarão concorrendo aos cargos de presidente, vice-presidente, superintendente e conselheiros da Cooperativa. Os nomes destas pessoas, como já ocorreu em eleições anteriores, deverão sair das bases, que nestas alturas já devem andar sendo consultadas pelos próprios representantes de cada núcleo.

As eleições deste ano não deverão apresentar nenhuma alteração, já que desde 1985, ano em que o próprio conselho de representantes, em consonância com o quadro social, promoveu uma ampla reforma administrativa, deixando definido que a cada três anos, deverão ser escolhidos um nome para preencher o cargo de presidente da Cotrijuí e um vice-presidente para cada uma das três Regionais - Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso. Cada uma destas Regionais estará escolhendo, também, um superintendente. O Conselho de Administração, formado por 24 conselheiros, terá renovado nestas próximas eleições, um terço dos seus membros. O Conselho Fiscal continuará com três efetivos e três suplentes, cada um representando uma Regional. Mas destes três nomes, deverão ser renovados dois terços, o que acontece anualmente, sempre por ocasião da assembléia para apreciação dos resultados do exercício anterior.

Os 24 membros que formam o Conselho de Administração são sempre escolhidos de forma a contemplar toda a área de ação da cooperativa. A Regional Pioneira tem direito a nove conselheiros, o Mato Grosso a cinco e Dom Pedrito a três conselheiros. Para cada um deles é escolhido um suplente. A reformulação do Conselho e a criação de um vice-presidente e um superintendente para cada Regional, levado a efeito através da reforma administrativa de 1985, tem a função de garantir uma maior representatividade e autonomia para cada uma das áreas de atuação da Cotrijuí.

A própria figura do representante, ou do conselho, tem a função de impedir o aparecimento de autos-candidatos de forma isolada. Cada candidato vai ter que passar pelo aval do Conselho. É claro que o Conselho de Repre-

As urnas permanecerão à disposição dos associados nas unidades e nas comunidades do interior dos municípios de abrangência da Cotrijuí



sentantes não tem autonomia para impedir que um grupo de, no mínimo 15 associados, em dia com suas obrigações dentro da Cooperativa, possam se organizar e formar uma chapa com candidatos próprios.

A ASSEMBLÉIA

A assembléia deste ano está marcada para o final de março, na sede da Afucotri, em Ijuí. No primeiro dia, a assembléia terá a função de examinar o balanço, o relatório da diretoria e discutir outros assuntos de ordem geral e que constarem na pauta. Só vão votar, como diz o estatuto, os representantes das três Regionais. Mas isso não impede que qualquer associado da Cotrijuí possa comparecer à assembléia e participar dos debates.

No segundo dia, a assembléia continua em aberto, para que seja feita a votação, desta vez contando com a participação de todo o quadro social da Cotrijuí que entregou a sua produção até o dia 31 de dezembro de 1987. As urnas estarão à disposição dos associados nas unidades e nas comunidades do interior dos municípios, onde a permanência de cada uma delas deverá obedecer um roteiro elaborado por cada unidade, sempre em conjunto com os representantes e aprovada pela Assembléia Geral instalada anteriormente. A contagem dos votos será iniciada, em cada município, tão logo encerrar o prazo de votação. Os resultados finais deverão ser conhecidos, oficialmente, no terceiro dia, quando então, serão anunciados os números da votação, empossados os eleitos e encerrada a assembléia.

QUEM PODE VOTAR

Pode votar nas próximas eleições aqueles associa-

dos que estiverem em dia com suas obrigações na Cotrijuí.

O tempo passou, mas têm coisas na vida que não passam nunca.



Em 30 anos, a Cotrijuí cresceu e mudou a vida de quem acreditou no trabalho, no esforço de cada um para o crescimento de todos. Partindo de um pequeno grupo de agricultores, a Cotrijuí e suas subsidiárias* contam hoje com uma completa estrutura de comercialização de safras, modernas unidades armazenadoras, um terminal graneleiro marítimo** e uma eficiente rede de transportes no RS e MS. A Cotrijuí ainda participa das seguintes Cooperativas: CCGL - Cooperativa Central Gaúcha de Leite; VALURUGUAI - Cooperativa Industrial de Lãs do Vale do Uruguai; CCGH - Cooperativa Central Gaúcha de Hortigranjeiros; CCGC - Cooperativa Central Gaúcha de Carnes e CCGTel - Cooperativa Central Gaúcha de Telefonia Rural. Os associados se beneficiam de orientação agropecuária permanente, além de assistência médica e social. A Cotrijuí mantém lojas, armazéns e supermercados para suprir seus sócios de gêneros alimentícios, vestuário e insumos para lavoura. E, ainda, frigorífico, indústria de óleo, indústria de ração, engenho de arroz. Tudo isto é parte de um patrimônio que é seu, e que continua crescendo. Mas tem uma coisa que não muda nunca: a nossa emoção de ver que cada conquista, cada vitória, é fruto da união e do trabalho, da harmonia e da produtividade de cada um de nós.

* IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda. COTRIDATA - Processamentos de Dados Ltda. TRANSCOOPER - Serviços de Transportes Ltda. COTRIEXPORT - Cia. de Comércio Internacional Ltda. COTRISEGUROS - Corretora de Seguros Ltda. HOSPITAL BOM PASTOR - Com três unidades hospitalares.

** Capacidade instalada estática = 1.400.000 toneladas.

COTRIJUI



30 ANOS

A UNIÃO FAZ A FORÇA
QUE NEM O TEMPO DESFAZ.

Vai faltar milho

A região sul — Ijuí, Augusto Pestana, Jóia e parte de Ajuricaba, é a mais castigada pela falta de chuva. Por causa da seca, 30 por cento da área ainda não havia sido plantada até o dia 17 de janeiro.

Os produtores das regiões Noroeste e Missões já começam a computar seus prejuízos nas lavouras de soja e de milho em razão da seca que vem se prolongando nessa microregião do Estado. "Em números exatos ainda fica difícil falar", diz o Léo Goi, agrônomo e diretor do Departamento Técnico da Cotrijuf na Região, reforçando a tese dos próprios produtores de que nada melhor do que a colheita para quantificar as perdas. Mas uma olhada na quantidade de chuva que caiu nesses últimos dois meses já é uma mostra de como pode andar a situação destas duas lavouras.

A última chuva regular que caiu em alguns pontos da região foi a do dia 14 de novembro do ano passado, de 66,8 milímetros. Depois choveu no dia 24 mais meio milímetro. Em dezembro o índice total de precipitação pluviométrica foi de 39,2 milímetros, sendo que a maior chuva deste mês, de acordo com dados levantados pelo Centro de Treinamento da Cotrijuf, caiu no dia 3, de 17 milímetros. No dia 16 choveu mais 9,5 milímetros. As demais chuvas não passaram de pequenas garoas, sem qualquer ajuda para o desenvolvimento das lavouras. No mês de janeiro, a média de chuvas, até o dia 16 era de 17 milímetros.

DUAS REGIÕES

Os estragos da seca na região de atuação da Cotrijuf, estão sendo avaliados em dois grupos. Na região de norte, que abrange os municípios de Tenente Portela, Coronel Bicaco, Santo Augusto e Chiapetta, os problemas e prejuízos são de menor monta, pois toda a área de planta está praticamente semeada. As chuvas também foram melhores nesta região.

Os problemas mais graves, no entanto, ocorrem na região sul, pegando os municípios de Ijuí, parte de Ajuricaba, Jóia e Augusto Pestana, onde 30 por cento da área ainda continua sem planta. Na região de Augusto Pestana, por exemplo, os produtores tinham conseguido semear até o dia 16 de janeiro, apenas 60 por cento do total da área de planta, que é de 25 mil hectares.

SOJA: SITUAÇÕES DIFERENTES

Os produtores que plantaram soja mais no cedo, antes da seca, estão em situação preocupante. O desenvolvimento da planta ficou prejudicado pela falta d'água. A preocupação agora, segundo o Léo Goi, é com algumas variedades que já iniciaram o florescimento com porte muito reduzido. Geralmente nestes casos a planta não segura a flor, refletindo, mais tarde, na produtividade.

Mas quem plantou soja fora da época preferencial, ou seja, após o dia 10 de dezembro, vive uma situação de expectativa. A planta está com o desenvolvimento prejudicado, mas chuvas abundantes daqui para frente ajudariam na recuperação destas lavouras e amenizariam o problema da quebra de produtividade.

A situação das lavouras de milho é séria. Além da redução de área que ficou em torno de 30 por cento, a quebra na produção deverá ser expressiva. As lavouras formadas mais no cedo, plantadas em início de agosto ainda conseguiram pegar chuvas boas e até estão produzindo. Mas as do mais do tarde, final de agosto e início de setembro, estão com a produção total-

mente comprometidas. Faltou chuva durante o desenvolvimento e florescimento das plantas. "O prejuízo, garante Léo Goi, é grande", prevendo já uma provável escassez de milho na região.

MILHO PARA SILAGEM

O Irineu Luiz Sandri, produtor em Dr. Bozano, interior de Ijuí, plantou, nesta safra, em sociedade com mais três irmãos, quatro hectares de milho e 130 de soja. Da lavoura de milho ele já fez a colheita. "Prá não perder tudo, toquei a máquina e aproveitei a palha para silagem", diz ele contando que dos quatro hectares não conseguiu colher mais do que um cesto de espigas. Ele plantou o milho entre 15 a 20 de outubro, e desse dia em diante, a planta só pegou a chuva do dia 14 de novembro. O milho cresceu, largou pendão, mas não deu espigas. Diz que não vai desistir. "Vou plantar de novo e arriscar outra vez", comenta, dizendo que ainda prefere o milho do tarde do que a soja. A preocupação do Irineu é com o trato dos suínos e das vacas. Ainda tem uns 25 sacos de milho da safra passada, mas dias atrás comprou uns quilos de trigo para "prá dar uma tapeada, já que o milheto, por falta de chuva, ainda não está em condições de pastoreio. "Pela falta de água, ele não enraizou direito. Se solto o gado, não sobra nada". A lavoura de soja até que está resistindo,



A lavoura de milho da região está totalmente comprometida



Irineu Sandri



Dari Hartmann

mas acredita que a quebra não baixe de 20 por cento. "Acho que o pior vem agora que a planta começou a florescer. Pelo que pude ver, ela não está segurando a flor, o que certamente vai aumentar ainda mais o prejuízo.

Mais sorte teve o seu Dari Hartmann, vizinho do Irineu. Ele plantou milho no início de novembro e a planta até que está se comportando bem. "Essa lavoura, conta, fica na re-

gião de Salto e lá choveu um pouco mais do que aqui, o que vai me salvar, embora acredite que os prejuízos não baixem de 50 por cento. Os seus prejuízos com a soja podem chegar a 30 por cento, mas leva alguns pontos de vantagem em relação ao seu vizinho: a planta ainda não começou a florescer. Ele plantou o BR-5 e o IAS-5.

Ele também plantou pasto para a criação, mas com a falta de chuva, nem o milheto se desenvolveu direito. Para manter as vacas de leite, seu Dari está usando parte da lavoura de milho, "porque pasto não tenho mais de onde tirar. Tudo está seco e o gado só emagrecendo. Ele acha que daqui para frente a situação vai ficar crítica, porque quem tem milho na propriedade, tem carne e leite. "E o que a gente houve falar por aí é que a partir de fevereiro nem milho do governo vai existir mais".

Prorrogação para plantio

Produtores avaliam prejuízos da seca e constataam que ainda continuam sem planta, nas regiões Noroeste e Missões, quase 130 mil hectares de lavoura. Querem prorrogação no plantio e uma linha de crédito especial.

Prorrogação no prazo para semeadura com cobertura de Proagro e abertura de uma linha de crédito especial para replantio são, em síntese, as reivindicações dos produtores de soja e de milho das regiões Noroeste e Missões, que estão sofrendo os efeitos da seca que já se arrasta há mais de 60 dias. As reivindicações saíram em forma de documento e foram encaminhadas às autoridades do Banco Central, do Ministério da Agricultura e do governo do Estado. Em outro documento, também enviado às mesmas autoridades, eles reivindicam um crédito de emergência a fundo perdido, para manutenção familiar dos pequenos produtores.

A questão da seca e seus efeitos sobre as culturas da soja e do milho já atinge, nessa microregião do Estado, 22 municípios, que ainda têm por plantar, ao todo, 129.625 hectares de um total de 995 mil hectares. 13 por cento da área total ainda continua sem planta. Todos estes dados referentes a área de plantio e replantio foram levantados pela comissão encarregada de elaborar os dois documentos e que esteve constituída pela Comissão Agropecuária de Ijuí; pela Cotrijuf, Cotripal, Cotrisa, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Panambi, Augusto Pestana, Catuípe, Santo Ângelo; pelos Sindicatos Rurais de Ijuí, Ajuricaba, Santo Augusto, Santo Ângelo e Giruá, pelas prefeituras municipais de Ijuí, Catuípe, Chiapetta, Giruá, Santo Ângelo, Augusto Pestana e Jóia; pelas Câmaras de Vereadores de Ijuí e Augusto Pestana; por empresas de Assistência Técnica, pela agência do Banco do Brasil de Ijuí, pela Emater; Associação dos Engenheiros Agrônomos de Ijuí; pela Associação dos Técnicos Agrícolas do Estado; Delegacias do Ministério da Agricultura de Ijuí; Casa da Agricultura de Catuípe; CEP, da Fecotrijo; pela União de Mulheres de Ijuí e pelo Banco Nacional Crédito Cooperativo de Ijuí.

De acordo com o levantamento realizado pela Comissão formada durante a reunião que aconteceu no dia 11 de janeiro, no auditó-

rio da Cotrijuf, em Ijuí e que contou com a presença de 78 representantes dos municípios mais atingidos pela seca, a região de Augusto Pestana é a que mais prejuízos está tendo com a falta de chuvas. De um total de 25 mil hectares de lavoura, foram plantados, até agora, apenas 15 mil hectares. Ou seja: faltam plantar 40 por cento da área de plantio. Em Ijuí a situação não é tão dramática, mas é, mesmo assim, delicada. Faltam ainda para serem plantadas 13.750 hectares que representam 13 por cento da área total. Em Giruá e Catuípe faltam 20 por cento da área total; Em Santo Ângelo, Jóia, Ajuricaba, Panambi e Pejuçara, 20 por cento do total da área ainda não foi plantada. Em Santo Antônio das Missões a área a ser plantada é de 3.900 hectares, representando 13 por cento do total. Em São Luiz Gonzaga e Bossoroca ainda faltam plantar 12 por cento da área e em Guarani das Missões, Tupanciretã, Condor e Santa Bárbara, 10 por cento. A situação é menos grave nos municípios de Caibaté, Chiapetta, Santo Augusto, Cruz Alta, São Borja e Roque Gonzales.

AS REIVINDICAÇÕES

Como argumentos para as suas reivindicações, os agricultores e entidades que assinam o documento, lembram que a área atingida pela seca representa aproximadamente 25 por cento da área cultivada com soja no Rio Grande do Sul. Ou seja: faltam ainda ser plantados mais de 130 mil hectares, isso sem considerar aquelas áreas que estão a exigir replantio. Apontam as dificuldades de se conseguir sementes de cultivares de ciclo longo, mais apropriadas para o plantio nesta época, lembrando, ao mesmo tempo, que grande parte destes agricultores estão com os insumos estocados.

Considerando todos estes problemas e mais ainda o fato de que uma grande parcela de agricultores desta região fez suas lavouras com recursos próprios e estão sofrendo

perdas totais; que as perdas com a lavoura de milho chegam a 80 por cento e que, levando em conta que por experiências de anos anteriores, o plantio emergencial retardado ainda proporcionou algum retorno econômico aos agricultores, pois em 1985/86 o rendimento médio estadual da soja fechou em 1.009 quilos por hectare e que é muito mais racional administrar uma produtividade menor do que assumir antecipadamente uma perda total, os produtores reivindicam prorrogação de prazo para a semeadura da lavoura de soja com cobertura de Proagro. Eles pedem para o governo estender o prazo de semeadura das cultivares de ciclo precoce para até o dia 20 de janeiro e até 31 de janeiro para as cultivares de ciclo médio, semi-tardio e tardio. O mesmo prazo, 31 de janeiro para as culturas de milho e de sorgo. Finalmente, abertura de crédito especial pra replantio e reinstalação de lavouras formadas com recursos próprios.

Em um outro documento, solicitam crédito de emergência a fundos perdidos, para manutenção familiar dos pequenos agricultores que estão, já nesta altura, enfrentando dificuldades econômicas em razão da seca.

A segunda comissão, constituída por prefeitos e lideranças da região foi encarregada de manter audiência com o governo do Estado para saber da possibilidade de se conseguir um avião da Fundação Cearense de Meteorologia, Fortaleza, para fazer a nucleação de nuvens e provocar chuvas. Dos contatos mantidos, veio a notícia, transmitida através do Superintendente de Irrigação da Secretaria da Agricultura, Rogério Porto, de que estes aviões operam apenas em nuvens situadas em cima de açudes, e objetivam única e exclusivamente o abastecimento da população. Sendo assim, a vinda de um avião da Fundação Cearense para a região ficou totalmente descartada. Mas a chuva que começou a cair no dia 14 já renovava as esperanças dos agricultores prejudicados pela seca.

Produção existe, o que falta é preço

Produtores de alho estão num beco sem saída. Num ano de superoferta, indústrias importam alho em pó e o consumo cai em mais de 20 por cento. Para empurrar mais para o fundo, o fantasma do alho contrabandeado da Argentina.

O alho está dando o que falar entre os produtores brasileiros que não se conformam com os baixíssimos preços praticados no mercado. A produção existe, mas um preço compensador, nem perspectivas. Esse quadro pode significar que, a exemplo do que ocorreu com a batatinha, o alho também possa ir "para o saco". "Esta é uma safra recorde, diz o presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Hortigranjeiros, Hermes Bitencourt, lembrando que só neste ano, estão sendo produzidos, em todo o país, aproximadamente 72 mil toneladas do produto.

Nesta safra foram cultivados no Brasil uma área de 15.900 hectares com alho, com uma estimativa de produção de 72 mil toneladas. 31.300 toneladas deverão ir para o mercado atacadista do país, representando uma demanda mensal de 2.600 toneladas por mês. 12.600 toneladas se destinam a sementes; 7 mil para a indústria e 20.100 para o abastecimento do mercado interno. Toda essa produção quase que é suficiente para o abastecimento do mercado interno, ficando a descoberto os meses de maio, junho, julho e agosto, período em que não existe produção.

MERCADO PIOR

Se o mercado já andava danado de ruim, nesta última semana ele ficou

pior. Causas: superoferta de produção e queda no consumo que deverá andar ao redor de 30 por cento. A notícia de superoferta saiu do interior de Santa Catarina, da região de Curitiba. Por causa destas notícias, os preços caíram ainda mais, "pois os atacadistas continuam na espreita", observa Hermes.

Mas a verdade é que o mercado já vinha ruim desde outubro em função da produção recorde e do fantasma do contrabando do alho argentino. De janeiro a maio, entraram no país, de forma ilegal, 4 mil toneladas de produto. Para piorar a situação, já está acertado entre Brasil e Argentina, para a partir de maio, a importação de mais 8 mil toneladas de produto para fazer concorrência com o nacional. Outra notícia que começa a alarmar os produtores: a Bolívia, que nunca produziu alho, está pressionando o Brasil para importar o produto ainda este ano. "Esta é mais uma notícia ruim para os produtores que já estão atolados em prejuízos".

Outro problema é o alho industrial. Do jeito que andam as coisas, principalmente num país onde tudo pode acontecer, é provável que ele não tenha mercado neste ano, porque as indústrias formaram estoques com produção adquirida no Centro-Oeste e Sudeste do país. Para agravar uma situa-



Uma produção recorde castigada pelas importações

ção que já não tem safra, apareceu o alho em pó, que entrou no país, apesar das importações estarem proibidas. "A importação de alho em pó, denuncia o presidente da CCGH, foi um verdadeiro cambalacho que merecia uma investigação mais rigorosa para que o produtor pudesse identificar o autor de tal medida". O lamentável, continua, é que ninguém quer assumir essas importações que estão prejudicando o produtor nacional".

EGF PARA O ALHO

Diante da situação de falta de preços, o governo, através do voto 657/87, do Conselho Monetário Nacional, aprovou novos preços mínimos para o alho. "Acredito que o Banco do Brasil já esteja realizando operações de EGFs (Empréstimos do Governo Federal) para os produtores de alho, com opção para AGFs (Aquisição do Governo Federal). Essa medida do governo, segundo o presidente da CCGH, vem beneficiar o produtor, que vai ter agora, mais espaço de tempo para comercializar a sua produção e dinheiro para pagar o financiamento. "Em vez

de jogar toda a produção num mercado que está ruim, ele vai ganhar tempo e esperar a situação melhorar", observa.

O ALHO DA REGIÃO

Na área de atuação da Cotrijuf, Regional Pioneira, foram plantados 143 hectares de alho nesta safra, com uma estimativa de produção, segundo o agrônomo Francisco Salla, de 250 toneladas. Quase metade de produção recebida está sendo destinada a indústria. Os primeiros produtores que entregaram a produção, isso antes de 24 de dezembro, ainda receberam, de adiantamento, um valor de Cz\$ 30,00 para os alhos graúdos; Cz\$ 15,00 para os alhos médios e Cz\$ 5,00 para os alhos classificados para indústria. "O produtor que entregou a sua produção depois do Natal, diz Nelci Baroni, gerente de comercialização da Cerealista, não recebeu adiantamento, porque os valores vão depender das vendas a serem feitas". O procedimento será tomado com relação a liquidação final do produto. Tudo vai depender das vendas daqui para frente.

Preocupação com as dívidas

"Espero obter com o alho um retorno econômico razoável", dizia o agricultor e técnico em agropecuária Rubem Grossmann no início do mês de janeiro. Ele é proprietário de 20 hectares e meio de terra na localidade de São Valério, interior do município de Santo Augusto e, embora já tivesse de colheita feita e a produção em processo de cura, ele ainda não tinha se informado sobre o preço do produto e o andamento do mercado.

Rubem está plantando alho para fins comerciais, pela primeira vez. Ele plantou 100 quilos da variedade Portela, utilizando em torno de 40 por cento de adubação química e o restante completou com adubo orgânico. No início da bulbificação fez duas aplicações de inseticidas para controlar o trips. Fez toda a lavoura financiada, pegando um custeio no valor de Cz\$ 15 mil, mas agora já não sabe em quanto anda a dívida. Só sabe que o vencimento é para fevereiro. "Estou experimentando o alho, diz ele. Se me der os



Luiz: não sabe se volta plantar

resultados econômicos esperados, será mais uma cultura alternativa a ser adotada". O Rubem ainda está mais confiante nos seus resultados econômicos porque teve toda a sua produção aprovada para semente.

PREOCUPADO COM O PREÇO

O Luiz Torgerski, proprietário de dois hectares de terra na localidade de São Sebastião, interior do município de São Martinho, é mais um produtor que andou plantando alho nesta safra pela primeira vez. Utilizou 400 quilos da semente da variedade Portela e tirou uma produção ao redor dos 3.200 quilos. Plantou financiado e hoje anda preocupado com a dívida de Cz\$ 61 mil já pulou para Cz\$ 110 mil.

Mas agora já não é só a dívida no banco que preocupou o Luiz. No dia 5 de janeiro, quando fazia a entrega de mais uma carga de produto na Cooperativa, ficou sabendo que o alho estava sem preço e sem qualquer perspectiva de melhora no mercado. Diz que o culpado por toda essa situação é o próprio governo que em vez de incentivar o produto nacional, comprando a sua produção, prefere importar produto de fora. "Do jeito que anda o mercado, com perspectiva de preço ruim, quem vai querer plantar alho na próxima safra? Acredito que quase ninguém. De que adianta atender os apelos para continuar plantando, se não tem a remuneração adequada?", perguntava ele, já fazendo as suas contas para saber em quanto teria de vender a sua produção para poder se livrar do banco.

Outra reclamação do Luiz: a

classificação.

"Para mim alho é tudo a mesma coisa. Não sei porque inventaram de fazer distinção por tamanho. Essa tal de classificação é só mais uma forma de explorar ainda mais o produtor", dizia ele, depois de ver a maior parte da sua produção classificada como tipo 2. "Isso significa que ainda vou receber menos pela minha produção". Nem mesmo o fato de entregar uma parte para semente, estava deixando o Luiz mais otimista. "Entregar produto para semente não significa muita coisa, pois se o mercado continua bagunçado do jeito que está, quem vai querer semente e fazer lavoura na próxima safra? Nem eu sei se vou voltar a plantar alho".

O seu Edmundo Mainardi planta alho há muitos anos e, embora ainda não tivesse recebido o adiantamento pelo produto e nem soubesse nada a respeito do preço, andava satisfeito com a colheita, ao redor de 1.000 quilos. Ele é proprietário de 32 hectares de terra em Esquina Gaúcha, interior de Augusto Pestana, onde plantou, nesta safra, em conjunto com os filhos, 170 quilos da variedade Portela e 30 quilos do Centenário. Ele acha que se o preço não for bom, não tem muito a perder. "Fiz toda a lavoura por conta". Mas para o João Valmir, um dos filhos, esse ano não compensou plantar alho. "A lavoura não deu



Edmundo: satisfeito



Rubem: espera retorno bem e o preço está muito ruim", afirma.

Mas para o seu Edmundo, o alho é mais uma alternativa que não pode deixar de ser plantada. "Eu gosto do alho, mas reconheço que neste ano, quem plantou financiado vai se dar muito mal. O preço vai atrapalhar muito produtor. Um preço compensador para o Portela, por exemplo, segundo seu Edmundo, deveria ficar ao redor de Cz\$ 100,00 por quilo. Ele está segurando em casa, para semente, uns 100 quilos da variedade Centenário e 170 do Portela. "Gostei muito de trabalhar com o Centenário, pena que seja um produto de menos valor no mercado".

CONTROLE BIOLÓGICO

Em vez de venenos, usar lagartas mortas e infestadas para combater as que estão vivas e prejudicando a lavoura. É um método eficiente, de custo reduzido e que contribui para a preservação da vida dos animais, das plantas e do próprio homem.



A lagarta coletada na lavoura apresenta a mesma eficiência do vírus em pó ou líquido

Lagarta x lagarta

Combater a lagarta da soja com a própria lagarta já não faz mais nenhum produtor ficar de cara torcida ou perguntar se vai dar certo. Ele está vendo na técnica de controle biológico não apenas a possibilidade de reduzir custos na lavoura, mas uma forma eficiente de trabalhar sem colocar em risco a sua vida, a dos animais, das abelhas e das próprias plantas.

O programa de controle biológico através do **Baculovirus anticarsia** iniciou em 1980, em Londrina no Paraná, chegando ao Rio Grande do Sul um ano depois, enfrentando a resistência e o medo dos produtores de perderem suas plantações para as lagartas que infestavam as lavouras. Afinal, até ali, eles só conheciam, como medida eficaz e imediata no combate às lagartas, o uso de inseticidas. Vencidas as primeiras resistências, a técnica se difundiu e os produtores só tinham a ganhar. Quem tinha lavoura atacada por lagartas, aplicava o vírus, esperava a infestação e depois chamava os conhecidos e a vizinhança para ver os resultados, coletar material e guardar no congelador para ser usado num possível ataque. Aqueles produtores que já usaram **Baculovirus anticarsia**, não duvidam da sua eficiência.

Mas apesar de comprovada a eficiência do **Baculovirus anticarsia** no combate a lagarta, tem ainda muitos produtores que desconhecem a técnica e continuam se valendo dos venenos para acabar com a praga. "É lamentável, diz Décio Cassol, agrônomo do departamento técnico da unidade de Santo Augusto, que ainda hoje, muitos produtores continuam fazendo o controle da lagarta da soja com a utilização de inseticidas químicos, empregados em aplicações feitas logo após a constatação do primeiro surto na lavoura". Essa pressa de tocar veneno na lavoura, segundo o agrônomo, tem ocasionado sérios desequilíbrios entre as populações da praga e seus inimigos naturais, "reduzindo seriamente o potencial de controle biológico". A preocupação do Cassol tem fundamento, pois sempre que o produtor tocar veneno na lavoura, logo em seguida acontece um novo surto de lagartas na soja de grandes proporções.

A AÇÃO DO VÍRUS

Mas como o vírus ataca a lagarta da soja? Essa é uma pergunta que

ainda é feita por muitos produtores. Ele só vai agir sobre a lagarta quando for ingerido por ela. Ele não se infesta pelo simples contato. No intestino do animal, ele se multiplica atacando as células dos tecidos. Assim, ele vai transformando toda a matéria da lagarta em vírus. Da infestação até a morte da lagarta vão mais ou menos uns sete dias. O processo de morte começa com a sua descoloração na parte ventral e, a partir do quarto dia, ela apresenta pouca mobilidade, deixando, inclusive, de se alimentar. Sem se alimentar e sem conseguir se mexer, ela pendurada pelas patas, de cabeça para baixo. Assim ela se transformou numa espécie de cápsula natural de vírus. Em cada uma destas cápsulas, calcula-se que ficam em torno de 200 bilhões de vírus.

Nos primeiros dias após a morte, a lagarta apresenta o corpo amolecido com uma coloração amarelo esbranquiçado. Aos poucos vai escurecendo, até atingir a cor preta. É justamente nesta fase que o corpo da lagarta, agora transformado numa espécie de "cápsula" se rompe com facilidade, espalhando todo o seu conteúdo sobre as folhas das plantas. E são estas folhas infestadas que servirão de alimento para outras lagartas. Desta forma, vai se procedendo o controle biológico.

Esse vírus também pode ficar acumulado no solo, onde, dependendo das condições climáticas, pode permanecer de um ano para outro e voltar a infestar novamente a lavoura, caso apareça um ataque de lagarta. "É bom esclarecer, alerta o Cassol, que o **Baculovirus anticarsia** é seletivo. Ou seja: ele só combate a lagarta da soja, a **Anticarsia gemmatilis**". Ele não prejudica os inimigos naturais.

QUANDO APLICAR O BACULOVÍRUS

Como o vírus só age na lagarta da soja por ingestão, é praticamente impossível fazer aplicação de forma preventiva. Ele é bastante suscetível à radiação solar e poderá não surtir os efeitos desejados. Afora essa questão, o período de duração do vírus sobre as folhas é pequeníssimo. Também não se recomenda a sua aplicação em horários muito quentes, pois caso contrário, a eficiência no controle da lagarta ficaria comprometida. Mas quan-

do o vírus deve ser aplicado na lavoura? Ele deve ser utilizado sobre populações de lagartas com até 1,5 centímetros de comprimento. Ou melhor: quando o número de lagartas pequenas estiver em torno de 20 e o de lagartas grandes em 10 por batida de pano.

O nível de persistência da lagarta na lavoura varia bastante. No primeiro dia ele estabelece 100 por cento e a partir do sexto dia a eficiência cai para 60 por cento. Mas de qualquer forma, as lagartas que ingeriram vírus, já estarão morrendo a partir do quinto dia de aplicação. A dosagem necessária para controlar a lagarta de um hectare de lavoura é de 50 lagartas grandes, infestadas, ou então, 15 gramas de lagartas mortas e infestadas.

O PROGRAMA DA COTRIJUI

Na última safra, em função das condições climáticas, o ataque de lagartas foi reduzido e, mesmo onde aconteceu algum, foi praticamente impossível fazer a multiplicação de material por causa das constantes chuvas. Aproveitando um ataque intenso de lagartas que ocorria em lavouras de soja

de Maracaju, em Mato Grosso, o Cassol, munido de 80 doses, foi até lá para fazer a multiplicação. As 80 doses se transformaram em 400. "Só não trouxemos mais material, conta ele, porque tivemos o trabalho prejudicado pelas chuvas". Mas acredito que esse material deverá ser suficiente para combater os primeiros ataques de lagartas e evitar a aplicação de inseticidas. Cada produtor que pegar uma dose, ficará encarregado de multiplicá-la. "O nosso grande objetivo é retardar ao máximo possível qualquer aplicação de veneno", ressalta.



Uma dose de 50 lagartas é o suficiente para um hectare de lavoura

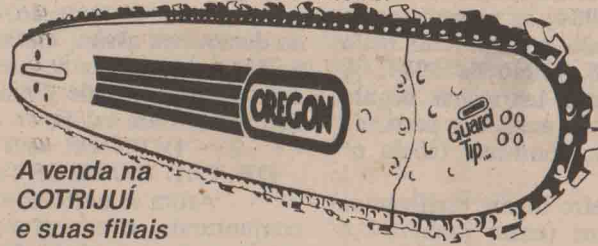
Afora esse material multiplicado em Mato Grosso, a Cotrijui está colocando ainda à disposição do quadro social, mais duas mil doses de baculovirus, oriundas da Embrapa. São doses formuladas em pó ou em líquido. Cada uma destas doses será colocada aos produtores pelo preço de Cz\$ 140,00. "Vale lembrar que o custo por hectare, em caso de aplicação de veneno, anda em Cz\$ 220,00, explica. As doses congeladas com vírus impuros — aquelas lagartinhas infestadas e que o produtor guarda no congelador — serão utilizadas em áreas demonstrativas. "O que queremos, diz o Cassol, é levar a técnica aos produtores que ainda não utilizam o método para o combate da lagarta da soja".

A melhor seleção do mundo é a que tem o melhor conjunto.

OREGON®

Conjunto de corte para Moto-Serras.

Seja qual for a marca de sua moto-serra, use correntes, barras e pinhões OREGON®. É equipamento original da maioria das moto-serras no mundo inteiro.



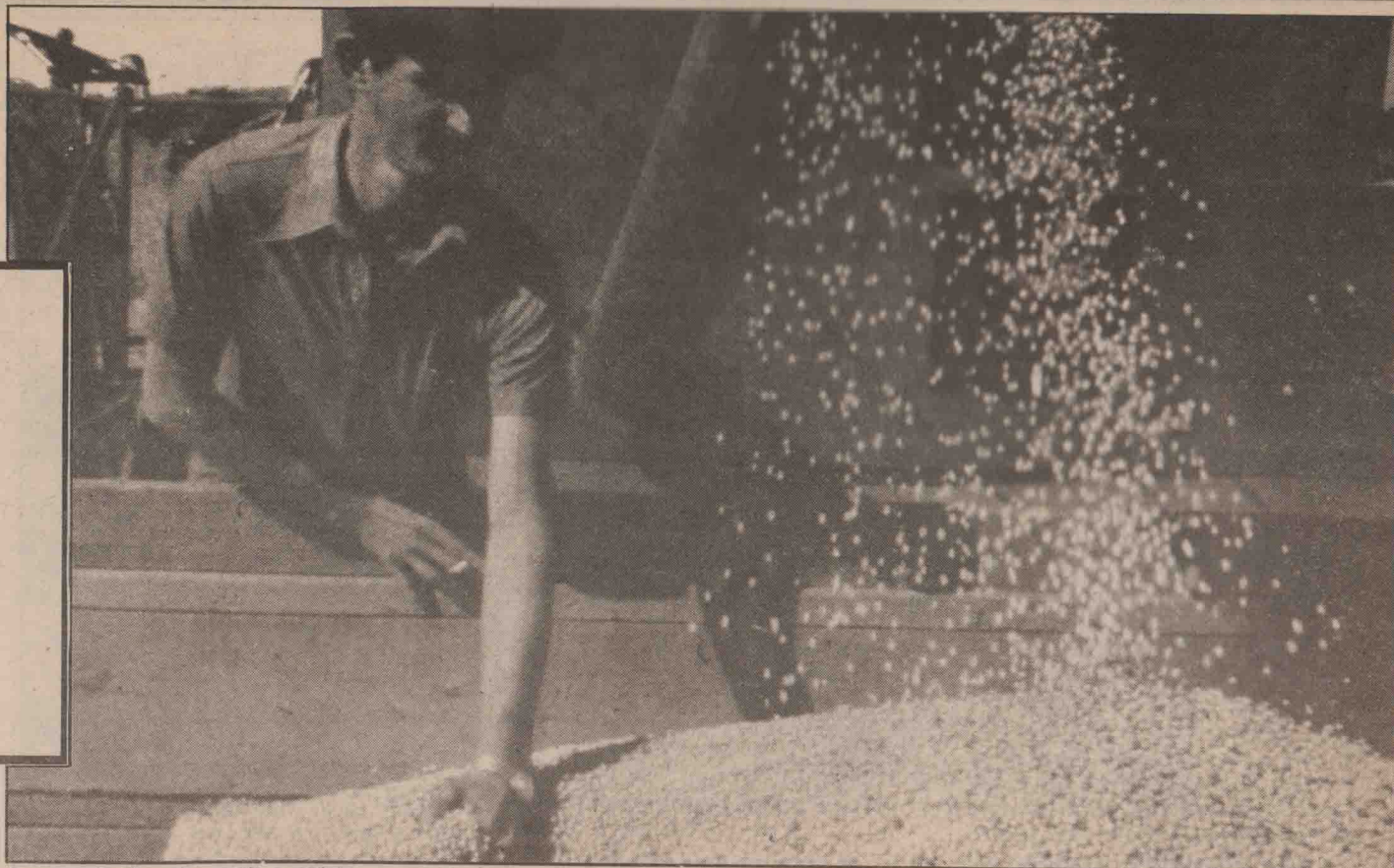
A venda na COTRIJUI e suas filiais

Distribuidor para a Região Sul

Nova Santa S.A.

Máquinas e Ferramentas
Fone: 42-5955 - Porto Alegre

A crise financeira e o retorno, com toda a força, da União Soviética ao mercado comprador de grãos e farelo de soja, fazem as cotações da soja subir.



O mercado da soja continua altista

Cotações da soja em alta

Prof. Argemiro Luís Brum - Montpellier - França

Voltamos neste artigo a analisar o comportamento dos preços do "complexo soja" no mercado internacional. O motivo que nos leva a esta análise é o fato de que as cotações internacionais (com base na Bolsa de Chicago) foram positivas para o conjunto do ano de 1987, mas sobretudo entre fins de outubro passado e início do mês de dezembro (nossa coleta de dados considera apenas os 8 primeiros dias do mês de dezembro).

1 - O ANO DE 1987 FOI POSITIVO PARA AS COTAÇÕES DO "COMPLEXO SOJA"

Para melhor entendermos o que aconteceu, vamos em primeiro lugar analisar as tabelas n° 1 e n° 2 que acompanham este artigo.

Com relação a tabela n° 1 observamos que ocorreu um forte aumento nas cotações do complexo soja a partir de outubro passado. Na verdade, a média dos primeiros oito dias de dezembro alcança para o grão 221 dólares/tonelada, níveis só encontrados no distante mês de novembro de 1984. Para o farelo a situação é ainda mais evidente pois a cotação de 237 dólares/tonelada encontrada no início de dezembro de 1987 não era mais alcançada desde dezembro de 1983. O óleo, embora menos ativo, alcançou igualmente no período em questão cotações que não eram vistas desde o segundo semestre de 1985 (416 dólares/tonelada).

De fato, se analisarmos com mais atenção os dados desta tabela, verificamos que após uma forte queda nas cotações internacionais, iniciada em meados de 1984, as mesmas parecem ter alcançado o fundo do poço em fins de 1986, início de 1987. A partir daí, há uma lenta mas segura recuperação que se acelera a partir de outubro passado, conforme tabela n° 2.

Em primeiro lugar, verificamos que em três anos (entre junho/84 e junho/87), o "complexo soja" viveu uma tendência baixista significativa. Em termos acumulados, o grão perdeu 27,1 por cento e o óleo de soja 56,5

por cento. Apenas o farelo, com seus 7 por cento positivos, parece ter salvo a honra. No entanto, isto se deu graças ao comportamento no primeiro semestre de 1987. Aliás, comportamento positivo no geral, fato que ajudou igualmente ao grão e ao óleo.

Assim, em termos acumulados verificamos que o grão obteve um aumento de 12 por cento no transcorrer de 1987 (5 por cento no primeiro semestre e 7 por cento no segundo). Por sua vez, o óleo acumulou 22,5 por cento de aumento no mesmo período (9,5 por cento no primeiro semestre e 13 por cento no segundo). Mas é o farelo que leva as honras com um aumento total em 1987 de 42 por cento (divididos em igualdade a 21 por cento para cada semestre do ano).

Isto nos permite afirmar que, em termos do mercado internacional, 1987 foi um ano positivo para o "complexo soja" em termos de cotações, sobretudo quanto ao segundo semestre. Igualmente, podemos afirmar que foi o farelo que liderou o avanço das cotações do "complexo".

Mas, foi graças às fortes elevações nas cotações, acontecidas no último trimestre do ano que esta performance pôde ser obtida, conforme nos mostra a tabela n° 3. Em outras palavras, os nove primeiros meses de 1987 permitiram um acumulado positivo de "apenas" 17,5 por cento e 5,4 por cento nas cotações respectivamente do farelo e do óleo de soja. Enquanto o grão, no mesmo período, fica com uma variação acumulada negativa de 2,4 por cento em sua cotação. Esta realidade demonstra assim, claramente, a importância da virada acontecida no último trimestre. Quais foram os motivos que permitiram tal fato?

2 - DOIS OS MOTIVOS DE TAL COMPORTAMENTO

Afora as notícias extremamente conjunturais, como situações climáticas durante o período de plantio, desenvolvimento e colheita da soja nas duas grandes regiões produtoras do mundo (Estados Unidos da América

EUA e América do Sul), que aliás neste último ano não sofreu problemas importantes desta ordem, o mercado do "complexo soja" se defrontou com outros fatos no transcorrer de 1987.

Um primeiro fato foi de que os EUA, já no segundo semestre, anunciou uma revisão para menos em sua produção de milho e de soja de 1987 com relação ao ano anterior. Em meados de novembro passado os norte-americanos anunciaram que a produção de soja ficaria em 53,28 milhões de toneladas (54,6 milhões em 1986), e que em milho a produção ficaria em 182,01 milhões de toneladas (209,6 milhões em 1986). Isto evidentemente agita o mercado, porém, se olharmos a média norte-americana dos últimos cinco anos (53,08 milhões de toneladas) a produção de soja em 1987 situa-se mesmo um pouco acima da média. Em outras palavras, temos aí uma informação importante, porém, que não

explica as fortes elevações nas cotações no último trimestre do ano.

Uma segunda informação, foi o recuo do Brasil, igualmente no segundo semestre, nas suas exportações do complexo soja. Isto foi muito ressentido aqui na Europa! A política do chamado "Plano Bresser ou Novo Cruzado", na necessidade de conter a inflação interna a níveis baixos se viu obrigada a limitar as exportações. E a partir de setembro passado o Brasil praticamente havia desaparecido do mercado exportador do "complexo soja". Esta informação evidentemente trouxe uma certa inquietude ao mercado, porém, os estoques mundiais desta oleaginosa são ainda importantes, e o anúncio de que a safra brasileira, para 1988, poderá alcançar entre 18,3 a 19,3 milhões de toneladas acabaram eliminando os efeitos altistas que a safra temporária do Brasil do mercado internacional provocava.

TABELA N° 1 - Evolução das cotações internacionais do "Complexo Soja" na Bolsa de Chicago (Média mensal em dólares/tonelada)

Mês	Grão	Farelo	Óleo
Junho/84	283	201	752
Junho/85	212	134	674
Junho/86	194	164	372
Janeiro/87	182	158	331
Fevereiro/87	181	160	322
Março/87	179	154	320
Abril/87	188	165	350
Mai/87	201	182	369
Junho/87	207	194	367
Julho/87	200	189	357
Agosto/87	191	178	349
Setembro/87	192	187	354
Outubro/87	198	198	379
Novembro/87	205	215	388
Dezembro/87 (*)	221	237	416

(*) Média até o dia 8 de dezembro, data da elaboração do presente artigo.
Fonte: O autor, com base em dados publicados pelo jornal La Dépêche Commerciale et Agricole (Paris) e do Boletim Mensal Estatístico da FAO (Roma)

Uma tendência altista instável

Desta forma, outras são as grandes notícias que estiveram na origem do forte aumento nas cotações internacionais do "complexo soja" no final de 1987. Na verdade, no nosso entender elas são duas.

A primeira, é o retorno em força da União Soviética (URSS) ao mercado comprador de grãos e farelos de soja no final do ano. Aliás, a URSS já havia estado no mercado em maio/junho passados, fato que auxiliou a uma recuperação passageira nas cotações internacionais do "complexo soja" como podemos ver na tabela nº 1. Na época se ventilou, na Europa, a idéia de que os efeitos a médio prazo de Chernobyl começavam a se fazer sentir sobre os soviéticos.

Parece-nos, embora sem possibilidades de confirmar por inteiro, que esta hipótese se confirma, além evidentemente dos tradicionais problemas climáticos na safra de grãos da URSS. Estes seriam os motivos principais da nova, e vigorosa investida dos soviéticos sobre o mercado comprador de soja. Assim, em outubro passado eles teriam comprado 500 mil toneladas de farelo de soja (250 mil dos EUA e outras 250 mil da Argentina). Já no mês de novembro a URSS comprou mais 400 mil toneladas de grãos de soja e 150 mil toneladas de farelo, anunciando novas compras para o final daquele mês a níveis importantes (700 mil toneladas de farelo de soja, 44 por cento de proteína, de origem norte-americana). Confirmando-se esta última demanda, a URSS teria importado, somente em dois meses, 400 mil toneladas de grãos de soja e 1,35 milhão de toneladas de farelo. Sem falar nas compras de outros países, em especial os outros países do Leste. Evidentemente o mercado reagiu de forma significativa!

Tanto mais significativa que a reação soviética se deu exatamente no mercado em que o segundo grande motivo se produzia no mercado internacional: o "crak" do mercado financeiro, representado pela queda vertiginosa nas cotações das ações cotadas nas principais bolsas de valores do mundo. Um "crak" comparável ao conhecido em 1929, senão pior, se considerarmos as estatísticas.

Embora a reação das matérias-primas cotadas em Bolsa atualmente não obedecem a mesma lógica de antes (sobretudo porque os produtos de base não participam mais de forma maciça

no processo industrial, pois os produtos sintéticos estão a cada dia que passa expulsando os produtos naturais deste processo) o fato é que uma tal crise financeira não podia passar na sombra. Assim, a mesma provocou duas reações que atingiram diretamente o mercado da soja. Em primeiro lugar, os especuladores, vendo que o mercado de ações não oferecia mais segurança, passaram a aplicar seus recursos nas matérias-primas cotadas em Bolsa. Isto faz subir as cotações, inclusive as do "complexo soja" na Bolsa de Chicago. Em segundo lugar, está o fato de que o dólar teve sua queda, em relação as principais moedas ocidentais, acelerada com a tempestade financeira que se abateu sobre o mundo depois da segunda-feira negra (19/10/87). Isto permite que estes países comprem a soja e seus derivados a preços mais baixos. Teoricamente este fato estimula uma maior demanda, sobretudo nesta época do ano (outono no hemisfério norte) quando os europeus estão reconstituindo seus estoques de rações.

Temos aí então o segundo e forte motivo das elevações acontecidas no último trimestre de 1987. As questões que podemos fazer agora são as seguintes: Até quando isto poderá durar? Que consequências poderá haver sobre a futura comercialização da soja brasileira?

3 - UMA TENDÊNCIA ALTISTA INSTÁVEL

A duração desta tendência altista é extremamente difícil de se prever. Ela poderia durar se a URSS continuar comprando soja e farelo no mercado internacional, fato que é possível. Entretanto, pelos volumes já adquiridos, nos parece difícil os soviéticos continuarem no mesmo ritmo de compras para o primeiro semestre de 1988. Por outro lado, ela poderia durar enquanto a crise financeira durar. Neste ponto, a incógnita é total. Por enquanto a crise dura, e pelo que se analisa, ela só poderá parar quando de uma reunião positiva dos Sete Grandes do mundo ocidental (EUA, Japão, Alemanha Ocidental, França, Itália, Canadá e Grã-Bretanha). Reunião que por enquanto estaria longe de acontecer, apesar das pressões do mercado.

Pelo sim e pelo não, um dado nos parece revelador neste momento em que escrevemos este artigo: apesar da média dos oito primeiros dias do mês de dezembro ser a mais elevada

do ano, a tendência altista, se considerarmos a média semanal, se reverteu, exatamente na primeira semana de dezembro, conforme a tabela nº 4. Nos resta agora acompanhar qual será a direção que esta tendência terá para o restante mês de dezembro e os primeiros dois meses de 1988. Tarefa que sugiro ao leitor de realizá-la para não perder de vista o comportamento do mercado internacional.

4 - PARA O BRASIL É MUITO CEDO PARA EUFORIAS

Consideramos que apesar da significativa elevação, nestes últimos tempos, nas cotações internacionais, é extremamente cedo para euforias no Brasil. Certo, se a tendência altista continuar tanto melhor, pois quanto mais alta as cotações em Chicago, melhores seriam os preços internos da soja ao produtor brasileiro. Entretanto, por enquanto nada garante uma continuidade altista nesta tendência.

Por outro lado, não podemos absolutamente esquecer que os preços em cruzados para a soja, dependem hoje, mais do que nunca, do comportamento da política econômica do governo brasileiro. Todos estão lembrados que os altos preços praticados, a partir do mês de maio, na última safra nacional de soja, foram quase que exclusivamente em função do que aconteceu na economia interna do país.

Assim, além dos fatores externos, com as cotações em Chicago, temos um fator interno decisivo que é a variação da taxa cambial (isto é, a desvalorização do cruzado em relação ao dólar). E neste último ponto a diferença pode ser decisiva, como já o foi em maio e junho passados, fato que

pouca gente compreendeu.

Apenas a título de exemplo, fizemos na tabela nº 5 uma pequena projeção dos preços em cruzados para a soja brasileira, considerando como base a cotação do grão de soja no dia 8 de dezembro, em Chicago, para o mês de maio de 1988, que era de 6,00 dólares/bushel (um bushel = 27,21 quilos). Percebe-se que, somente em função da variação cambial no Brasil, os preços podem variar em até 44 por cento pelo nosso exemplo da tabela nº 5.

Enfim, salientamos que a variação cambial deverá se comportar em função dos resultados da balança comercial brasileira, que deverá imperativamente chegar a um superávit em 1988 entre 10 e 12 bilhões de dólares. Ora, as exportações serão estimuladas na medida em que a variação cambial for superior a inflação interna, pois do contrário as indústrias terão mais interesse em vender no mercado interno e não exportar. Assim, quanto mais a inflação interna subir (como estava sendo o caso nos últimos meses de 1987) mais a tendência é de termos uma elevada desvalorização cambial em média mensal. Como os preços da soja são calculados em função de uma cotação inicial em dólares, isto acaba favorecendo o aumento dos preços da saca de 60 quilos paga em cruzados.

Este é o quadro visto do exterior, na primeira quinzena de dezembro de 1987. Cabe aos interessados, a partir de agora, acompanharem de perto todos estes pontos acima salientados para irem construindo, mês a mês, suas próprias projeções de preços, a fim de não serem pegos de surpresa.

TABELA 2 - EVOLUÇÃO PERCENTUAL DAS COTAÇÕES INTERNACIONAIS DO "COMPLEXO SOJA" NA BOLSA DE CHICAGO (Junho/84 a Dezembro/87)

Relações	Grão	Farelo	Óleo
Junho 85/Junho 84	- 25%	- 33%	- 10%
Junho 86/Junho 85	- 8,6%	+ 22%	- 45%
Junho 87/Junho 86	+ 6,5%	+ 18%	- 1,5%
1) Acumulado entre Junho 84 e Junho 87 (*)	- 27,1%	+ 7%	- 56,5%
2) Acumulado entre Janeiro 87 e Junho 87	+ 5,0%	+ 21%	+ 9,5%
3) Acumulado entre Julho 87 e Dezembro 87 (**)	+ 7,0%	+ 21%	+ 13%
4) Acumulado entre Janeiro 87 e Dezembro 87 (**)	+ 12,0%	+ 42%	+ 22,5%

(*) Considerando apenas as três relações citadas.

(**) Até o dia 8 do mês de dezembro, data da elaboração do artigo.

Fonte: O autor, com base nos dados da tabela nº 1

TABELA 3 - VARIAÇÃO PERCENTUAL DAS COTAÇÕES DO "COMPLEXO SOJA" NA BOLSA DE CHICAGO EM 1987 (destaque para o quarto trimestre)

	Grão	Farelo	Óleo
Acumulado dos nove primeiros meses do ano	- 2,4%	+ 17,5%	+ 5,4%
Acumulado Outubro/Novembro/Dezembro (*)	+ 14,4%	+ 24,7%	+ 16,7%

(*) Dados coletados até o dia 8 do mês de dezembro, data da elaboração do presente artigo.

Fonte: O autor, com base nos dados da tabela nº 2

TABELA Nº 4 - VARIAÇÃO SEMANAL DAS COTAÇÕES DO "COMPLEXO SOJA" NA BOLSA DE CHICAGO (Semana do 1º ao 8 de dezembro de 1987) - Em US\$/Tonelada e em variação percentual

	Grão	Farelo	Óleo
01.12	225	245	416
08.12	216	229	416
Variação percentual na semana	- 4%	- 6,5%	- 0

Fonte: O autor, com base nos dados da publicação especializada La Depeche Commerciale Et Agricole, Paris, 10.12.87, p. 2

TABELA Nº 5 - ESTIMATIVAS DO PREÇO DA SACADA DE 60 QUILOS DE SOJA NO RIO GRANDE DO SUL, PARA MAIO DE 1988, SEGUNDO DIFERENTES DESVALORIZAÇÕES MENSIS DO CRUZADO (preços ao produtor rural com base na cotação de US\$ 6,00/Bushel, para maio de 1988, na Bolsa de Chicago no dia 08.12.1987)

	Desvalorização mensal média do cruzado		
	8%	12%	15%
Taxa cambial em maio 1988 (Cz\$/US\$)	96,99	124,00	140,01
Preço da saca de 60 quilos ao produtor gaúcho (Cz\$)	999	1.277	1.443

Fonte: O autor, com base na fórmula de cálculo utilizada pela Corretora Pão de Açúcar de São Paulo.

Originárias do sistema Raiffeisen

O cooperativismo de crédito rural surgiu na Alemanha, na década de 1860. Foi idealizado por Frederico Guilherme Raiffeisen, um burgomestre inconformado com a situação de penúria dos pequenos produtores alemães. Alguns anos mais tarde o próprio Raiffeisen criou a Federação das Caixas Rurais, regidas por um banco centralizador que tinha a finalidade de disciplinar a captação e distribuição dos recursos entre as entidades singulares. Atualmente o sistema, na Alemanha, conta com 5.014 caixas locais, 11 caixas centrais, um banco cooperativo, 19.500 agências bancárias e uma federação.

No Brasil o cooperativismo de crédito não é nenhuma novidade. Ele apareceu em 1902, no município de Nova Petrópolis (ver matéria na página 14). Como o Brasil naquela época não dispunha de legislação apropriada, as Caixas Rurais, como eram chamadas primeiramente, orientavam-se pela regulamentação das caixas Raiffeisen, das quais foram copiadas. Lá pela década de 60 elas já eram em número de 60, prestando serviços e representando o marco inicial do crédito rural no Brasil. A primeira regulamentação do cooperativismo brasileiro

só apareceu em 1907 e a legislação própria em dezembro de 1932.

As antigas caixas rurais sobreviveram até que a reforma bancária de 1966 enterrou a maioria delas. Das 60 caixas rurais existentes no Rio Grande do Sul, só sobraram a de Crissiumal, Taquara, Rolante, Cerro Largo, Guarani das Missões, Panambi, Augusto Pestana, Agudo, Nova Petrópolis e a de Santa Maria. De caixas rurais elas transformaram-se em cooperativas de crédito rural, algumas delas sofrendo até hoje as conseqüências do estigma de más administrações no passado que ocorreram em algumas delas. O próprio governo colocou todas no mesmo pacote, as más e as boas, sem dar chances para que elas se viabilizassem.

Desde 1985 o Banco Central não autoriza a formação de novas unidades, mas apesar disto, novas cooperativas continuam se constituindo, pois a lei do cooperativismo prevê que, caso o Banco Central não se manifeste em 60 dias, elas podem entrar em funcionamento por decurso de prazo. Ou seja: basta estar inscrita numa Junta Comercial para entrar em funcionamento.

Cooperativas de crédito lutam por igualdade de tratamento. Restrições, implantadas a partir da reforma bancária, impedem maior avanço do sistema.



A Cooperativa Pestanense recuperou a sua cred

Dinheiro barato para o ag

Onde o produtor pode buscar dinheiro barato nestes tempos difíceis e de recursos sobrecarregados de taxas de juros? Em pequenas casas, de estrutura modesta, ocupando na maioria das vezes apenas uma sala, que trazem estampadas no portal de entrada o nome de cooperativa de crédito. Elas não são encontradas nas grandes cidades, em meio ao burburinho do trânsito ou ao

lado das grandes agências bancárias, porque elas estão lá perto da lavoura, bem onde os recursos repassados aos agricultores são gerados. Em meio a toda essa simplicidade, uma pretensão: a de ser o banco dos produtores.

São justamente nestas cooperativas de crédito que hoje se espalham por esse Brasil e que no Rio Grande do Sul totalizam 56, que os pequenos

e médios produtores, encontram os recursos necessários para financiar a compra de uma junta de bois, de um arado ou a reforma de um galpão. Os recursos repassados, a juros compatíveis com a realidade do produtor saem da própria atividade agrícola da região. É dinheiro gerado com a lavoura de soja, de feijão, de milho ou ainda com a suinocultura, a avicultura ou a atividade leiteira. Os

recursos são gerados na região e administrados na própria região, pelos seus geradores.

A AUTO-SUFICIÊNCIA

Enveredando por esse caminho, o cooperativismo de crédito quer buscar a sua auto-suficiência, mesmo sabendo que são muitos os obstáculos que ainda persistem pela frente e que só têm atrapalhado a sua atuação e expansão entre

Cocecrer: a Central dos gaúchos

A Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul, a Cocecrer, tem 72 mil associados e é formada por um grupo de 56 cooperativas filiadas, que integram o sistema. "Nós somos apenas mais uma pecinha do sistema", costuma dizer Ademar Schardong, um contabilista de 32 anos de idade, presidente da Cocecrer há pouco mais de dois anos. As 56 cooperativas filiadas e mais a Central, formam o que se chama de Sistema Integrado de Crédito Cooperativo, o Si-credi.

Em 1987 o patrimônio da Central andava em 300 milhões de cruzados, o ativo a um bilhão de cruzados e os depósitos à vista montaram em 300 milhões de cruzados. A Central e suas filiais operam com um quadro funcional formado por 600 pessoas. Todas as filiais, com exceção de duas que foram instaladas no final do ano passado, encerraram o exercício com resultados positivos reais e com correção monetária em todos os balanços. O sistema teve uma sobre liquida real de quase 100 milhões de cruzados, apesar de ter praticado taxas de juro entre dois pontos percentuais abaixo do praticado pelo mercado. Recebeu, durante o ano que passou, alguns recursos do Banco Nacional de Crédito Cooperativo e inclusive de alguns bancos privados, "mas todos insignificantes dentro do contexto", faz questão de esclarecer Schardong.

Todas as operações praticadas pelas cooperativas de crédito, sejam contábeis, de cheques, de documentos, entre outras, são padronizadas. O que serve para uma filiada, também serve para a outra instalada lá no outro extremo do Rio Grande do Sul. "Tudo é normatizado pelos Rips", explica o presidente. Ele é o catecismo do cooperativismo de crédito do Rio Grande do Sul, diz ainda, ressaltando que qualquer informação, seja sobre depó-



Ademar Schardong

sito na cooperativa ou de empréstimos, estão nesse manual. Ele contém todas as normas regulamentares do Banco Central sobre as cooperativas de crédito e as normas internas do sistema integrado de crédito rural do Estado.

UM EMBRIÃO

Ao constituir a Cocecrer, segundo Schardong, estava nascendo não apenas uma Central, "mas um embrião de um sistema integrado de crédito rural cooperativo no Rio Grande do Sul, onde condição "sine qua non" para o seu desenvolvimento era a perfeita integração horizontal e vertical das cooperativas que viessem a se formar". Com integração horizontal, Schardong quer a integração das cooperativas dentro do sistema. Mas esclarece que essa integração só será viabilizada através da organização vertical, que começou na base, com a cooperativa, com o associado e com a própria Central. "Esse é um requisito absolutamente indispensável para que qualquer sistema cooperativo de crédito dê certo", ressaltou.

Considera essa integração absolutamente necessária, porque uma cooperativa de crédito, não deixa de ser uma instituição financeira, e sendo instituição financeira, ela está compondo um sistema ao lado de qualquer outro, como o Banco do Brasil, por exemplo. E uma das razões apontadas por Schardong, para que ela se estruture verticalmente, é que consiga man-

ter uma estrutura enxuta, composta de elementos de nível, capazes de comandar o conjunto como se fosse uma instituição financeira bancária. "É claro, explica, que não se pode ter o mesmo procedimento de uma instituição financeira bancária, pois nestes casos, o diretor determina e cumpre-se a ordem. Num sistema cooperativo é diferente. A base decide e a cúpula executa, o que é completamente diferente".

Outra razão na opinião de Schardong, absolutamente necessária para a integração das cooperativas de crédito tem a ver com os problemas de liquidez, já que a sazonalidade da produção da região onde está instalada interfere no seus movimentos de recursos. Assim acontece numa região de soja, por exemplo. O pique de depósitos na cooperativa de crédito vai acontecer no momento da comercialização da produção. Depois ele cai. Então, como continuar emprestando recursos em momentos em que o produtor não está aplicando? Com o governo não se pode contar. É justamente neste ponto que entra a integração horizontal. Os recursos a serem emprestados são buscados em cooperativas de outras regiões, de produção diferente. Da Cooperativa Pestanense pode se obter recursos no pique da soja, para resolver o problema de liquidez de uma cooperativa de crédito da área de arroz. "Acredito que é somente desta forma, diz o presidente da Cocecrer, que Augusto Pestana pode utilizar recursos de Itaquí e vice-versa". Com este objetivo estampando na frente, a Central quer propiciar esse equilíbrio financeiro entre as filiadas. "Por estas e outras razões, diz ainda, que não queremos cooperativas de crédito de forma isolada".

Não restam dúvidas de que o sistema integrado de crédito veio para beneficiar e impulsionar grande parte das cooperativas que recém estavam

sendo formadas ou que foram constituídas na enxurrada de 80, mas que vinham sofrendo sérios problemas, até por falta de liquidez em determinados períodos do ano. Hoje todas elas estão muito bem de vida, inclusive a Cooperativa Pestanense, de Augusto Pestana, fundada em maio de 1925 e que vinha atravessando uma fase de des- crédito entre o seu quadro social. Ela passou por uma reformulação total, mudou de endereço e hoje, um ano e meio depois, segundo Darlan Belarmino, gerente, ela já está operando com mais da metade de seu quadro social. Fechou o balanço de 86 em vermelho, mas em 87, já teve sobras. Só em 87 ela concedeu 541 empréstimos num valor que totalizou 9.082.084 milhões de cruzados.

AS REGIÕES

A Cocecrer dividiu o Estado em sete regiões, mais a região especial que é composta pelas cooperativas de segundo grau e federações - filiadas a Cocecrer. Cada uma delas indica um conselheiro, que juntamente com um representante da Central, eles formam o Conselho de Administração do Sistema. O voto deste representante, na reunião do Conselho, será o da ata da reunião realizada na Unidade Administrativa com todas as demais cooperativas. Se nesta Unidade tiver 10 cooperativas e ele trouxer 6 votos a favor e 4 contra o assunto em questão, esses votos serão computados com as demais regiões. Para o assunto ser aprovado, os votos positivos terão que somar dois terços das 56 cooperativas. "É um processo eminentemente democrático, reforça Schardong, dizendo que desta forma, a diretoria da Cocecrer não tem nenhum poder de decisão sobre qualquer assunto que implique em responsabilidades ou mudanças operacionais e administrativa da Central".



Estabilidade e hoje já está operando com 650 associados

Agricultor

os produtores rurais. A maior parte destas restrições que impedem os avanços do cooperativismo de crédito no Brasil cairiam por terra com um simples gesto do Banco Central. Bastaria ele suspender as severas restrições que ainda pairam sobre o setor. "O que buscamos é a oportunidade de poder integrar o sistema financeiro nacional em igualdade de condições às demais instituições bancárias", reforça Ademar Schardong, presidente da Cocecrer, concordando que é preciso resguardar as particularidades de cada um.

A briga vai longe e já bateu nos ouvidos dos Constituintes, pois os representantes do cooperativismo de crédito e os próprios produtores dizem que de nada adianta querer avançar dentro do sistema, se ele continua, de qualquer forma, capenga pela falta de crédito, pois com a produção eles já convivem há muito. Batendo nessa tecla insistentemente, as lideranças do setor conseguiram, com o aval do presidente do Banco Central, que fosse formada uma Comissão encarregada de detectar todos os problemas do setor. A Comissão instalada no início de junho, foi constituída por membros do Banco Central, da OCB, do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e do Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

"Acredito que o governo está disposto a abrir pelo menos uma fresta para que o cooperativismo de crédito possa buscar seu espaço útil", comenta Schardong. O seu otimismo está lastreado no fato dos bancos privados estarem realizando um verdadeiro enxugamento nas suas agências. São 1.500 agências, em todo o país, que estão tendo suas portas fechadas. Também somam pontos a eletização das contas, significando que uma continha de um pequeno agricultor não interessa ao banco. Essa é mais uma demonstração, na opinião do presidente da Cocecrer, de que o cooperativismo de crédito é extremamente indispensável para a vida do produtor.

Mas toda essa luta do cooperativismo de crédito por melhores condições para operar ao lado do produtor rural requer um grande lobby político junto aos Constituintes. "Só queremos um banco centralizador do sistema nacional, que até poderia ser o BNCC, desde que saneado e com a direção nas mãos da Cooperativa". Garante que ninguém quer vender a imagem de que o cooperativismo de crédito vai resolver os problemas financeiros dos produtores em cinco anos. Os primeiros passos já

foram dados e a semente já está germinando", diz.

OS "NÃO PODES" DAS COOPERATIVAS

Não restam dúvidas de que o cooperativismo de crédito está bem estruturado. "Estamos dando passos curtos, mas seguros", comenta Ademar Schardong, citando como exemplo de cooperativa que vai andando de vento em popa a Pestanense de Augusto Pestana e que atua na área de ação da Cotrijuf. Até dois anos atrás ela não tinha nada, embora exista há quase 63 anos, e hoje, é uma cooperativa viável economicamente.

As cooperativas de crédito rural só não vão melhor, porque os famosos "não podem" ainda falam mais alto. Elas não possuem mecanismos modernos de captação de recursos, como cadernetas de poupanças, depósitos a prazo. Até podem captar, mas não podem remunerar o produtor com correção monetária, o que acaba por afastar, em alguns momentos, o associado de sua cooperativa. Ela não vai querer aplicar sem receber remuneração.

Elas ainda são impedidas de receber depósitos de terceiros; ter seus cheques nas câmaras de compensação; ter associados que não sejam agricultores; de estipular taxas para os depósitos nem para os empréstimos; de aplicar suas reservas técnicas em títulos que lhes garantam estabilidade frente a inflação; de ter filiais ou postos de atendimento e, finalmente, de ter uma área de ação muito abrangente.

A questão da compensação de cheques já está salva, graças a ajuda do BNCC. Com essa ajuda, muitas cooperativas usam o número do BNCC, através de convênio, caracterizando aceitação nacional dos cheques de seus associados. Se não existisse a compensação de cheques, as cooperativas de crédito ficariam em falta com seus associados. É desta forma, mas com muita convicção, que o cooperativismo de crédito do Brasil vai andando, lutando por liberdade de atuação e por mudanças nas regras do jogo dos financiamentos à agricultura e por uma participação nesse bolo. Todas estas questões estão, agora, nas mãos dos Constituintes e no próprio reconhecimento dos serviços prestados por estas cooperativas aos pequenos agricultores, por parte do governo. Se constituir uma cooperativa de crédito tem sido até uma tarefa simples, basta que os produtores assim o desejem; sobreviver já é uma outra questão.

Credipan: 540 associados



Meira: sem compensação de cheques

Fundada há pouco mais de seis anos, a Cooperativa de Crédito de Tupanciretã tem hoje, a seu favor, não apenas o apoio dos produtores da região, mas a garantia de que falta muito pouco para, assim como as demais espalhadas por esse Brasil afora, tornar-se o verdadeiro banco dos produtores. Mas esta é uma questão que independe da vontade das cooperativas e que, por enquanto, continua nas mãos dos Constituintes. De todo o jeito, mesmo instalada numa região onde a monocultura impera sozinha e rege a economia do município, a Credipan deu certo e, nesses seis anos, conseguiu alcançar uma façanha muito difícil nestes tempos de "vacas magras": crescer. "Aqui, costuma dizer Roberto Meira, gerente da Cooperativa de Crédito desde 86, um economista de 32 anos, "não temos diversificação de culturas. Todo o pique de movimento da Credipan acontece durante a safra de soja".

Mas mesmo sem o reforço de receitas que poderiam ser obtidas com outras culturas, a Credipan conseguiu e, para tanto ela contou com o apoio do quadro social e da Cooperativa de produção, a Agropan, a sua consolidação dentro do município e fora dele. "Já ocupamos o oitavo lugar entre as cooperativas do Estado, destaca o gerente. Seu quadro social é formado por 540 produtores, sendo que destes, 300 são operantes. A diretoria é a mesma da Agropan. Na presidência, Carlos Fernando Ferreira. O diretor de Crédito Rural é o produtor Olímpio Riva e o administrativo é Orciso Ceolin.

A mesma diretoria, no entanto, segundo Meira, não significa que a Credipan não tenha vida própria. "A Credipan é totalmente independente da Agropan, reforça, embora considere como fator imprescindível para o bom andamento e desempenho de uma Cooperativa de Crédito, o relacionamento com a cooperativa de produção. Admite que a conscientização do produtor da região em relação a necessidade de uma cooperativa de crédito no município foi fundamental para que a Credipan atingisse o patamar que alcançou. Lamenta os "não pode" que ainda hoje existem dentro do sistema e que, seguramente, têm dificultado o trabalho com o quadro social. "Infelizmente, afirma Meira, o sistema, até hoje, não pode repassar dinheiro do governo para os produtores, que fica todo com os bancos privados". Considera esse fato como uma proteção aos bancos privados, por parte do governo, e espera que em pouco tempo, essa situação se modifique.

A Credipan, nesses seis anos de operação no município de Tupanciretã, tirando os "não podem", a que é obrigada a se sujeitar, só ainda

não trabalha com sistema de compensação de cheques. Mas segundo Meira, o processo já está em andamento e lá por meados de fevereiro esse problema poderá estar resolvido. Enquanto isso, o associado continua trabalhando com cheque da Credipan, só que ao final de cada dia, a gerência precisa recorrer todos os bancos da cidade, recolher os cheques e substituí-los por outros do Banco do Brasil.

MOVIMENTO

Considerando que dentro da Cooperativa de Crédito o produtor associado tem seu limite de crédito fixado em sete vezes a sua quota capital e mais ainda sete vezes a média de depósito dos últimos seis meses e que a crise de dinheiro foi grande nesse ano que passou, a Credipan fez um bom ano, podendo proporcionar boas sobras aos seus associados. O total de financiamentos em 87 - custeio, pecuária, comercialização, entre outros -, chegou a Cz\$ 43 milhões. Em ordens de pagamento, emitidos e recebidos, ela movimentou quase Cz\$ 200 milhões. Apenas em junho, bem no pique do mês, a Credipan, administrou, através de sua gerência, Cz\$ 45 milhões de cruzados e isso, considerando apenas o dinheiro em depósito.

Sempre que um produtor faz um depósito numa cooperativa de crédito, segundo Roberto Meira, ele está garantindo o seu dinheiro. "A sua segurança, reforça, é de 100 por cento, pois todo o volume aplicado é lastreado em título estatal e de responsabilidade do governo federal". Ele só lamenta que às cooperativas de crédito seja permitido captar recurso direto com taxas de oito por cento ao ano sem correção. "Nenhum produtor se arrisca a tanto, pois a remuneração do dinheiro aplicado é baixíssima".

TRANSPARÊNCIA

Mas como fazer com que a cooperativa de crédito se transforme numa extensão da propriedade? Através da conscientização do produtor e da transparência total da própria administração, responde o gerente da Credipan, uma cooperativa que se vê na condição de administrar os interesses dos médios e grandes produtores. Roberto Meira ainda aponta como fatores fundamentais para o bom andamento de uma cooperativa de crédito, a troca de experiências entre co-irmãs e o tratamento "familiar que deve ser dado ao associado. Ele tem que chegar na cooperativa e se sentir na sua própria casa".

A Credipan tem um quadro funcional composto por nove pessoas e funciona, por enquanto, nas dependências da Agropan, localizada na Rua Roque Gonzales.



A antiga sede da Pestanense



O gerente Darlan Belarmino e o conselheiro Erno Schneider

Pestanense, uma das mais antigas

A Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda, de Augusto Pestana, é uma das poucas cooperativas de crédito do Estado, remanescente das antigas caixas rurais, que conseguiu sobreviver a tantos solavancos que levaram a maioria delas a fecharem suas portas. Fundada em 21 de maio de 1925, há quase 63 anos atrás, a Pestanense também passou por momentos difíceis, mas teve épocas em que ela desapertou muito produtor, emprestando dinheiro para complemento de custeio da lavoura, para aquisição de máquinas, implementos, junta de bois e até de algumas colônias de terra. Mas isso tudo aconteceu lá pelos idos de 50 e 60, quando até os filhos dos associados podiam fazer poupança na cooperativa de crédito.

Para sair da crise da falta de credibilidade a que estava enterrada já alguns anos e que na verdade era apenas o reflexo de toda uma situação criada de forma proposital em determinada época, a Pestanense, através de seu quadro social, resolveu fazer algumas mudanças. Começou elegendo uma nova diretoria. Na presidência continuou o produtor Evaldo Koester, mas como diretor administrativo assumiu Bruno Van Der San e como diretor de crédito rural Pedro Guioito. Em seguida, deixou a sua sede própria, um prédio de dois pisos localizado na rua da República, n° 32 e se instalou na sede da unidade da Cotrijuf. A mudança de sede teve apenas um objetivo: ficar mais perto do produtor.

FALTOU ESTRUTURA

Para o atual gerente da Pestanense, Darlan Pedro Belarmino, todo o retrocesso pelo qual passou a cooperativa de crédito, teve como causa a falta de uma estrutura que possibilitasse uma maior participação do quadro social. "O associado, complementa, não estava mais vendo razão para continuar capitalizando na cooperativa, então, começou a abandoná-la".

As mudanças na cooperativa de crédito de Augusto Pestana, iniciadas em julho de 86, apresentaram os primeiros resultados no final daquele mesmo ano, embora ainda tenha fechado o exercício com Cz\$ 41.500,00 negativos. Mas em fevereiro de 87, já operou com saldo positivo no valor de Cz\$ 22.000,00. No ano passado, ela movimentou Cz\$ 170.663.956,25 em depósitos à vista, com uma média de Cz\$ 1.013.789,28 de depósitos por mês. Concedeu aos seus associados 541 empréstimos, num total de Cz\$ 9.082.084,77. O valor médio de empréstimos por associado foi na ordem de Cz\$ 16.787,58. O exercício encerrou com um capital social corrigido de Cz\$ 579.898,41. A sobra líquida do exercício foi de Cz\$ 1.055.892,73.

MINIS E PEQUENOS

Operando apenas com quatro funcionários e 650 associados de um total de 1.250, a Pestanense, segundo Darlan Belarmino, vem, dentro de suas possibilidades, cumprindo com a sua função de levar dinheiro mais barato para os minis e pequenos produtores da região. "O grande objetivo, ressalta, é fazer com que os produtores se

auto-financiem. O limite de empréstimo é sempre determinado pelos depósitos do produtor associado na sua cooperativa, com o aval do capital integralizado. "Quem trabalha direitinho com a Cooperativa, diz o gerente, sempre vai levar dinheiro". Sobre os empréstimos para aquisição de máquinas, implementos ou investimentos agrícolas, sempre incidem as taxas de juro de crédito rural. No caso de empréstimos pessoais, as taxas de juro são sempre entre 7 a 8 por cento abaixo das taxas de mercado.

O associado também pode se utilizar da cooperativa para fazer poupança, através de depósitos a juro. Ou ainda: em vez de retirar todo o dinheiro do leite, por exemplo, que entra através da cooperativa, ele pode deixá-lo depositado e utilizar cheques para saldar seus compromissos. Contas e água e luz, também podem ser pagas através da cooperativa de crédito, desde que o associado autorize a operação.

RECUPERAÇÃO

Para o produtor Erno Schneider, associado da cooperativa de crédito de Augusto Pestana há mais de 27 anos e um dos atuais conselheiros, o que aconteceu com a Pestanense é que, em determinada época, ela simplesmente não teve condições de competir com os bancos. "Os recursos disponíveis pela cooperativa eram poucos e o associado passou a procurar dinheiro nos bancos, deixando de lado a sua casa, diz. Hoje ele aposta na recuperação da Pestanense e cita como garantia o número de associados que já voltou a trabalhar com a cooperativa. "É no cooperativismo de crédito, diz seu Erno, que está o futuro da agricultura". Acredita que toda a sustentação das cooperativas de crédito esteja na participação do seu quadro social e no apoio

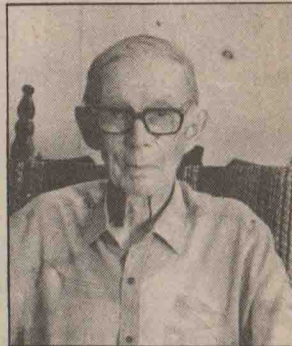
que a Central de Cooperativas de Crédito do Estado, tanto a nível de captação de recursos como de recursos humanos, vem dando às singulares. "O cooperativismo de crédito está tomando novos rumos. Ele só não tem feito mais pelos produtores porque alguns obstáculos ainda atrapalham a sua atuação".

O mais importante de toda a questão, segundo o gerente da unidade da Cotrijuf em Augusto Pestana, Romeu Rhode, é que o produtor, através da sua cooperativa de crédito, se autofinancia. A participação da Cotrijuf, através da direção e quadro social, foi decisiva para que a Pestanense continuasse operando na região. Além do local para funcionamento da cooperativa de crédito, a Cotrijuf se dispôs a assessorar a administração durante os primeiros meses. "Hoje, garante Romeu Rhode, a recuperação da Pestanense está consolidada". Como prova dessa recuperação, ele cita o número de associado, antes afastado, que já voltou a operar com a cooperativa. "Os produtores, ressalta, estão buscando a cooperativa de crédito até para procurar recursos para comprar um pedacinho de terra".

Os bons ventos que já começam a soprar para os lados do cooperativismo de crédito, segundo o Romeu, já levam os produtores a alimentarem uma certa expectativa em relação a empréstimos que possam financiar não apenas determinadas culturas, mas a propriedade como um todo. Reconhece no entanto, que para se chegar a tanto, existe, ainda pela frente, toda uma luta, com muitos obstáculos e que envolve a própria constituinte. "O que se quer, diz ele, é que as cooperativas funcionem em condições de igualdade com os bancos".

Poupança até para os filhos dos associados

O seu Alberto Van Der Sand é o único dos fundadores da antiga Caixa Rural de Augusto Pestana que está vivo. Aos 93 anos de idade, ele



Alberto Van Der Sand

ainda lembra da assembléia de instalação da Caixa Rural, de alguns dos 30 fundadores, das dificuldades de se obter recursos e do trabalho de conscientização que o padre José Rick desenvolveu entre os agricultores, sempre levando a idéia de que uma Caixa Rural funcionaria como um banco dos produtores.

A assembléia de instalação da Caixa Rural aconteceu no dia 21 de maio de 1925, na casa do agricultor José Norbert, sogro do seu Alberto e gerente até 1954. Para gerenciar a Caixa, seu Norbert foi a Cerro Largo, para fazer um estágio. "A Caixa Rural de Cerro Largo naquela época era uma das mais fortes do interior do Estado, recorda seu Alberto. Como a falta de dinheiro era grande, e os produtores não queriam muitas despesas, a Caixa Rural funcionou, nos primeiros anos e sem qualquer custo, na casa do gerente, que também, por três anos, não teve qualquer remuneração pelo seu trabalho.

Segundo o seu Alberto, os primeiros anos foram difíceis para a Caixa Rural que teve até que conviver com um apelido dado por um grupo de agricultores contrário a idéia: de Caixa da Miséria. "Era uma época, lembra ele, que não existia dinheiro sobrando na colônia e o produtor não tinha financiamento para fazer as suas lavouras. Então, muito pouco dinheiro sobrava para a Caixa. A situação era tão ruim que o próprio gerente se desdobrava entre o serviço da Caixa e o da lavoura. "Quando aparecia algum colono na Caixa, conta ele, o gerente era chamado com um assóvio de chifre de boi". Mas passadas as dificuldades iniciais, a Caixa deslançou e ganhou a confiança dos produtores. Até uma sede própria, um prédio de dois pisos, foi construído com o lucro na Caixa Rural. "Nesse tempo até os filhos dos produtores associados podiam fazer poupança na Caixa Rural, recorda. O valor mínimo de depósito, naquela época, para cada associado, era de cinco mil réis. Para os filhos dos associados, o valor era de dois mil réis. E a Caixa pagava em tom de seis por cento de juro ao ano", conta o antigo fundador.

Seu Alberto garante que a Caixa Rural nunca foi "um fiasco" e cumpria direitinho com seus objetivos. "Muita gente vinha de Ijuí para pegar dinheiro para comprar terra ou até para construir casa na cidade. Não se pegava dinheiro para plantar". Ele só lamenta que o próprio governo tenha contribuído para que muitas das Caixas Rurais que haviam espalhadas pelo Rio Grande fechassem. "O governo, reclama, foi quem prejudicou as Caixas Rurais, na medida em que soltou os bancos atrás.

Ajuda nas horas de aperto

O agricultor Erno Pletsch é associado da cooperativa de Crédito de Augusto Pestana há tantos anos que nem lembra mais em que época fez a matrícula. É um pequeno produtor, proprietário de 15 hectares de terra localizados em Sede Velha, interior de Augusto Pestana, mas sempre esteve ao lado da cooperativa, inclusive em seus momentos de crise. Por reconhecer a sua importância econômica, principalmente para os minis e pequenos produtores, sempre lutou contra a sua extinção e é hoje, um dos associados mais atuantes.

Assim que a Pestanense mudou de sede e trouxe uma nova proposta para o associado, seu Erno deixou de vez de trabalhar com os bancos privados e passou a operar única e exclusivamente com a cooperativa de crédito, dando provas de que acredita na sua recuperação. Todos os seus compromissos são saldados com cheques da cooperativa, onde deixa em depósito inclusive o dinheiro do leite. Conta que tomou essa decisão

porque acredita que está em boas mãos. "Estou trabalhando com o que é meu e se sou associado,



Erno Pletsch

tenho de ser o primeiro a dar todo o apoio para que a cooperativa cresça forte". É na Pestanense que encontra dinheiro nas horas de aperto. Ele só lamenta que as cooperativas ainda não disponham de uma linha de financiamento para custeio de lavoura e investimentos agrícolas, com juros mais baratos. "Esse juro que o governo está cobrando, é de matar qualquer produtor", reclama, lembrando que alguns anos atrás, financiavam dinheiro barato até para compra de terras. "Mas essa linha de crédito, infelizmente não existe mais".

O começo por Nova Petrópolis

A Sparkasse Amstad sobreviveu a todas as tempestades, num país onde os governos parece que não compreenderam o significado e os benefícios do cooperativismo.

Cerca de cinco quilômetros de Nova Petrópolis, pela rodovia RS-235, Linha Imperial representa o visual perfeito das localidades típicas de colonização alemã, que são características marcantes de muitas regiões do Rio Grande do Sul. O templo luterano de linhas simétricas e torre esguia, o casarão em estilo enxaimel e os ajardinados e gramados bem cuidados, dão a impressão ao viajante de estar passando uma vila alemã, em qualquer lugar da Bavária ou da Pomerânia.

Linha Imperial entrou para a história do Brasil como o lugar de nascimento do cooperativismo em nosso país. Foi ali, no ano de 1902, que o padre Theodor Amstad, conhecedor do sistema de cooperativismo de crédito alemão, idealizado por Raiffeisen, catequizou seus conterrâneos com a bandeira do cooperativismo. No dia 28 de dezembro de 1902 era fundada na Linha Imperial, que então pertencia ao município de São Sebastião do Caf, a Sociedade Cooperativa Caixa Economia e Empréstimos de Nova Petrópolis.

Os sócios fundadores reuniram-se na residência de Nicolau Kehl, em número de 19, que assinaram o livro de presença, a ata e o estatuto. As primeiras atas foram redigidas em língua alemã, pelo próprio padre Amstad.

Foram fundadores da cooperativa, que passou a ser chamada de "Sparkasse Amstad", Alfred Steglich, August Stahl, Hermann Kaiser, Jakob Krug, Franz Raimann, Nicolaus Stahl, Anton Maria Feix, Josef Oppitz, Nicolaus Kehl, Josef Hillebrand, Anton John, Carl Bratz, Josef Neumann Fº, Johann Brunner, Franz Oppitz, Albert Drechsler, Friederich Stoffels e Johann Grings.

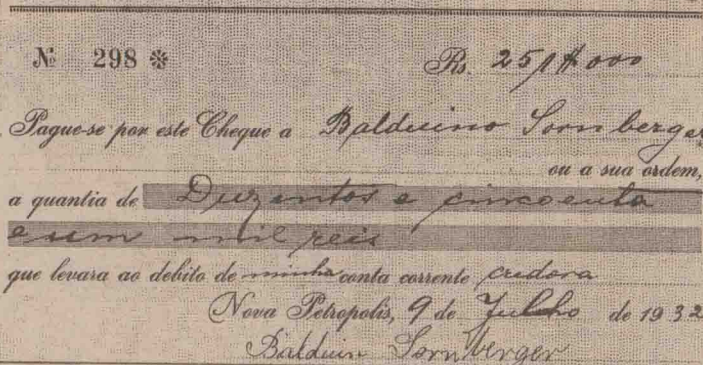
Com a notícia da fundação da cooperativa, outros interessados se candidataram como sócios, na reunião de 15 de fevereiro de 1903. Johann Wazlawick, August Mass, Johann Müller von Milasch, August Dunker, August Schwantes, Eduard Kny, Giuseppe Colliseli, Josef Neumann Senior, Wilhelm Rasche, Wilhelm Ullmann, Jacob Backes, Johann Stocker, Carl Stocker, Carl Schmaedecke e Anton Weber. Alguns desses sócios deslocaram-se depois para Ijuí, segundo nos informaram em Nova Petrópolis. Seriam os casos de Steglich, Feix, Hillebrand, Michaelsen, Hass, entre outros.

SUCCESSÃO DE NOMES

A primitiva denominação Caixa de Economia e Empréstimos Amstad de Nova Petrópolis, veio a sofrer a primeira alteração do nome em 1916 — durante a Primeira Guerra Mundial — para Caixa Auxiliar do Sindicato Agrícola de Nova Petrópolis. Também a partir desse ano a escrituração, correspondência e atas, passaram a ser redigidas em língua portuguesa, ao invés da alemã.

Em 1922, em virtude de exigências legais (Decreto Lei de 16 de março de 1921), teve o nome alterado para Caixa Auxiliar Sistema Raiffeisen de Nova Petrópolis. Em 1929, nova alteração do nome, passando a chamar-se Cooperativa de Crédito Caixa Rural de Nova Petrópolis Sistema Raiffeisen de Responsabilidade Limitada. Com esse nome a cooperativa permaneceu por 40 anos. Mas em 1969, em virtude da lei de Reforma Bancária (nº 4595), teve que reformular o estatuto, e passou a adotar o nome de Cooperativa de Crédito Rural Nova Petrópolis Ltda., com a sigla Cooperural, mas em-

CAIXA RURAL DE NOVA PETROPOLIS



Um cheque de julho de 1932

bora todas essas denominações impostas por lei, o povo ainda a denomina de Caixa Rural e os mais velhos, de "Sparkasse", provando que a despeito das decisões de cunho jurídico, parlamentar ou simplesmente governamental, elas nem sempre encontram o consenso da opinião pública.

EXPANSÃO E DECADÊNCIA

Werno Blásio Neumann, gerente, descendente em linha direta do gerente fundador, Josef Neumann Senior, disse que a evolução da Caixa Amstad foi rápida. Em alguns anos ela passou a dominar completamente o movimento financeiro de Nova Petrópolis e da região, sendo o banco preferido dos colonos imigrantes. Houve anos, disse ele, que havia tanta disponibilidade de dinheiro que foi necessário fixar um limite para os depósitos, em virtude de excesso de dinheiro e ausência de pedidos de empréstimos.

Werno Neumann lamenta que o governo brasileiro, em diversas épocas, não tenha compreendido o sentido amplo e benéfico do cooperativismo, mas que ao contrário, tenha insistido em decretar medidas que vieram, quase sempre, em detrimento do sistema. Segundo ele, a pior época veio em 1964, quando os militares assumiram o poder. Em vez de disciplinar o sistema

com medidas realistas, conforme fazem os países desenvolvidos (e por isso, são desenvolvidos), os militares lançaram a Lei nº 4.595, que significou uma verdadeira pá de cal na existência do cooperativismo de crédito.

A LEI DO "NÃO PODE"

A decretação da Lei 4595/64, visou a falência do cooperativismo de crédito em benefício do sistema bancário privado, inclusive das organizações financeiras internacionais. Werno Neumann diz que "por essa razão, a partir de 1964, o cooperativismo de crédito brasileiro passou a ser o cooperativismo do não pode". Não pode receber depósitos de terceiros; não pode anexar a correção monetária; não pode compensar cheques, não pode ter cheques especiais; só pode associar não agricultores, não pode captar recursos, não pode aplicar suas reservas técnicas em títulos que lhe garantam estabilidade face a inflação; não pode ter filiais ou pontos de atendimentos, não pode ter área de ação muito abrangente.

Resultado, desabafa o entrevistado: de umas 60 cooperativas que existiam, elas foram reduzidas drasticamente, restando apenas algumas que tinham uma sólida estrutura financeira e um quadro de associados esclarecidos



A primeira sede da Sparkasse Amstad, na Linha Imperial

e persistentes. E claro que antes havia distorção, reconhece Werno. Mas a Lei 4595 não veio para coibir abusos, retirar o joio do trigo, como se diz. Ela veio para deixar o caminho livre para as grandes corporações bancárias — nacionais e internacionais. E a prova é que nem os bancos de pequeno porte resistiram a chamada reforma, pois foram engulidos pelos maiores.

Essa mesma política de desestruturação da economia nacional viria a ser praticada depois, quando da decretação do subsídio ao trigo estrangeiro, que liquidou com os moinhos coloniais, que representavam uma força da economia municipalista e até mesmo dos distritos. E tudo isso fazia parte do inconfessável jogo fundomonetarista do Delfim Neto.

Werno Neumann pensa que uma maneira de melhorar a economia do interior do país, principalmente das regiões coloniais, é através do restabelecimento de prerrogativas às cooperativas de crédito rural. Ele acha que elas devem trabalhar em igualdade com os bancos comerciais. E por que não, finaliza ele, perguntando: "não estamos no regime da livre iniciativa e das oportunidades iguais"?

Coopersa, uma mão na roda

"A Coopersa vai significar uma mão na roda para os pequenos e médios produtores da região", resalta Davi Alexandre Ceolin, um produtor de 36 anos e associado da Cotrijuf desde 1976, eleito o primeiro presidente da mais nova cooperativa de crédito do Estado. Assim como acredita que a cooperativa de crédito vem para beneficiar os produtores e contribuir para que eles se auto-financiem, Davi Ceolin também espera que os agricultores da região correspondam a essa expectativa. "Ela está surgindo, reforça, da necessidade que o próprio produtor vem sentindo de cair fora, o quanto antes, dos bancos que cobram juros muito altos". Mas todo o sucesso da Coopersa, segundo o presidente, vai depender da resposta e do apoio dos agricultores da região.

Antônio Vieira dos Santos, gerente da unidade da Cotrijuf em Santo Augusto, considera a instalação da cooperativa de crédito em Santo Augusto, como o respaldo fi-

nanheiro que o produtor vinha necessitando para investir na sua propriedade como um todo, inclusive, aumentando a produtividade e as opções de diversificação. "O mais importante é que o produtor vai trabalhar com recursos gerados dentro da região", diz assegurando que a Cotrijuf, além do apoio material, cede espaço para a instalação da cooperativa, vai fazer o fomento e a divulgação da Coopersa entre os produtores. "Nós vamos levar, até o produtor, a idéia do que é uma cooperativa de crédito", diz por fim.

O FUNCIONAMENTO

A Coopersa só vai começar a funcionar após a autorização do Banco Central que tem um prazo de 60 dias, a contar da data da assembleia, para se pronunciar. Se nesse tempo ele não se manifestar, a coo-



Carlos Andrighetto, Eurico Prauchner e Davi Ceolin

perativa entra em funcionamento por decurso de prazo. A gerência da Coopersa vai ficar a cargo de Eurico Prauchner, professor e funcionário da Cotrijuf em Santo Augusto desde 1974. Em meio as papeladas e burocracias necessárias para a instalação da mais nova cooperativa de crédito, seu Eurico vai logo dizendo que quanto maior a participação do associado dentro da sua cooperativa, maior vai ser o montante de recursos colocados a sua disposição. "O aval do produtor, para obter empréstimos, vai ser o seu capital integralizado e mais o saldo médio, ressalta, lembrando que já de saída, a Cooperativa vai trabalhar com câmara de compensação de cheques, "a exemplo do que acontece na Pestanense."

Jóia dá a sua arrancada

A partir de um trabalho comunitário Jóia dá os seus primeiros passos na formação de uma consciência conservacionista.

Logo que se chega ao município de Jóia pode-se avistar algumas placas alertando sobre as consequências do mau uso do solo. Estas placas, que também se repetem na estrada que dá acesso a Cotrijuf, foram colocadas em agosto do ano passado, época em que a Cooperativa, juntamente com a Prefeitura, o Sindicato de Trabalhadores Rurais e as escolas do município, começaram a se mobilizar para criar a Comissão de Conservação do solo, uma entidade aberta a toda comunidade e preocupada, principalmente, em formar uma mentalidade conservacionista.

As razões destas preocupações partiram da própria caracterização do município de Jóia, que é formado por dois tipos de solo, um mais firme na região de colônia e outro mais arenoso, e por isso mais deficitário, na região do campo. Com o agravamento de alguns problemas, que são até mesmo visíveis, como o grande acúmulo de terra nas estradas, o pessoal que hoje faz parte da Comissão, passou a discutir com mais frequência a necessidade de um trabalho conjunto com toda a comunidade. A idéia se tornou ainda mais forte, em 85, quando, depois da colheita do inverno, muitos produtores resolveram queimar a palha não só do trigo, como também da aveia.

PRIMEIROS PASSOS

A partir deste ano, então, os departamentos técnicos da Cotrijuf e da Prefeitura, começaram a intensificar um sem número de reuniões pelos núcleos do interior. Mesmo enfrentando algumas barreiras de desmotivação, num primeiro momento, a Comissão passou a funcionar, efetivamente, em outubro de 87. Daí para a frente foram

realizadas várias palestras sobre o assunto e muitos produtores chegaram a visitar algumas regiões onde o trabalho de conservação já está bastante avançado. Ainda em outubro, por exemplo, estes produtores estiveram visitando o município de Mamborê e Campo Mourão, no Paraná.

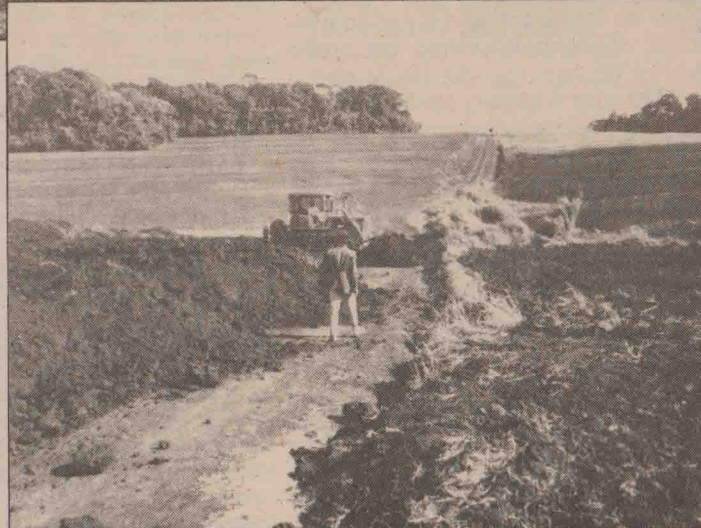
PROJETO

Depois de todas estas discussões, veio o grande passo, quando em novembro se deu início a um trabalho prático demonstrativo, realizado em quatro propriedades da Esquina Coronel Lima, e que hoje já está se transformando em projeto de microbacia conservacionista. A exemplo do que ocorre na microbacia do Arroio Três Negrinhos, em Ijuí, o trabalho de solos também tem o objetivo de melhorar os níveis de produtividade, reduzir os custos de insumos aplicados e também os recursos públicos aplicados na restauração de estradas, através do fechamento de vossorocas e da retenção da água na lavoura. Dos quatro quilômetros previstos para a Esquina Coronel Lima, uma boa parte já teve seus barrancos desmoronados, fazendo com que as propriedades participantes do projeto, que já possuíam alguns terraços de base larga em nível, fossem nivelados com a estrada.

Este, no entanto, é apenas o início do trabalho, pois como afirma o agrônomo da Unidade, Wolmar Trevisol, "há ainda muita coisa para fazer em Coronel Lima e em outras localidades". Além da construção de um maior número de terraços nas propriedades, é necessário complementar o trabalho de estrada com um planeja-



Retirada da camada de solo fértil antes do desbarrancamento. Feito esse trabalho, a camada é colocada de volta



mento de subsolagem em outras propriedades vizinhas e intensificar o trabalho de rotação de culturas. "Afinal, salienta o agrônomo, só os terraços não resolvem o problema, é preciso corrigir o solo e investir em práticas de manejo de solo".

Entendendo do projeto de Esquina Coronel Lima como um primeiro passo na formação da consciência conservacionista do município, o agrônomo da Cotrijuf e o técnico da Prefeitura, Sérgio Rossler, salientam que o trabalho deve envolver o máximo de produtores, pois, "para apresentar melhores níveis produtivos, o solo necessita de boas condições físicas, químicas e biológicas, que ditarão a capacidade deste solo em fazer germinar bem as

sementes, torná-las mais resistentes e possibilitar melhores colheitas.

PERSPECTIVAS

Com o desdobramento do trabalho na Esquina Lima, a Comissão de Conservação também já está planejando a sua extensão para outras áreas do município. A Comissão de Conservação de Solos do município de Jóia é constituída por Jair Bazzan, Sérgio Rossler, Marcos Bremm, Oneide Sassi, Rudimar Keller da Silva, Wolmar Trevisol e Abrelino Rigodanzo. A Comissão deixa em aberto a participação de produtores ou demais interessados, no trabalho de conservação de recursos naturais, do município.



João Doraci Conceição

Um dos produtores pioneiros no trabalho de conservação do solo, em Jóia, é o seu João Doraci Conceição, companheiro de terraços do seu vizinho, Hermes Coró. Proprietário de 59 hectares na Esquina Coronel Lima, seu Conceição afirma que a preocupação com o solo já vem de muitos anos. "Há muito tempo a gente vem observando que a terra está se deteriorando", diz ele, lembrando que a única coisa que se fazia há uns anos atrás, para atacar a água na lavoura, "eram umas linhas de cana".

Percebendo que esta prática não era suficiente para evitar a formação das vossorocas, seu João

Os primeiros participantes

aproveitou para mudar o rumo das coisas. Primeiro ele construiu alguns terraços convencionais, que hoje já foram substituídos por três bases largas. Mesmo assim, o produtor que só estava esperando a chuva para ver o entusiasmo daqueles que ainda não partiram para estas práticas, faz questão de salientar que somente os bases largas não adiantam.

ATÉ QUESTÕES MORAIS

Entre todas as vantagens que o trabalho de conservação do solo traz ao produtor, seu Conceição diz que uma das maiores é "a de abrir uma possibilidade para maiores produtividades". Mas, além disso, a união de duas propriedades através dos terraços também traz resultados em dois aspectos. "Primeiro, no aspecto físico, explica o produtor, ao afirmar que a terra vai ser ajudada". Em segundo, arremata seu Conceição, o trabalho ainda tem benefícios pelo aspecto moral, porque melhora

o relacionamento com os vizinhos".

POUCOS GASTOS

Um outro produtor que participa do projeto da Esquina Coronel Lima, é o seu Hermes Coró, proprietário de 80 hectares, e que há um bom tempo vem desenvolvendo algumas práticas essenciais à conservação do solo. Seu Hermes Coró, por exemplo, nunca deixa de fazer rotação de culturas, através da alternância do plantio de trigo, em cada safra. Além disso, mesmo antes de ser implantado o projeto, o produtor já contava com alguns terraços de base larga em nível, os quais, "por não contarem com o trabalho de nivelamento de estradas, não conseguiam trazer a água para a lavoura".

Com a implantação do projeto de microbacia, o seu Coró construiu mais terraços, que ligam a sua propriedade com a do produtor João Doraci Conceição. Entusiasmado, seu Hermes também não esquece de destacar as vantagens do



Hermes Coró

trabalho de estrada, principalmente porque ele próprio já teve experiências com acidentes. "Há uns três anos atrás, conta o produtor, eu estava pateando, quando de repente, o barranco desmoronou e o trator foi parar na valeta".

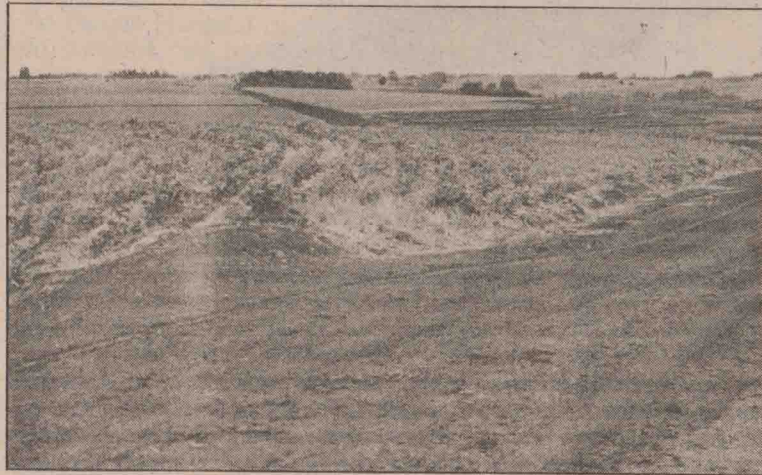
Salientando também os poucos investimentos que o trabalho de conservação do solo requer, seu Coró, brinca, dizendo que "os primeiros terraços dão um gastinho, mas que no fim das contas compensa". Afinal, "o trabalho de melhoramento de solo é um trabalho para o futuro", conclui o produtor, planejando o plantio direto para os próximos anos.

O projeto de Chiapetta

Uma antiga prioridade começa a ser colocada em prática.

Além de Jóia, uma outra unidade também está dando os seus primeiros passos na construção de um projeto de microbacia conservacionista. É a unidade de Chiapetta, que desde junho do ano passado, começou a colocar em prática o seu projeto de conservação do solo, onde estão envolvidos cinco produtores da Linha Modesta e do qual participam ainda a Secretaria da Agricultura e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Como em outras unidades, a idéia de fazer um projeto mais amplo, surgiu das discussões realizadas em vários núcleos do interior e contou com apoio de vários produtores, que também estiveram visitando as regiões de Campo Mourão e Mamborê, no estado do Paraná. A visita feita em abril, segundo o agrônomo da Unidade, Airton Francisco de Jesus, "serviu para ver o trabalho daquela região e discutí-lo dentro da nossa realidade". A partir daí começou o trabalho de construção dos terraços de base larga em nível,



Na Linha Modesta, alguns produtores já ganharam mais espaço para o plantio

guns atrapalhos no processo de conscientização. Contando ainda com as últimas do seu Conselho de Desenvolvimento Comunitário, que já elegeu a conservação do solo como um dos tra-



Lauro Fritzen, e a sua lavoura de soja com plantio direto, um dos produtores que está puxando o trabalho de solos



em 75 hectares, os quais estão ligando quatro propriedades, através da estrada.

PRIORIDADE

Há muito tempo considerando a área de conservação do solo como uma prioridade, a Unidade de Chiapetta também teve a seu favor, o conhecimento e o interesse de alguns produtores que até já estão colhendo resultados excelentes com o plantio direto. A demora para deslançar este trabalho, aconteceu mesmo, devido a al-

balhos prioritários do município, a Unidade tem mais três áreas em definição para realizar outros projetos, que, certamente serão auxiliados pelos recursos do Fundec.

PIONEIRISMO

Um destes produtores de Chiapetta que já possui um trabalho de conservação bastante avançado é o seu Lauro Fritzen, proprietário de 100 hectares na Linha Modesta. Lembrando das primeiras medidas de conserva-

ção que ele tomou nas suas terras, o produtor conta que, há uns quinze anos atrás, tinha barrocas na sua propriedade, de fazer sumir casa. "Não nascia nem barba-de-bode, só o que dava era samambaia". Aos poucos este panorama foi mudando, pois seu Fritzen passou a terracear as barrocas, depois fez umas curvas de nível e, em seguida, largou o calcário. Esta última medida, no entanto, lhe causou os primeiros comentários a respeito de suas preocupações com o solo.

Com o passar dos anos, o seu Fritzen foi se inteirando das novas práticas que a Cotrijuf começava a introduzir na região. Nesta época, então, ele começou a construir os seus terraços de base larga e a cada três anos passou a fazer o trabalho de subsolagem na terra e controle de fertilidade. "O pessoal me olhava meio de atravessado", recorda, mas como já conhecia os resultados destas práticas foi tocando o trabalho para frente.

Graças a esta sua perseverança, o seu Fritzen tem hoje ótimos resultados na sua lavoura, onde a rotação de culturas é uma prática constante. A terra ocupada pelo trigo, nesta última safra de inverno, por exemplo, antes tinha sido ocupada com lentilha e ervilhaca. No próximo ano, esta mesma terra vai ser ocupada com aveia.

O plantio direto também não é novidade na lavoura do seu Fritzen, que tem toda a sua soja plantada neste sistema e que conseguiu ficar bastante tranqüilo nestes últimos meses de es-

tiagem. Enquanto muita gente estava meio assustada com a seca, o seu Fritzen ia até a lavoura e encontrava a terra sempre úmida.

MAIORES GANHOS

Todos estes resultados obtidos pelo produtor só tem uma explicação: um velho interesse pela conservação do solo, que ele não se cansa de divulgar. Há muito tempo esperando por este projeto da microbacia, seu Fritzen nem pensou duas vezes quando foi chamado a participar. Mesmo enfrentando algumas contrariedades de um pessoal que não aceitava inicialmente a ligação dos terraços através da estrada, o seu Fritzen nunca discutiu com ninguém. Apenas tornava a repetir o que ele já conhece na prática: "os melhores resultados da lavoura só vêm com o tratamento adequado da terra". Nos custos, também não falta argumento. "Contando com o maquinário, o produtor para fazer um base larga, só tem o custo da mão-de-obra, que equivale a apenas dois sacos de soja". Além disso, conclui o produtor, "ninguém pode reclamar do ganho de um hectare".

SEGUINDO O EXEMPLO

Vizinho do seu Fritzen, o seu Evaldo Frederico Boing, proprietário de 22,5 hectares, é outro produtor que nem se abalou com a última estiagem. A razão desta segurança, está na conservação da palha usada para o plantio dos seus 18 hectares de soja. Velho admirador do plantio direto, o seu Evaldo, já conta com uma área de terraceamento, que ele pretende estender para toda a sua área. "Esta é uma das melhores maneiras de conservar a água na lavoura, diz o produtor, salientando que o trabalho só de complementa com a manutenção da palha.

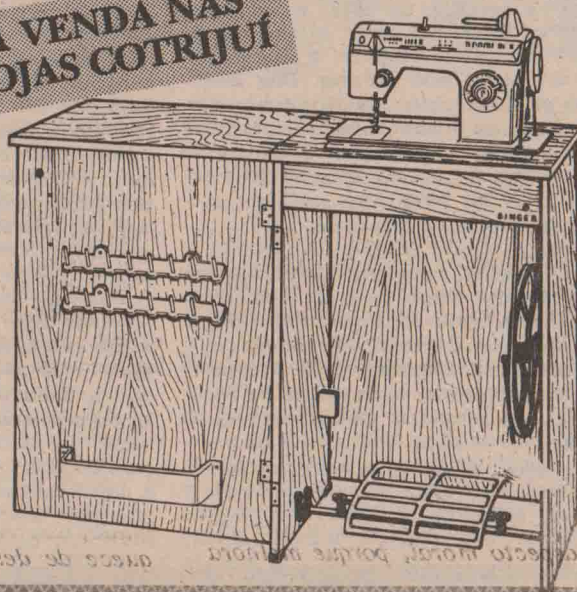


Evaldo Frederico, apesar das dificuldades, grande interesse pela conservação do solo

Sem problemas de barrancos na propriedade e com maior espaço na lavoura, o seu Evaldo lembra ainda, que, se não fosse pela falta de maquinário para picar a palha, ele teria feito plantio direto, já no ano passado. Mesmo com algumas dificuldades para fazer uma rotação de culturas mais ampla na sua pequena propriedade, o produtor diz que o seu interesse pelo plantio direto vem dos resultados obtidos pelo seu Fritzen e também das suas próprias experiências. Há dois anos atrás, na última seca braba, seu Evaldo plantou soja na resteva da aveia. Quando uma grande parte dos produtores, lá pelas 8h30min, já estava com a sua soja murcha, a do seu Evaldo, às 12h, estava firme e verdinha.

AQUI ESTÃO OS PONTOS QUE MAIS EVOLUIRAM

A VENDA NAS LOJAS COTRIJUI



* Costura e borda 30 tipos diferentes de pontos, costura reta, zigue-zague, pontos semi-elásticos, caseia automaticamente, prega botões e bainha invisível. Motor de dupla velocidade com farolete. Com gabinete modelo 648 - Sanhaço - com pedal.

SINGER*

Tecnologia de ponto a ponto.

Administrando o minifúndio

Da mesma forma que aconteceu em outras regiões, a expansão da Cotrijul na região do Alto Uruguai, através da criação da unidade de Tenente Portela, em 1970, também se deve a uma solicitação dos produtores que necessitavam de uma estrutura de armazenagem a uma distância menor do que ficava a unidade de Santo Augusto de suas propriedades. Muitos destes produtores foram responsáveis pela criação da primeira unidade da Cotrijul, construíram ainda um dos primeiros postos da Cooperativa: o de Sítio Gabriel e o de Tronqueiras, localizados no município de Miraguá.

Para reforçar a sua criação em Tenente Portela, a Cotrijul contou ainda com a falência da Cooperativa Mista de Miraguá, no mesmo ano de fundação da unidade. Para receber a produção dos agricultores da extinta cooperativa, a unidade contava, então, com um armazém de fundo plano, com capacidade de 10 mil e 800 toneladas, hoje transformado em armazém de beneficiamento de sementes. Em 73, a unidade abria três supermercados. Um, junto ao centro da cidade, um em Derubadas e outro em Miraguá. Três anos depois, a área administrativa, que começou a funcionar onde atualmente se encontra o refeitório, ganhou um novo espaço juntamente com o mercado, que há pouco tempo foi transformado em hipermercado. Nesse mesmo ano, a Unidade construiu, também, o seu segundo armazém graneleiro, com capacidade de 50 mil toneladas.

CARRO CHEFE

Depois dessas ampliações, a unidade de Tenente Portela ganhou um novo impulso com a instalação do seu posto de leite, em 1985, quando cerca de 300 produtores passaram a entregar uma média de 1.500 litros diários. Mas isto foi só o início. Como afirma o gerente da Unidade, Antoninho Rossoni, o leite, em pouco tempo, tornou-se



O 2º armazém graneleiro, onde são armazenadas 50 mil toneladas de produção

o produto carro-chefe, principalmente pelos poucos custos investidos numa atividade que atinge um retorno mensal de aproximadamente quatro mil cruzados.

O interesse pela produção de leite pode ser avaliado pela quantidade de produtores envolvidos, que hoje ultrapassa a casa dos 800 e garante um recebimento diário de 13 mil litros. Esta participação também está muito ligada às próprias condições econômicas das propriedades da região, que se caracterizam, essencialmente pelo minifúndio. Dos 2.800 associados da unidade, salienta o gerente, apenas 111 são médios produtores e somente cinco deles podem ser considerados grandes, ainda que suas propriedades não ultrapassem os 400 hectares, e que nem todas se localizam em Tenente Portela.

Com esta distribuição de terra, não é por nada que muitos produtores se assegurem no leite. Mas, além deles, muitos produtores tradicionais de suínos, tem aproveitado as vantagens do cooperado, tornando a suinocultura a atividade de maior destaque de recebimento da Unidade. Só para ter uma

idéia, no ano passado, o recebimento de suínos totalizou 400 toneladas, enquanto neste, somente até novembro, foram entregues 1.209 toneladas. Isto representa nove toneladas a mais do que o previsto para todo o 87, enfatizam os veterinários da Unidade, prevendo a estabilização ou mesmo um aumento destes números para o próximo ano, na medida em que o padrão genético for melhorado, através da inseminação artificial.

Na área de grãos, os números recebidos pela Unidade também têm confirmado uma boa resposta dos associados. De trigo, foram recebidas, este ano, 20 mil toneladas, sendo estimado para a próxima safra, o recebimento de praticamente toda a produção do município. Na última safra de verão, a Unidade registrou a entrega de 27 mil toneladas de soja e 1.500 toneladas de milho. Em sementes, o trigo atingiu 20 mil sacos, o linho, 450 mil quilos, a aveia preta, 10 mil quilos, a colza 3.500 quilos e o alho 15.600 quilos. Além dos grãos, a Unidade destaca-se ainda pela produção de citros, que este ano atingiu um recebimento de 100 toneladas de laranja.



Posto de leite: iniciativa que transformou o produto em carro-chefe da Unidade

PARTICIPAÇÃO

Embora estes resultados representem a produção de quase toda a região do minifúndio, não são poucas as dificuldades encontradas para a viabilização de certas atividades, consideradas o "verdadeiro cavalo de batalha" da Unidade. Segundo Antoninho Rossoni, "o interesse pela diversificação surgiu a partir de 79, quando, depois de uma frustração na lavoura de soja, muitos produtores resolveram optar pelos projetos alternativos oferecidos pela Cooperativa". Contudo, "muitos deles não puderam levar em frente estes projetos, porque já estavam se desfazendo de suas terras por causa dos endividamentos junto aos bancos," diz o gerente, acentuando, especialmente, o município de Miraguá.

No entanto, se a falta de recursos cria alguns entraves de produção, como a ausência de um trabalho mais específico em conservação do solo, por outro lado, tem gerado uma participação maior do quadro social. "Por suas características, explica Antoninho, o associado da região aceita muito bem o projeto de diversificação." Um exemplo disso, é o cooperado de fruticultura tropical, que tem por objetivo o aproveitamento de todas as terras dobradas das encostas do rio Guarita, caracterizadas por um microclima livre das geadas prejudiciais às culturas da banana, do abacaxi e do mamão.

"Esta é uma forma de amenizar a situação precária de muitos produtores e, ao mesmo tempo, de garantir o abastecimento de nossos supermercados na área de doces, schimiers, e conservas," afirma o gerente, enquanto salienta os poucos investimentos realizados para a instalação da "fábrica de fundo de quintal." Além de absorver a produção de banana e abacaxi, que já conta com a distribuição de mais de 20 mil mudas, a fábrica também vai aproveitar o excedente dos pomares domésticos da região, formados por inúmeras espécies como uva, maçã, figo, entre outras. De acordo com o agrônomo responsável pelo programa cooperado, Elton Hamer, "a produção programada pelo cooperado junto com a excedente dos pomares caseiros, deverá garantir o funcionamento da fábrica durante todo o ano, e servir de experiência para que, num futuro próximo, possamos entrar definitivamente na comercialização de conservas e doces."

No que diz respeito à saúde, a Unidade também está participando junto a comunidade pela aprovação do seu projeto de municipalização. Com a aprovação do plano, poderão ser criados um total de 16 postos de saúde nas localidades do interior. Enquanto isso, a Unidade trabalha na instalação de um subposto, na própria sede da Cooperativa, que deverá prestar atendimento a todos os associados, funcionários e seus dependentes, além do trabalho de prevenção que já realiza junto às comunidades do interior.

O começo em Sítio Gabriel

Um dos associados mais antigos da unidade de Tenente Portela é o seu Albano Hermann, 55 anos e proprietário de 50 hectares de terra, na localidade de Irapuá, no município de Miraguá. Natural de Lajeado, o seu Albano, primeiramente morou em Ijuí, onde também ajudou a fundar a Cotrijul, Regional Pioneira. Em 1963, ele veio para Tenente Portela, mas não conseguiu ficar longe da Cooperativa. "Quando vim para cá, lembra o produtor, quase apanhei dos comerciantes, mas consegui puxar a Cotrijul para cá." Todo esse esforço, segundo o produtor,



Albano Hermann



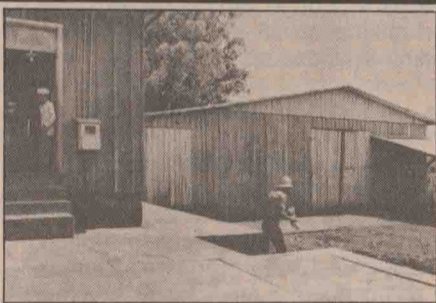
Alessio Fontaniva

valeu a pena, afinal ele saiu de Ijuí recebendo sete cruzeiros pelo saco de soja, e quando chegou em Portela, o preço estava pela metade.

Além das diferenças de preços, o seu Albano, na época, também encontrou "o pessoal meio assustado com as cooperativas e os sistemas que existiam por ali". Aliado a estas preocupações, que também incluía a distância até Ijuí para comercializar o trigo e a soja, o produtor não teve dúvida: também fez coro junto com o pessoal de Sítio Gabriel, passando a arrendar um galpão no mesmo local, de propriedade do associado Lozardo Bonette. Seu Albano continuou a entregar a produção em Ijuí, mas muitos produtores fizeram do velho galpão o seu primeiro armazém e chegaram a liquidar a safra na sombra mais próxima. Dois anos depois, em 1966, estes mesmos produtores, junto com o seu Albano, também participaram de uma chamada de capital da Cooperativa e construíram o posto definitivo de Sítio Gabriel, que hoje serve como mercado e armazém de insumos da localidade.

CONFIANÇA

Um destes produtores que andavam meio escaldados com o comércio local, era o seu Alessio Fontaniva, um produtor forte de suínos, soja e laranja, que começou a participar da Unidade desde 1972. Proprietário de 27 hectares, na localidade de São Pedro, o seu Alessio se decidiu logo pela Cotrijul, baseado numa idéia que ele diz trazer de casa: "a de nunca se sentir bem sozinho, principalmente na construção de alguma coisa". A certeza do retorno deste "argumento" o produtor já tinha, pois não eram



O 1º posto da Cotrijul, na região

poucos os atrapalhos. "Primeiro vendia a soja para uns cunhados que mandavam a produção para Ijuí e depois ainda tive que construir um galpãozinho, para uns 250 sacos," recorda.

Dono da matrícula de nº 7745-36, o seu Alessio afirma ainda que muitas atividades mantidas em sua propriedade ficaram mais facilitadas com a vinda da Cooperativa para a região. "Porco, por exemplo, só dava uma safra por ano", diz ele, enquanto enumera as diversas variedades de sementes e ressalta o trabalho de conservação do solo. Recordando os primeiros incentivos, seu Alessio conta que, há 15 anos atrás esteve em Ijuí, para fazer um curso sobre conservação do solo, na Fidene. "Nunca me esqueci e sempre passei adiante o primeiro passo deste trabalho, que é o de não queimar a palha da lavoura." A partir deste curso, seu Alessio marcou muitas curvas de nível até para os seus vizinhos. "Mas sempre fiz questão de alertar que isso era só o começo, destaca o produtor, interessado agora pelos resultados do base larga. "Um pouco da terra consegui segurar, explica; mais, fica difícil, porque o terreno é muito escasso." Mesmo assim, enfatiza o produtor, "meus filhos deverão fazer um trabalho mais completo".

Terra de índios e do êxodo

Apesar do alto índice de êxodo rural registrado nos últimos anos, Tenente Portela vai driblando as dificuldades seja através da organização da saúde ou pelos programas técnicos desenvolvidos pela Cotrijuí.



Claudino, em Portela desde 1909

Presença indígena

"Logo que me conheci por gente, não havia por aqui branco, nem estrangeiro," recorda o velho José Claudino Ribeiro, um índio do Toldo da Guarita, que é parte da Reserva Indígena que faz limite com o município de Tenente Portela. Como os outros de seu tempo, o seu José Claudino, "vivía da caça, pesca, porco solto e mel do mato." Hoje ele ainda faz isso, de vez em quando, mas suas preocupações maiores são com o milho, o feijão, a mandioca e a soja.

Por sua idade e experiência, o velho Claudino tem o posto de coronel na Guarita, o que equivale a um conselheiro da tribo. "Por qualquer problema sou procurado," diz o índio. "desde problema de terra até casos de alguém que tem duas mulheres." Pelos anos que tem, seu Claudino também assistiu aos desdobramentos da Reserva, hoje dividida em duas partes.

A DIVISÃO

Quem explica melhor essa divisão, é o filho do Claudino, o professor e chefe do posto indígena Neri Ribeiro. Uma das causas desta divergência, diz, "é o arrendamento de terras, que desde 82, quando o cacique Ivo assumiu no lugar de Sebastião Alfaiate, tem gerado muito descontentamento entre os índios, que não recebem o valor real do arrendamento negociado com terceiros, pelo cacique." Por consequência, afirma o professor, "muitos destes índios deixam a terra, em São João do Irapuá e vêm para a Guarita, ocasionando outros problemas, como o de desmatamento nos 3,5 mil hectares do Toldo."

Além do arrendamento e do desmatamento, Neri aponta ainda o baixo nível de ensino nas quatro escolas da Guarita. "Falta preparo ou é puro comodismo," fala o índio, referindo-se tanto ao nível bilíngue como o pré-escolar.

Um pouco satisfeito com o atendimento de saúde que é prestado a sua comunidade, o índio já está pensando em ir embora da Guarita. "Talvez vá para o Paraná, diz ele, "pois é difícil lutar sozinho contra o arrendamento e o desmatamento."

Além de ser conhecido pelos seus pontos turísticos geográficos, como Parque Florestal do Turvo, o salto do Yucumã, no rio Uruguai, e presença de quase 1.800 índios que habitam a Reserva Indígena, sob jurisdição da Funai, o município de Tenente Portela tem sido bastante lembrado pelo seu acentuado índice de êxodo rural, ocorrido nos últimos anos. Emancipado em 1955, Tenente Portela se localiza numa zona fronteira que inclui, ao norte a Argentina e o Estado de Santa Catarina, através do município de Itapiranga; ao sul os municípios de Miraguaf e Redentora; ao leste, Erval Seco e Palmitinho, e a oeste, Três Passos.

Com uma base territorial de 960 quilômetros quadrados, Tenente Portela é formado historicamente pelos índios — hoje abrigados no Toldo de Guarita — por colonos nativos e boa parte por colonos migrantes de Lageado e Ijuí. A chegada destes últimos, que aconteceu até meados dos anos 60, culminou também com a época em que as propriedades, na maioria de uma extensão de meia colônia de terra, deixassem de lado a cultura do milho, do fumo e do feijão, entre outras atividades de subsistência, para entrar firme na soja. A partir daí, Portela também entrou na mecanização, e em pouco tempo conheceu o drama do minifúndio para voltar a diversificação.

ÊXODO RURAL

Sem uma política agrícola definida para os seus interesses, os pequenos produtores, ao contrário, foram empurrados para algumas zonas do Mato Grosso, Pará e Amazonas, através de uma organização chamada Cooperativa de Colonização "31 de Março". Amparada pelo Governo Federal, a organização com sede no Mato Grosso e coordenada pelo Incra, chegou a levar 90 famílias do município, para trabalhar na famosa rodovia Transamazônica. Encontrando apenas doenças e dificuldades para produzir, muitos des-



Odilo Gabriel



José Zucolotto

tes produtores espalharam-se pelo País, outros voltaram para o Sul, enquanto alguns ainda conseguiram reaver um pequeno lote em Tenente Portela.

Também em 71, surgia em Tenente Portela, mais uma unidade da Cotrijuí, Regional Pioneira, que desde 64, se expandia na região, através dos postos de Sítio Gabriel e Tronqueiras, no município de Miraguaf. Desde aquela época, os produtores que já andavam meio arripiados com os poucos estabelecimentos da região, começaram a receber uma assistência técnica mais direcionada às suas propriedades. "A Cotrijuí, para nós, é o tipo de empresa que interessa para todo o Brasil," diz o prefeito Odilo Gabriel, ao destacar o papel da Cooperativa no desenvolvimento do município. Além da sua participação social na criação de empregos e na área de saúde, o "maior de seus incentivos está na orientação técnica à produção diversificada," ressalta o

prefeito, enfatizando que a participação da Cotrijuí no município veio surgir até as lacunas que o Estado mantém.

Ainda assim, não são poucas as dificuldades encontradas pelo minifúndio, pois, como acontece em todo o País, ele continua resistindo a uma economia, quase sempre inversa aos seus interesses. Se nos anos 70, os produtores de Portela foram manipulados diretamente pelo governo, agora muitos deles, sem ter condições de se manter na terra estão deixando as lavouras para buscar trabalho, principalmente em Sapiranga, na grande Porto Alegre. Para se ter uma idéia desse vai-e-vem em Tenente Portela, basta verificar os números dos últimos censos, que demonstram uma redução de 40 mil para menos de 30 mil, nos últimos dez anos. "Muita gente tem abandonado a terra", salienta o prefeito, destacando como uma das causas principais, a falta de interesse do próprio agricultor em diversificar a propriedade.

Já o vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, José Moacir Zucolotto, não vê as coisas somente por este lado. Segundo o sindicalista, o que ocorre, "praticamente, é uma expulsão dos produtores, que pela falta de terra e de uma política agrícola, acabam se atrelando aos bancos". O exemplo citado por Zucolotto, vem de uma comunidade do Quilômetro 12, onde a Igreja São João possuía 136 sócios, há oito anos atrás, e hoje possui apenas 36. Mas, os casos não ficam por aqui, de acordo com Zucolotto. O processo de falências se acentuou muito no ano passado, embora Tenente Portela não tenha apresentado números de êxodo rural tão altos como os de Miraguaf.

Mesmo menores, os problemas do minifúndio em Tenente Portela, não deixam de preocupar o sindicalista, que só vê como saída uma medida global, onde esteja incluído uma redução dos custos das atividades de diversificação, um seguro rural para toda a propriedade e um bom projeto de conservação do solo.

MUNICIPALIZAÇÕES

Como em outras regiões, o município de Tenente Portela também está esperando pela municipalização do seu plano de saúde, que, de acordo com o prefeito Odilo Gabriel, deverá ocorrer nos próximos meses. "Procuramos envolver o máximo de entidades neste trabalho de saúde, relata o chefe do executivo, comentando que, pelo seu pioneirismo de organização, o município tem recebido os recursos com maior frequência." Apesar do entusiasmo da Cims local, existem algumas entidades que ainda estão relutando em aceitar a municipalização da saúde, como é o caso do Hospital Santo Antônio, administrado pelas irmãs, Filhas do Sagrado Coração de Jesus.

Além da saúde, a prefeitura quer municipalizar ainda a fiscalização dos tributos arrecadados em Tenente Portela, a fim de evitar maiores sonegações de impostos do que já está ocorrendo. Para isso, a administração já tem uma carta de intenções assinada pela Secretaria da Fazenda do Estado, que a curto prazo deve se transformar em convênio. "A partir disso Portela terá seus próprios fiscais", enfatiza o prefeito, acreditando que a troca de pessoal trará melhores resultados.

Maiores índices ficam com Miraguai

Depois de Vicente Dutra, que ostenta o primeiro lugar, o município de Miraguaf, 129,5 quilômetros quadrados de extensão é o município mais pobre do Rio Grande do Sul, em termos de arrecadação tributária. A razão deste título começa pela própria topografia, caracterizada pelas terras dobradas, bastante suscetíveis a erosão e que dificilmente recebem um trabalho de conservação do solo, devido a escassez de recursos do minifúndio. Com a maioria de suas propriedades apresentando uma extensão inferior a 10 hectares, e em nenhum caso, ultrapassando os 200 hectares, o município de aproximadamente oito mil habitantes, tem um reduzidíssimo retorno de sua produção, baseada na soja, no milho e no leite. "Não fica nada em Miraguaf," diz o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Alencar Gross, referindo-se a produção da área indígena, que é rateada entre Redentora, Tenente Portela e Três Passos.

FALÊNCIAS

Mas não é somente na arrecadação tributária que o município demonstra as suas dificuldades. Somente no ano passado, mais de 19 produtores tiveram seus bens leiloados por causa de dívidas contraídas junto a financeiras de outros municípios. Contudo, estas falências não fazem parte de um quadro recente. Certamente muitos destes produtores que foram executados no ano passado, engrasaram a lista dos sem-terras, que nos últimos

dois anos, atingiram a casa dos 70. "Isso sem falar nos filhos de agricultores, meeiros e muitos outros que arrendam as terras, e vão trabalhar nas fábricas de calçados de Sapiranga", diz o Alencar.

Tendo o leite como uma das únicas alternativas de produção diversificada, alguns produtores também vêm tentando se equilibrar com a produção do alho, da cebola e da batatinha. Mas aí surgem outros atrapalhos, pois até mesmo a distância de um centro consumidor mais forte dificulta o escoamento desta produção. "Ainda por cima, explica o Alencar, todas estas culturas que tiveram um bom nível de produção este ano, já começam a sentir o problema de superoferta. "Se não tiverem um retorno econômico, em breve estes produtores também terão que abandonar a terra," diz o sindicalista, reclamando de uma política agrícola voltada aos interesses do pequeno e médio produtor.

A falta de recursos também pode ser avaliada pela ausência de um trabalho de conservação de solo, que é vista como uma outra causa de empobrecimento do município. Embora em algumas localidades, como é o caso de Coxilha Ouro, já desponte um interesse por parte dos produtores que trabalham a cobertura de inverno, muitas outras continuam em cima da soja e do milho, sem ter resultados. O avanço do trabalho de conservação, ou antes de recuperação, segundo o Alencar, somente poderá acontecer, "no momento



Alencar Gross

em que o produtor tiver uma estrutura financeira, ou seja, quando toda a sua propriedade for assegurada para produzir bem. Do contrário vai ficar só nas pedras."

SAÚDE

Para atender toda a sua população, o município de Miraguaf, que foi emancipado em 1965 conta até hoje com apenas um médico, chefe do posto de saúde e proprietário do Hospital Nossa senhora de Fátima. Um pouco avesso a este atendimento, muitos produtores, em caso de necessidade, têm recorrido a Tenente Portela ou ao vizinho município de Braga.

Para ampliar e melhorar o setor, o município já deu os primeiros passos. Com a Cims organizada, Miraguaf se prepara para realizar o seu senso da saúde, em janeiro, quando, então, serão definidas as prioridades da área.



Só apertar não resolve. O berne precisa ser tratado

O rebanho sem o berne

A higiene e a limpeza ajudam no combate ao berne, pois evitam a proliferação das moscas que transportam os ovos da *Dermatobia hominis*

Quem é que ainda não conhece um berne? Só mesmo aquele pessoal que mora na cidade grande e ainda não teve a oportunidade de passar uns dias no interior. Quem vive no meio rural não gosta nem de ouvir falar nesse bichinho, quanto mais encarar um de perto. Berne é o nome dado a larva da mosca que é conhecida nos meios científicos como "*Dermatobia hominis*" e tem a capacidade de fazer grandes estragos no organismo dos animais e prejuízos no bolso do criador. "É, segundo a médica veterinária Susana Cardoso, da Unidade de Ijuí, um parasita de pele que pode infestar animais de diferentes espécies, como os bovinos, ovinos, cães, suínos, eqüinos e, inclusive o homem. Mas são os bovinos, as maiores vítimas do berne.

Mas como o berne vai parar debaixo do couro do animal? A resposta é simples, garante a Susana. A mosca, que também é vulgarmente chamada de "berneira", coloca seus ovos em outros insetos sugadores ou lambedores do sangue dos animais. Esses pequenos insetos depositam esses ovos tão logo entram em contato com outros animais de "sangue quente". Quando os ovos eclodem, nascem então os bernes, fazendo um caroço no couro do animal. A alimentação deles fica por conta do que existe no organismo dos bichos atacados.

Oito dias após penetrar nos hospedeiros, ou seja, no animal, as larvas medem em torno de quatro milímetros. Quinze dias depois o tamanho já chega a 12 milímetros e aos 30 dias, chegam a 25 e até 30 milímetros. Nesse período, segundo a médica veterinária, eles deixam o animal hospedeiro e

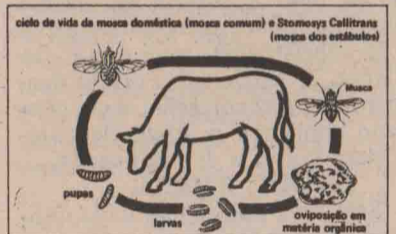
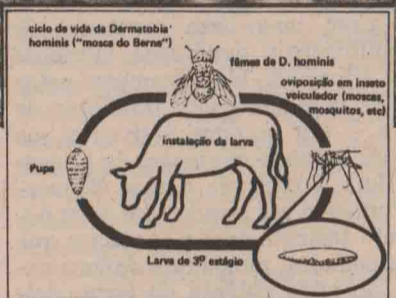
caem ao solo, onde, depois de algumas transformações, se tornam moscas adultas.

OS PREJUÍZOS

A mifase provocada pelo berne, de acordo com a Susana, é semelhante a um furúnculo e causa o aparecimento de um nódulo debaixo da pele do animal, com um orifício no centro, por onde a larva respira. Os movimentos do berne causam dor, inquietação e irritação, prejudicando o descanso do animal. Alguns dados, já comprovados cientificamente, dizem que 50 larvas depositadas num mesmo animal, além de provocar febre, podem ocasionar diminuição de 18 a 25 por cento na produção leiteira. "Além disso, diz ainda a Susana, o local onde se instalou o berne pode infeccionar, provocando a formação de pus e abscessos". Mas os prejuízos não param por aí. A Susana cita ainda, como danos aos animais atacados, retardamento do crescimento, queda na produção de carne, desvalorização do couro — ele fica marcado para sempre — e, inclusive, dependendo da incidência, a morte do bicho.

Apertar a bicheira, não é a solução, pois os bernes continuam vivos e massacrando os animais. Para combatê-los, a médica veterinária recomenda o uso de produtos bemicidas, desde que aplicados no local onde se encontram os bernes. O tratamento também pode ser feito com produtos injetáveis.

Para evitar o berne, basta que o produtor tome algumas medidas, como a de procurar manter limpo os pastos e aguados, os currais e eliminar completamente as capoeiras formadas pelas árvores.



Como construir uma armadilha

O produtor que anda pagando os seus "pecados" com o moscardão que vem invadindo a sua propriedade, pode seguir a sugestão da armadilha que está sendo descrita. Ela é bem prática e tanto pode ser usada para as varejeiras.

A armadilha é formada por um caixote de 80 centímetros de largura e 120 centímetros de comprimento, por 15 centímetros de altura. Ela pode ser construída com madeira ou tijolos. A armadilha de madeira tem a vantagem de poder ser deslocada de um lugar para outro, dependendo do ataque das moscas. A caixa precisa ficar bem vedada para impedir a saída das moscas. Por garantia, a veterinária aconselha a colocação de borrachas entre um pedaço e outro de madeira. Por cima da caixa, do lado de fora, vai uma tela de malha fina — de 2 por 2 centímetros. Antes de pregar a tela, colocar um centímetro de óleo queimado dentro da caixa.

Sobre a tela espalhar uma camada fina de até três centímetros de esterco de galinha, gado, cavalo ou até mesmo de suíno. Procurar conservar este esterco sempre úmido. Quem quiser, pode usar, inclusive, água açucarada ou melado para umedecer o esterco. Tanto a água açucarada como o melado vão servir para atrair as moscas que sentam no esterco para depositar seus ovos. Após a eclosão destes ovos, as mosquinhas procuram lugares mais profundos para se desenvolverem. Ao se aprofundarem no esterco, elas passam pelos furos da tela e caem no óleo queimado, onde terminam morrendo.

Prejuízos das bicheiras

As "bicheiras" ou "mifases", também trazem prejuízos para o rebanho, principalmente nos meses de verão, quando a incidência de moscas é muito grande. Geralmente num verão subsequente a um inverno quente e úmido, as moscas se proliferam com maior intensidade, a ponto de controlar as mesmas se tornar difícil. O controle das moscas pode ser feito com venenos, o que já implica em custos, ou então, através de armadilhas. As moscas, a exemplo dos carrapatos, também gostam de ambientes úmidos e sujos, assim como as esterqueiras e currais.

Um animal com uma ferida exposta, é um "prato cheio" para as moscas que vão chegando e colocando seus ovos. "As mifases ou bicheiras, explica a Susana Cardoso, são, na verdade, o desenvolvimento de larvas da mosca chamada "*Cochliomya hominivorax*", mais conhecida como varejeira", depositadas em cortes e feridas da pele de todos os animais, inclusive do homem". Num tempo bastante curto, os ovos transformam-se em larvas e a pequena ferida numa verdadeira bicheira. Não existem métodos preventivos para evitar a formação de bicheiras nos animais, "justamente porque o que atrai as moscas são as feridas abertas nos tecidos dos animais".

O CICLO

Normalmente, segundo a Susana, uma mosca deixa ao redor de um ferimento aberto, em torno de 300 ovos pequenos. Após a eclosão destes ovos, as larvas começam a penetrar na pele dos animais, ali-

mentando-se das secreções e dos tecidos vivos. O período que vai desde o ovo até a fase final da larva dura em média 15 dias. Após esse período, elas caem no solo, dando origem às novas moscas adultas, completando o ciclo.

Os ferimentos tomados por mifase vão aumentando de volume e ao redor, aparece uma secreção sangüinolenta que, alguns dias mais tarde, transforma-se em pus. A devora dos tecidos pelas larvas, segundo a Susana, produz uma intensa coceira e inquietação nos animais. As perdas econômicas, por causa das bicheiras, são grandes e vão desde o retardamento do crescimento, a diminuição da produção de leite e carne, até a morte do animal, "pois com a formação de pus acontece o aparecimento de febre e uma infecção generalizada".

Para diminuir a ocorrência das bicheiras, a Susana recomenda evitar as castrações, tosquiagens, descornas e outros procedimentos que ferem a pele do animal, principalmente nas épocas mais quentes. Quando acontecer um ferimento no animal, recomenda o tratamento imediato com produtos repelentes e cicatrizantes — mais conhecidos como spray —, para evitar que as moscas façam a postura de ovos. Para curar uma bicheira estabelecida, o criador deve lavar o local com água e sabão e remover as larvas. "Em seguida, explica, colocar um unguento ou spray para eliminar as larvas restantes e não permitir que se instale uma nova mifase".

Rumos da produção de sementes

Adão Acosta

Desde que o homem compreendeu e dominou o mecanismo de preservação e disseminação das espécies vegetais através da semente, até interferir metodologicamente na organização da produção, se passaram mais de 10 mil anos. O tempo de aprendizado e acúmulo de informações culminou, na Europa, no início do século XIX, com as primeiras leis, critérios e padrões para a produção de sementes.

No Brasil, o primeiro passo para algumas definições no setor, surgiu em 1936, mas isso em São Paulo, através de um decreto que abrangia o melhoramento e a produção de sementes de algodão e milho. Portanto, os programas e legislações para a atividade sementeira no Brasil são bastante jovens e com distorções. Somou-se a essa situação, o ato da produção de sementes ter tomado o caminho da verticalização, chegando a casa das 2,5 milhões de toneladas - caso das grandes culturas - sem que os órgãos que atuam, principalmente na fiscalização e comercialização da produção tenham aumentado seus quadros. Isso foi ruim, já que a expansão dos órgãos fiscalizadores é fundamental para o bom andamento de uma política de preservação da qualidade.

Uma outra característica da "juventude" do setor é a presença bastante grande das chamadas "empresas rurais", formadas ao reboque da monocultura e que encontraram na semente, uma forma de agregar valor à sua produção. Essas empresas são hoje responsáveis por boa parte das sementes melhoradas e comercializadas no sul do Brasil.

A própria história, o volume de produção, o domínio tecnológico do setor, a legislação, a fiscalização e o tipo de produtor predominante na área de sementes, nos dão os indicadores das perspectivas que se vislumbram para a atividade nestes próximos anos. Certamente, a etapa de simples transformação de uma granja ou fazenda de porte médio em produtora de semente, poderá não mais acontecer, visto que os monopólios avançam a passos largos na agricultura. As sementes híbridas, são a confirmação desta tendência e a lei das cultivares - patenteamento das espécies vegetais - provavelmente será a ferramenta para o domínio das grandes empresas que trabalham nas culturas de auto-fecundação (trigo e soja, por exemplo). A expectativa e a inserção da Cotrijuf serão discutidos mais adiante.

Mas antes é oportuno analisar outros aspectos. Alguns critérios agrônômicos são necessários para que se possa produzir uma semente de qualidade, pois na verdade, esta é uma das maneiras de sobrevivência e enfrentamento num mercado que hoje é altamente competitivo e vem apresentando cada vez mais excedentes. Conhecimento científico e muito trabalho resultaram, após anos e mais anos de pesquisas, em materiais adaptados e produtivos e que chegam aos agricultores quando os sistemas de produção de sementes são estabelecidos. Ou melhor, aquelas grammas ou quilos de material desejado estão ampliados a níveis tais, que permitem sua utilização para todos, com uniformidade e qualidade.

No Brasil são adotados dois sistemas para que se alcance os objetivos traçados para uma determinada cultivar.

• Sistema de produção de sementes certificadas
- Semente genética - é produ-



A Cotrijuf atua na área de sementes fiscalizadas

zida sob a responsabilidade e controle direto de melhoristas e mantida pura geneticamente.

- Semente básica - resultante da multiplicação da semente genética ou básica. A sua multiplicação é de responsabilidade da entidade criadora e introdutora do material.

- Semente registrada - também é resultado da multiplicação da semente genética, básica ou registrada, produzida em campo específico de acordo com as normas da entidade certificadora.

- Semente certificada - é resultante da multiplicação de semente básica, registrada ou certificada e produzida em campo específico, sempre de acordo, com as normas da entidade certificadora.

• Sistema de produção de sementes fiscalizadas

O primeiro sistema - de produção de sementes certificadas - tem por finalidade garantir a identidade genética nas sementes produzidas, através de rígidos controles de gerações. Enquanto que o segundo sistema - de produção de sementes fiscalizadas - embora não ofereça tais garantias, controla muito bem a qualidade da semente produzida, tomando o cuidado para que ela fique sempre dentro dos padrões e normas estabelecidas para cada espécie.

As normas e os padrões que cada sistema deve cumprir são de competência das entidades certificadora - no caso a Secretaria da Agricultura - e Fiscalizadora - de responsabilidade do Ministério da Agricultura - em articulação com as Comissões Estaduais de Sementes e Mudas - CEM.

PECULIARIDADES

Dentro deste panorama exposto, o papel a ser cumprido pela Cotrijuf, por suas características de cooperativa de produção e comprometimento histórico com seus produtores associados, assume algumas peculiaridades. Constata-se a exclusiva atuação da Cooperativa na área de sementes fiscalizadas, que como já foi falado, embora garanta a qualidade, não se responsabiliza pela identidade dos materiais produzidos. Pela verticalização do setor e pelo firme propósito de prosseguir na atividade, se faz necessário retomar a produção de sementes certificadas. Essa retomada só acontecerá a partir do encaminhamento imediato desse sistema de produção na cooperativa, buscando manter os materiais saídos de linhas de experimentação no Centro de Treinamento da Cotrijuf e de outras instituições de pesquisa, com o devido controle de identidade e de gerações.

Outra tarefa a ser cumprida é

estabelecer padrões para culturas alternativas, pois a Cotrijuf acredita na produção organizada. O mapeamento do

germoplasma disponível na região, ou seja, de materiais de cultivo tradicional e de excelente adaptação, está em pleno andamento. Na área de forrageiras, também se defende a idéia do uso de sementes fiscalizadas, sob pena de aumentar incontrolavelmente a presença de inços em lavouras da região.

Como em todas as fases de produção, no beneficiamento e na distribuição, a Cooperativa deve continuar investindo nas suas unidades de "beneficiamento de sementes", modernizando-as. O fortalecimento do seu setor de comercialização, para garantir o crescimento da atividade. Somado a qualificação de seu corpo técnico e de cooperantes, poderão continuar saindo de seus campos de produção boas sementes para serem distribuídas a seu quadro social.

Adão Acosta é agrônomo e supervisor pela área de produção de sementes da Cotrijuf na Regional.

CTC

Muitas visitas e cursos em 87

Durante todo o decorrer de 1987 o Centro de Treinamento da Cotrijuf registrou a presença de 4.167 pessoas que participaram de cursos, visitas, dias de campo ou treinamentos. A presença de alunos e professores de escolas da região nas visitas ao CTC foi intensa. Também agricultores de outras regiões e os próprios associados da Cotrijuf marcaram presença, neste ano que passou, com mais intensidade no CTC, ora fazendo apenas visitas, ora participando de cursos e treinamentos, mas sempre com o objetivo de buscar novas alternativas para as suas propriedades.

O ano fechou com a realização de oito cursos de Cooperativismo e Diversificação na Agropecuária para filhos de associados. "Acreditamos, ressalta Pedro Maboni, técnico agrícola, que neste ano que passou tenhamos conseguido atingir as expectativas dos associados em termos de distribuição de material, de sementes, de mudas e de animais". A procura maior aconteceu na área animal, destacando-se os suínos da raça Wessex, os alevinos de carpas e os pintos carijs.

Até o final de dezembro todos os experimentos de inverno foram colhidos e os resultados, brevemente, deverão ser computados. As atividades registradas no mês são as seguintes:

Visitas:

- Dos diretores e assessores do DNER - Departamento Nacional de Estradas e Rodagem;
- De alunos e professores da Escola Estadual Anchieta, de Chiapetta;
- De diretores e técnicos da Cooperativa Mista Tucunduva Ltda;
- De técnicos da Cooperativa Mista São Luiz, de Santa Rosa;
- Dos diretores e técnicos da Calprose - Cooperativa Agropecuária Limitada de Produtores de Sementes do Uruguai;
- De Ingrid M. Giesec e Vitor Hugo Hoccas, agrônomos ligados ao Capa - Centro de Aconselhamento ao Pequeno Produtor de Santa Rosa;
- Paulo Soccol, fotógrafo do Jornal da Carne de Porto Alegre;
- De Enrique Rybner, da Argentina;
- De José Flores Savian, chefe da Estação Experimental de Tupanciretã; Cásio Amaral, veterinário e Ramão Nunes, agrônomo, também ligados a Estação Experimental de Tupanciretã.
- Antônio Moreira, da Telesp, de São José dos Campos, São Paulo;
- De Jander Rubens P. Ribeiro, agrônomo e Secretário de Educação em Manaus, Amazônia;
- De Marcos Antônio Dalla Costa, agrônomo de Mambirituba, no Paraná.

Cursos e Treinamentos:

- De 23 a 27 de novembro aconteceu um treinamento para os novos veterinários, agrônomos e técnicos agrícolas que ingressaram na Cotrijuf nesse final de ano;
- No período de 7 a 18 de dezembro, foi realizado mais um curso de Cooperativismo e Diversificação na Agropecuária para filhos de associados;
- No dia 27 de novembro aconteceu um curso, no CTC, para veterinários e inseminadores da Região Pioneira da Cotrijuf. Assunto do curso: avaliação fenotípica de vacas leiteiras.

Outros eventos

- No dia 27 de novembro ocorreu uma reunião de gerentes da Cotrijuf com a presença da direção. Nessa reunião, a direção eleita apresentou aos gerentes seu plano de trabalho para 88.
- Presença dos alunos classificados no concurso "30 anos de Cotrijuf". A visita aconteceu no dia 4 de dezembro e foi uma espécie de premiação, oferecida pela Cotrijuf, para aqueles alunos que tiveram seus trabalhos classificados. Além da viagem e do almoço, as crianças receberam, como premiação, dois marrecos e dois pintos carijs.

DOM PEDRITO

Dia de campo para ver situação da suinocultura

Um produtivo "dia de campo" em suinocultura foi realizado no último dia 3 de dezembro, em Dom Pedrito, na propriedade do granjeiro e criador Jorge Everardo Perez, na localidade de Ponche Verde. Os objetivos foram relatar e discutir a situação atual da suinocultura no município, para avaliar os resultados, e lançar metas para o ano de 1988, que se inicia. Participaram 30 pessoas, entre criadores, técnicos e pessoal da Cotrijuf, inclusive o vice-presidente da Regional, Tânio José Bandeira.

A reunião começou com um relato feito pelo criador anfitrião, que é agrônomo. Jorge Perez fez um relato da situação geral da granja, em que cultiva arroz, e mostrou os resultados que já se fazem sentir, com a associação com a suinocultura.

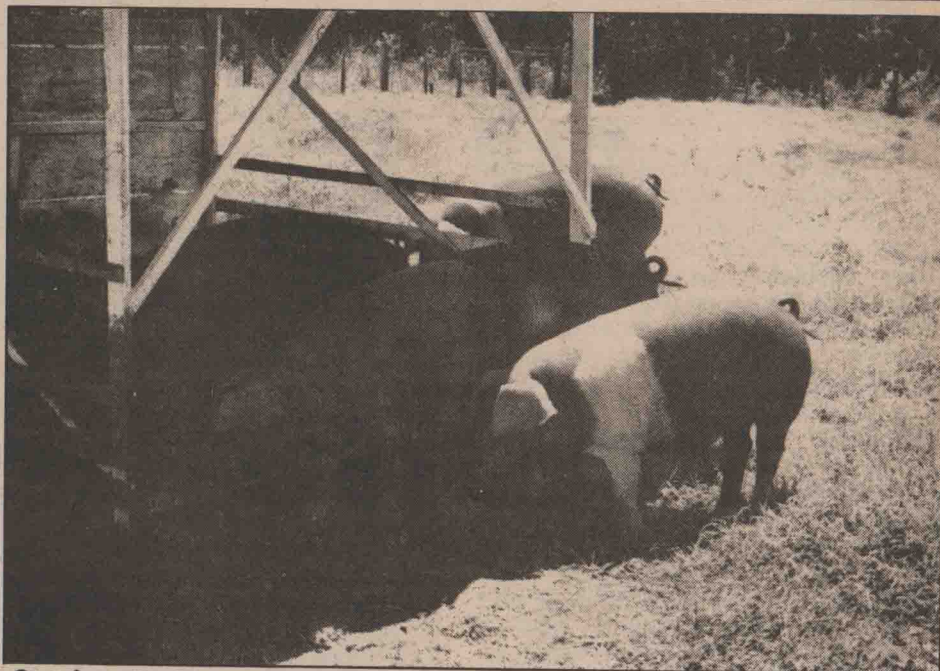
No momento ele está com 40 matrizes, servidas por quatro cachacos, numa população de 140 leitões. O sistema é de semiconfinamento com maternidade central, lactação coletiva e recriação a campo. O aproveitamento

leitões/porca/parto, vem se mantendo em 9,45.

Os animais são mantidos em piquetes com pastagens cultivadas na base do trevo e azevém. Depois: trevo, cornichão mais azevém, recebendo suplementação de ração balanceada só na terminação para o abate, que ocorre aos oito meses de vida.

O veterinário Paulo Alberto Lovatto, responsável técnico da Cotrijuf na área da suinocultura na Regional Dom Pedrito, se mostrou muito impressionado com o bom desempenho da granja de Jorge Perez, prevendo que o mesmo obterá um grande avanço econômico e financeiro nesse setor de atividades.

Participaram do "dia de campo" na granja de Jorge Perez: Almir Bianchini Viero, Dinaldo Dupont, Vilson Loreno Kettermann, Oscar Vicente e Silva, Ivan Vicente e Silva, Everardo Ramos Perez, Hélio Figueira, Ivo Basílio, Tânio José Bandeira, Paulo Alberto Lovatto, Antônio Augusto Tamba-



Os suínos são da raça Wessex

rá, Dorvali Pereira, Ruy Adelino Raguzzoni, Eduardo Augusto Pereira de Menezes, Nelson Barcelos Paiva, João

Michelena, e ainda representantes da Emater, Camal, Rivadavia Vicente e Silva, entre outros.

O desempenho do suíno, do peixe e da lã, em 87

Para avaliar os números da suinocultura no ano de 87 e também o desempenho da piscicultura e da produção de lã na Cotrijuf, Regional Pioneira, a diretoria, gerências, departamento técnico e setores de comercialização de todas as unidades, estiveram reunidos, no dia 14 de dezembro, na Afucotri de Ijuí. Considerada uma atividade recente na Cotrijuf, a suinocultura foi o principal assunto da reunião, onde discutiu-se, especialmente a estrutura de recebimento e de comercialização da atividade, para a qual também foi criada uma comissão, formada por todas as áreas técnicas e comercial.

De acordo com o coordenador de produção animal da Cooperativa, veterinário Paulo Garcez, a suinocultura evoluiu muito nestes últimos cinco anos, tanto em produção como em comercialização. Somente neste ano, por exemplo, a Cotrijuf atingiu um recebimento de 60 mil suínos e conseguiu sair por cima das tradicionais crises de comercialização do produto, agravada em 87, pelos altos preços do milho. Além do acompanhamento técnico e o bom nível de preços, o suíno teve ainda mais um retorno, com a aquisição dos ingredientes para a formação da ração, incluídos no programa cooperado.

Junto a esta evolução, no entanto, a suinocultura, principalmente por causa da superação da expectativa de recebimento registrou alguns prejuízos, relacionados diretamente a problemas de operacionalização. Seguindo os participantes da reunião, não houve um aumento correspondente ao recebimento, por parte da estrutura existente para recebimento, classificação e transporte dos animais. Também foi sentida a ausência de um maior intercâmbio com a Cooperativa Central Gaúcha de Carne. Para resolver estes problemas, o departamento téc-

nico está integrando-se mais à Central, ao ponto de já estar desenvolvendo um trabalho de tipificação de carcaças, o qual, complementando o trabalho de melhoria genética, trará maior qualidade ao produto.

Além disso, a suinocultura, assim como as demais atividades de produção animal, já vivem a expectativa de uma possível implantação do frigorífico próprio da Cooperativa.

PISCICULTURA

No setor de peixes, que há um bom tempo vem sendo trabalhado pela Cooperativa, a avaliação se concentrou na ainda reduzida disponibilidade de alevinos. Aliado a outros entraves, a carência de alevinos tem atrapalhado um potencial de produção, de 250 toneladas por ano. O problema maior, contudo, está na comercialização, que encontra nos hábitos alimentares do sul do País, o consumo de apenas oito quilos por ano. Por outro lado, o peixe, que já sofre uma estagnação no preço, enfrenta ainda alguns problemas de transporte e de armazenagem.

Quanto ao setor de lã, que tem a sua produção centralizada na Cotrijuf, Regional de Dom Pedrito, sofreu um pouco pelas indefinições de preço e de armazenagem. Um maior acompanhamento da comercialização do produto e a ampliação do trabalho de manejo foram dois aspectos a serem revistos, em 88, visando um aperfeiçoamento não só da lã, como da carne e do couro.

Paralelo a estas principais sugestões, nos três setores, a reunião apontou ainda, para o próximo ano, uma maior atenção ao trabalho de melhoria genética e a criação de uma comissão de produtores de suínos; um incremento a industrialização do peixe, e a elaboração de uma estrutura de recebimento e classificação de lã, na Unidade de Jóia.



UNIMED-IJUÍ

SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUI — UNIMED

Os associados da COTRIJUI ainda não beneficiários do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED e que desejarem participar do Plano poderão inscrever-se no período de 11.01.88 a 25.01.88, nas Unidades em que entregam sua produção.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 306 médicos, 36 hospitais e 34 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- 1 - Consultas com todos os médicos cooperados da área pioneira da COTRIJUI, num total de 306 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área;
- 2 - Exames de laboratório: atendimento por 34 laboratórios;
- 3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, laparoscopia, retossigmoidoscopia, esofagogastroduodenoscopia, exames anátomo-patológicos, etc.;
- 4 - Fisioterapia;
- 5 - Exames de Raio X;
- 6 - Atendimentos de urgência diretamente nos pronto-socorros;
- 7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo quando a baixa for acoplada com o INAMPS, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesareana);
- 8 - Medicamentos hospitalares: quando a internação hospitalar ocorrer exclusivamente através da UNIMED.

Maiores informações sobre o Plano, como complementação de honorários em acomodação hospitalar superior, carências, etc., encontram-se no Folheto COTRIJUI-UNIMED à disposição nas Unidades da COTRIJUI.

Os usuários podem utilizar, em Ijuí, a assistência odontológica pelo Sistema de Serviços Prestados, pagando os custos pela Tabela da UNIODONTO CENTRO OESTE.

O sistema funciona da seguinte maneira:

- 1 - o usuário, de posse da Carteira de Beneficiário da UNIMED, se dirigirá ao dentista de sua escolha, que fará o orçamento do tratamento a ser realizado;
- 2 - de posse do orçamento, o usuário se dirigirá à UNIMED onde pagará previamente o custo orçado.

CALENDÁRIO

Produção de pepinos a todo vapor

A Cotrijuí vai industrializar neste ano, em torno de 120 mil vidros e enlatados de pepinos produzidos pelos seus associados,

Quem plantou pepino nesta safra, está fazendo uma boa colheita. Com um crescimento em torno de 300 por cento no volume de produção em relação a 86, encontra-se em pleno andamento, desde início de novembro, o processo de industrialização de conservas de pepinos feito pelo setor de Hortigranjeiros da Cotrijuí. Serão, apenas nesta safra, 120 mil vidros de conservas e enlatados, da marca "Cooper", que estarão sendo produzidos. "A industrialização do pepino, destaca o agrônomo e responsável pela área de olericultura da Cotrijuí, o Francisco Salla, além de incrementar e atender a produção local, vem assegurar o abastecimento do mercado regional durante todo o ano".

A industrialização de produtos hortigranjeiros pela Cotrijuí tem como finalidade atender as necessidades de transformação dos produtos hortigranjeiros de ciclo definido de produção e de alto grau de perecibilidade. "Os benefícios com a instalação do processo de industrialização na Cotrijuí são evidentes, ressalta o agrônomo e cita como exemplo o caso dos preços que a nível de produtor, nesta safra, continuam compensadores". A fora a questão econômica, é preciso lembrar o outro lado: o social. O incremento

DOM PEDRITO

Fábrica de rações

Durante o transcorrer deste mês já estará funcionando em Dom Pedrito uma nova fábrica de rações da Cotrijuí. A indústria de rações e concentrados é a primeira do gênero, no município da Campanha, e terá a capacidade inicial de 300 toneladas/mês, em curso de oito horas de trabalho. Trata-se de mais um esforço da Cooperativa no sentido de prestar também esse serviço ao quadro social, cada vez mais necessário devido a diversificação do criatório de animais. Vem se intensificando ultimamente a criação de suínos e o setor de gado leiteiro também ganha estímulo, com o próximo retorno da linha de leite, que esteve suspensa por alguns anos. A fábrica suprirá suas necessidades de matéria-prima basicamente no próprio município, pois Dom Pedrito conta atualmente com uma agropecuária bem diversificada. Apenas o farelo de soja vai ser adquirido em Ijuí, oriundo da própria Cotrijuí - Regional Pioneira, e o premix. Todos os demais componentes da ração vão ser da própria comunidade.

a cultura do pepino tem ainda contribuído para gerar mais empregos, tanto na lavoura durante a colheita, como na Cooperativa. Todo o processo de industrialização - recepção, lavagem, seleção, envidramento ou o enlatamento e fechamento das conservas é feito de forma manual, "gerando sempre novos empregos".

MAIOR NÚMERO

Novas metas, nestas áreas, estão sendo traçadas este ano, buscando



Toda a produção será colocada nos mercados da Cotrijuí

diversificar a industrialização de produtos hortigranjeiros e atingir um maior número de agricultores. Em Tenente Portela, por exemplo, onde existem ótimas condições de clima e de solo e toda uma estrutura fundiária voltada para as pequenas culturas, deverá, ainda neste ano, ser instalada uma pequena indústria de doces, compotas e schmiers. O programa cooperado de fruticultura tropical - banana, abacaxi e mamão - deverá ser incentivado a partir deste ano, possibilitando ao agricultor, a

diversificação de suas atividades na propriedade, maiores rendimentos e, inclusive, o aproveitamento da mão-de-obra familiar disponível. "Para a Cotrijuí, observa o Salla, a instalação de uma indústria de doces significa a oportunidade de melhor remunerar o produtor durante os 12 meses do ano, permitindo a associação da fruticultura à horticultura na própria propriedade do associado. A Cooperativa participaria na transformação e comercialização destes produtos industrializados.

Avaliação de carcaças

Paulo Garcez

A evolução do sistema criatório de suínos tem como ponto inicial a domesticação da espécie, efetuada nos primórdios da humanidade por homens pioneiros na arte da criação animal. Com o desenvolvimento da atividade, levando os produtores a alcançarem maior nível de experiência e conhecimento, surgiram novos parâmetros a serem analisados e partiu-se para o melhoramento do padrão racial dos animais existentes. Na seqüência, a pressão de seleção foi exercida sobre os animais que apresentassem maior aptidão para transformar os seus alimentos em uma proteína nobre que é a de origem animal. Modernamente, interpreta-se os cortes de carnes obtidos das carcaças, correlacionando-as com as características da observação visual do animal em pé.

Este trabalho chama-se classificação de carcaças e nos dá o conhecimento dos animais de qualidade superior a nível industrial, fornecendo em uma análise ampla, o grau qualitativo do rebanho. Com estas informações, poderemos direcionar programas que objetivam a maior eficiência produtiva. Levando em consideração os coeficientes técnicos da suinocultura praticada na área de ação da Cotrijuí, que evidenciam ainda, um baixo rendimento, a adoção de um sistema de classificação de carcaças viria estimular o direcionamento do segmento produtivo para a produção de animais compatíveis com a tecnologia recomendada pelo setor técnico, com o tipo de produto que a indústria deseja beneficiar e com a exigência do público consumidor. Pelo sistema atual de comercialização de suínos, os animais são classificados de forma empírica, levando em consideração somente a pelagem. Esse critério adotado prejudica a remuneração de forma mais correta, pois beneficia animais de baixo



Através da avaliação, o produtor pode ser melhor remunerado

rendimento industrial em detrimento de suínos que teoricamente poderiam ser melhor qualificados. Com a implantação de um sistema de avaliação de carcaças, automaticamente o produtor terá a oportunidade de trabalhar com animais de qualidade superior. Essa situação vai refletir, de maneira direta, sobre a sua atividade e também, de uma forma global, na medida em que o setor produtivo trata de se organizar e traçar o perfil de seu produto. Para determinação do verdadeiro valor de uma carcaça e, por consequência, do animal em pé, se faz necessário saber a porcentagem quantitativa e qualitativa da carne que dela poderá obter. Para se determinar o valor de uma carcaça, usam-se métodos objetivos de apreciação, como as medições efetuadas nas carcaças e os subjetivos, como a conformação. As técnicas objetivas de avaliação compreendem as medidas de espessura de toucinho, comprimento da carcaça, área de olho de lombo e rendimentos de pernil. Todas estas

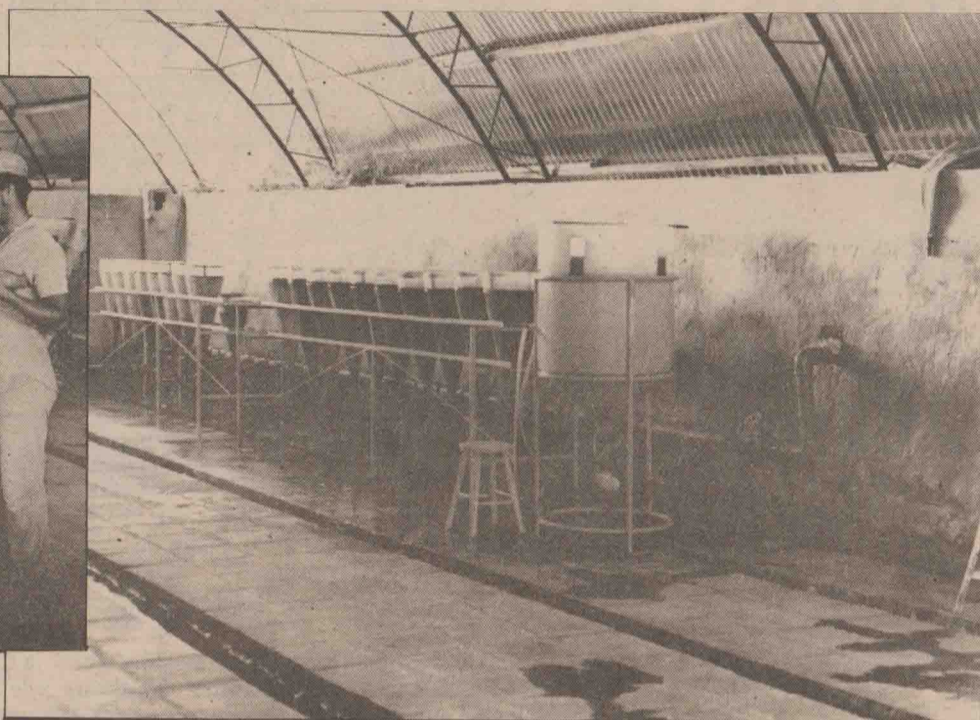
medidas funcionam como indicadores do que iremos obter como resultado, traduzindo a quantidade de carne, gordura, relação entre as mesmas, rendimentos de cortes, entre outros. A metodologia subjetiva, tem, como seu principal item, a conformação, que nada mais é do que o relevo de uma carcaça ou de um corte em particular. Ela nos dá a idéia de proporção existente entre os tecidos musculares e os tecidos não comestíveis. Geralmente a conformação determina qual será a carcaça que renderá a maior quantidade de carne, tal como indica sua musculatura abundante e o mínimo de espessura de gordura. Ainda em relação a apreciação de uma carcaça, devemos observar o pernil, sendo que o mesmo deve ser coberto de carne na maior extensão possível. O lombo deverá demonstrar o seu conteúdo cárneo pela sua largura, amplitude e espessura de gordura. A paleta deverá apresentar um aspecto que possibilite imaginar a maior quantidade de carne possível e a menor quantidade de gordura. Após estas considerações, evidencia-se que algumas modificações tornam-se necessárias para aplicação prática de um sistema de avaliação de carcaças. As mudanças programadas e conscientes partem desde a substituição de reprodutores até uma postura mais crítica sobre os fatores determinantes da baixa produtividade, custo elevado de produção e a insuficiente qualidade do produto a nível industrial. A partir deste entendimento é que surgirão ajustes para que se alcance o consenso para que a implantação desse sistema de classificação venha atingir objetivos concretos nos diversos segmentos da atividade.

Paulo Garcez é veterinário e gerente da área de Produção Animal da Cotrijuí na Regional Pioneira.

PISCICULTURA



Os peixes são transportados em macas



São 21 incubadoras, onde os ovos ficam depositados até a eclosão

Alevinos por indução

Cotrijuí instala, junto ao Centro de Treinamento, uma unidade de multiplicação artificial de peixes. Duas desovas induzidas, de carpa comum, resultaram em um milhão e 200 mil alevinos.

Há mais ou menos uns 10 anos atrás, falar que o peixe poderia se transformar numa atividade rentável para o produtor, era uma conversa meio estranha. Afinal de contas, quem iria querer apostar numa atividade sem tradição de consumo e com sérios problemas de comercialização? Açude era coisa para criar alguns peixinhos para o consumo da família e dos vizinhos durante a Semana Santa e até um jeitinho de enfeitar a propriedade. Ele não tinha qualquer valor comercial. Mas hoje, passado todo esse tempo, a piscicultura, apesar de alguns problemas de comercialização que ainda persistem, é uma atividade produtiva consolidada na região e vem sendo adotada por muitos produtores, integrada a outras atividades como a suinocultura, a avicultura e as lavouras.

Essa consolidação é o resultado de um trabalho modesto, iniciado por volta de 1977 e levado adiante pelo Departamento Técnico da Cotrijuí, que sugeria, a princípio, apenas melhorias nos açudes da região. Mas em seguida vieram para a região, espécies como a nilótica e as carpas, o incentivo a produção e a Estação da Piscicultura com seu Centro de Programação Artificial.

O próprio Centro de Propagação Artificial de Peixes da Cotrijuí, no CTC, é o resultado do incentivo a produção, do interesse do produtor pela atividade, do crescimento da atividade e da necessidade de povoar os novos açudes que iam sendo construídos. É claro, faz questão de deixar bem claro o Altamir Antonini, técnico agrícola e responsável pelo programa de peixes da Cotrijuí, que a Estação de Piscicultura, construída em 1982 e composta por 40 tanques e um laboratório de análises, não veio apenas para multiplicar alevinos e distribuí-los aos associados. Por ela passam também as espécies de peixes vindas de outras regiões para serem testadas, avaliadas e comparadas. Se a espécie se ambientar

às condições climáticas da região, ao tipo de manejo, entre outros fatores avaliados, ela é levada ao produtor. Foi assim com as carpas; a chinesa, a prateada, a cabeça grande, entre outras.

E o Centro de Multiplicação de peixes, a que veio? Ele foi criado, explica o Altamir Antonini, porque a direção da Cotrijuí entendeu que a piscicultura é uma atividade a ser estimulada na região. Apenas em 1987, ano da instalação do Centro, foram feitas duas desovas de carpa comum no Centro de Propagação, obtendo-se, segundo o Altamir, um total de um milhão e 200 mil larvas. Parte destas larvas destinada aos associados da Cotrijuí em Mato Grosso e o restante comercializado em Porto Alegre, Lajeado e Ibiraiaras.

MULTIPLICAÇÃO

Até o ano passado o processo de multiplicação de alevinos vinha sendo feito através da desova natural ou semi-natural. Mas esse trabalho, segundo o responsável pelo programa, não vinha apresentando os resultados esperados. Ele cita como fatores limitantes da reprodução natural dos peixes, a ação dos predadores e o fato de algumas espécies, como por exemplo as carpas chinesas, só se reproduzirem de forma induzida. O próprio tipo de reprodução de alguns peixes na água é um fator limitante e não contabiliza com segurança o número de alevinos que poderá sobreviver. O Altamir é quem conta como acontece a fecundação dos óvulos dos peixes no meio aquático:

— A fecundação dos óvulos pelo macho só vai acontecer se realmente houver um sincronismo muito grande entre a fêmea e o macho. A fecundação tem que acontecer num espaço de tempo de um minuto. Se não for assim, tanto os óvulos como os espermas ficarão perdidos na água e não haverá fecundação.

COMO A SEMENTE

A presença humana na reprodução dos animais tem por finalidade eliminar todos os possíveis desequilíbrios da natureza, aproveitando o máximo do material genético disponível. "Induzir a reprodução de algumas espécies de peixes, justifica, é como produzir sementes de trigo, soja ou de outra cultura qualquer. Assim como a lavoura tem que ser plantada com semente de qualidade para atingir uma boa produtividade, o mesmo acontece com a piscicultura. Só animais de qualidade poderão alcançar os rendimentos esperados pelo produtor.

Além da ação dos predadores e dos desequilíbrios da própria natureza, o técnico agrícola lembra que muitas destas espécies estão ameaçadas de extinção pela poluição dos rios. "Os peixes, lembra, são animais altamente prolferos, mas da desova de um salmão, por exemplo, não sobram mais do que dois exemplares adultos em condições naturais. Então, reforça, é preciso ajudar a natureza.

O CENTRO

A Unidade de Propagação Artificial de Peixes da Cotrijuí é composta por três tanques de alvenaria para recepção dos reprodutores; 20 incubadoras de 20 litros cada e uma outra, grande, com capacidade para 200 litros. Ela ocupa uma antiga piscina em desuso e construída no tempo em que o CTC chamava-se Posto Agropecuário. "É uma estrutura simples, mas funcional, diz ele, lembrando que a maioria das Estações de Piscicultura do país já está adotando esse sistema de reprodução artificial de alevinos." Através do Centro estaremos produzindo alevinos de qualidade e nas quantidades desejadas, sem ficar à mercê da ação dos predadores ou dos desequilíbrios da natureza. "Induzir a produção dos peixes, diz ainda, é a ciência à disposição do homem para promover o milagre da multiplicação dos peixes."

Como é feita a reprodução artificial dos peixes



As larvas de poucas horas

Mas como o homem pode interferir na reprodução dos peixes? O processo não é tão simples como possa parecer e exige, segundo o Altamir Antonini, muita paciência, persistência e sensibilidade. Tudo começa no período de reprodução destes animais, que pode acontecer na primavera até fevereiro ou março. O primeiro passo é separar os machos e as fêmeas, colocando-os em tanques diferentes. As fêmeas selecionadas devem ser aquelas que estiverem preparadas para a reprodução, ou seja, que estiverem com as gônadas sexuais em condições de receber a indução para posterior ovulação ou desova.

As fêmeas selecionadas são colocadas nos tanques de reprodução, onde deverão receber a primeira dose hormonal preparatória — cerca de 0,5 miligramas para cada quilo de peso vivo do animal. Essas reprodutoras ficam dentro de um tanque por um período de 18 horas, aguardando a segunda dosagem de hormônio — em torno de 4,5 miligramas para cada quilo de peso vivo do peixe. É a dosagem decisiva. Nesse momento, o macho, que se encontra em outro tanque, recebe uma dosagem de estímulo hormonal de extrato de hipófise.

Um macho, que deverá servir como indicador do exato momento de ovulação da fêmea, é misturado com as demais fêmeas. No momento em que ela estiver pronta, é retirada do tanque, "com muito cuidado" e, com a mão, são retirados os óvulos, colocando-os dentro de um vasilhame de plástico. Os espermas do macho, que nestas alturas já devem ter sido retirados do animal, são colocados sobre os óvulos. Com uma pena de galinha ou uma colher de plástico, homogeneizar óvulos e espermas. Após a fecundação, os ovos são depositados nas incubadoras, onde deverão permanecer por um período de 48 a 60 horas, considerando a temperatura ambiental. Só depois da eclosão dos ovos é que as larvinhas são colocadas em tanques previamente preparados, sem predadores e esterilizados. Em 30 dias, já é possível ter alevinos para peixamento de açudes.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

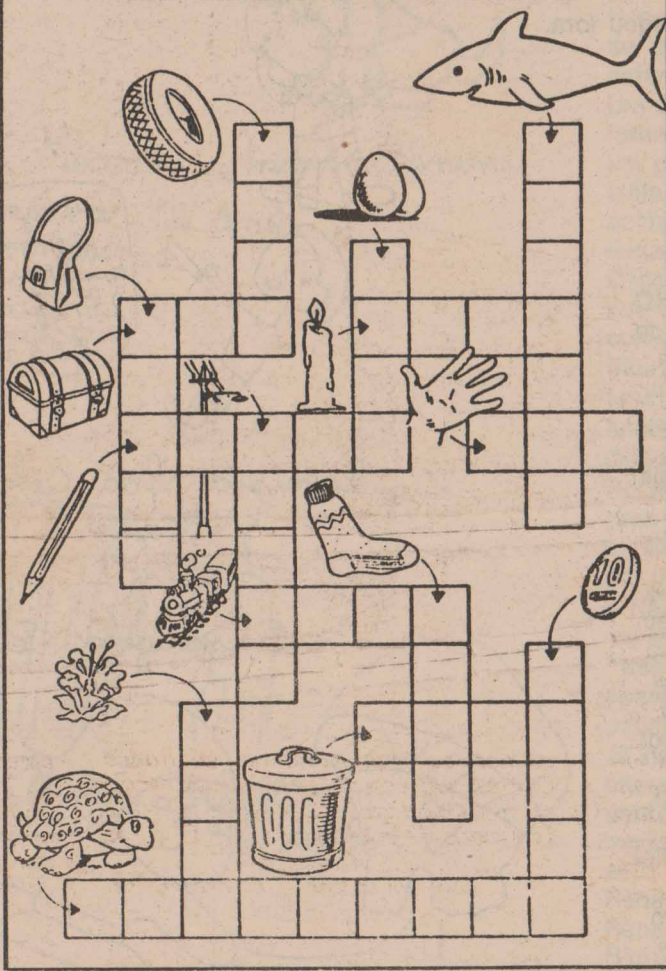
Elaboração: Mariluz dos Santos da Silva

REPETEÇO

QUAIS AS FIGURAS QUE NÃO SE REPETEM NO QUADRO ABAIXO?



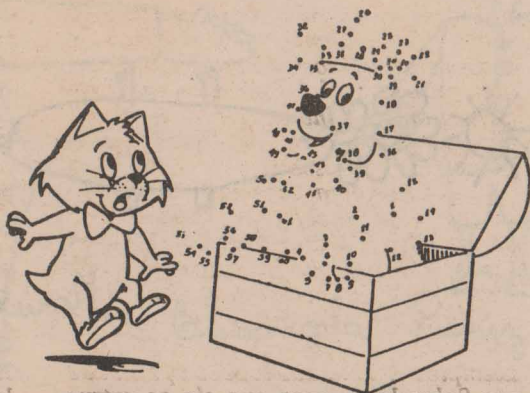
CRUZADINHA



**P
a
s
s
a
t
e
m
p
o**

VOCÊ QUER SABER POR QUÊ O RUÍVÃO ESTÁ TÃO SURPRESO? BASTA LIGAR OS PONTOS DE 1 A 62

DESCUBRA QUANTOS CARRINHOS O JAMBO DESENHOU!



...do 214, diz nada, ressaltando que...
...por Schandberg, para que ela se estru-
...das cooperativas que recém estavam...

Página do leitor

ASSOMBRAÇÃO

Certa vez, o vovô foi na casa do vizinho dele pedir se dava para cortar taquaras no mato.

Daf o vizinho disse:

— Pode ir, mas cuidado que tem assombração.

O vovô foi cortar taquaras, mas quando terminou, saiu correndo de medo. Quando estava correndo, um barulho o acompanhava.

Daf o vovô chegou na casa da sua cunhada e ela perguntou:

— Por que está correndo?

— Porque uma assombração vem atrás de mim.

Depois de muito tempo de conversa, ele foi embora.

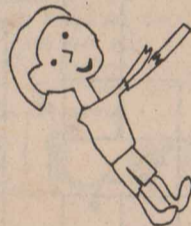
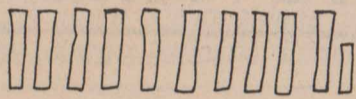
Mas aconteceu que enquanto ele ia embora, o barulho continuava.

Daf o vovô parou para ver o que era e viu que era uma taquara rachada que fazia o barulho.

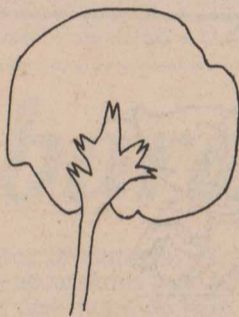
Ele pegou a taquara e jogou fora.

Devanir Maria Gelati

Elisângela Pieniz Gabbi
9 anos



Dionísia Ama Gelati
9 anos



Vou agora
saber quem
quebra
meu
limão
de estimo-
ção



A VIDA DO MEU CACHORRINHO

Eu tinha um cachorro que gostava de brincar com o cachorro da vizinha.

O nome do meu cachorro era Bidu.

Um dia, os dois cachorros desapareceram.

Eu e minha vizinha estávamos muito tristes por ter perdido os cachorros. Eu senti muita falta de Bidu.

Esperei muito meu cachorrinho que tanto gostava, mas ele não apareceu.

Daf a pouco, passou meu primo na estrada e eu perguntei para ele se não tinha visto o meu cachorrinho Bidu. Ele respondeu que não viu nada.

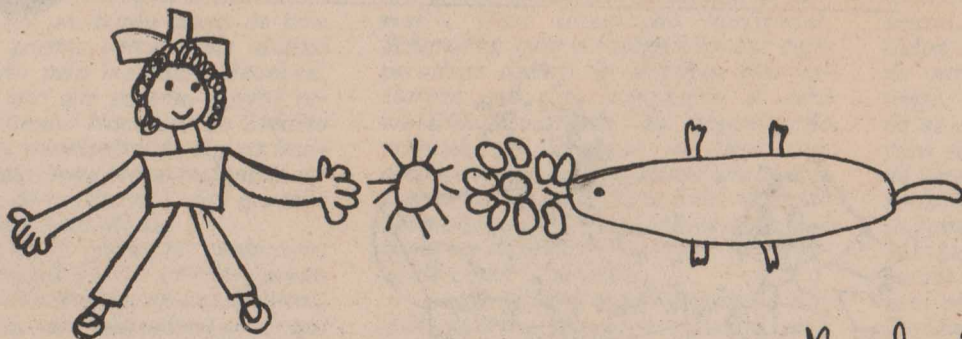
Eu fiquei muito triste porque meu cachorrinho era o único amigo que eu tinha. De repente eu vi dois cachorros bem longe. Eu acompanhei e comecei a ficar alegre.

Eu pensei que fosse meu cachorro Bidu. Os cachorros vieram perto e era o meu cachorro e o da vizinha.

Foi uma festa com a volta dos cachorros.

Moacir André Bonin

Elisângela Pieniz Gabbi
9 anos



Marieli Bonfada
9 anos

OS PALHAÇOS

Certa vez encontrei alguns palhaços. Eles eram muito atrapalhados.

Estavam treinando para trabalhar no circo. Houve uma confusão, em vez deles aprenderem a fazer trapalhadas, faziam tudo errado.

Então eles foram para casa. Havia desistido da idéia. Ao chegarem em casa, veio uma grande chuva; como sua casa era de papel, se desmanchou toda.

Os palhaços resolveram fazer uma casa de madeira. Conseguiram madeiras, pregos, tijolos e compraram um martelo, que o cabo estava rachado. Começaram a martelar.

Aquele que estava batendo na tábua com o martelo, levou a pior, pois o cabo do martelo quebrou e acertou seu rosto. O palhaço atirou o martelo longe e saiu gritando de dor.

Os outros palhaços ficaram com medo de se machucar e desistiram da idéia de construir a casa.

Revolveram morar na floresta, mas lá era muito frio, também existiam muitos animais. Os palhaços ficaram com medo de seus rugidos.

Desistiram também de morar na floresta. Resolveram, então, vencer o medo e construir sua casa. Eles conseguiram.

Ao terminarem a casa, foram morar lá e viveram felizes.

Silvano Gelati

HORA DE DORMIR

Era uma vez um homem que tinha seu filho muito desobediente e que escutava só televisão. E seu pai dizia a seu filho: menino vá dormir.

Por quê?

Porque está na hora, ora essa!

— Ora essa?

Além disso, isto não é programa para menino.

Por quê?

Porque é assunto de gente grande, que você não entende.

— Estou entendendo tudo.

— Ande, vá dormir que você tem. Agora desligue isso e vá dormir.

— Espera um pouquinho.

— Não espero nada!

— Que menino desobediente!

Elisângela Pieniz Gabbi

O HOMEM MEDROSO

Era uma vez um homem muito medroso. Tinha medo de ratos, cobras, morcegos e outros bichinhos pequenos.

Um certo dia, sua mulher queria fazer um bolo e não tinha ovos, então disse ao marido.

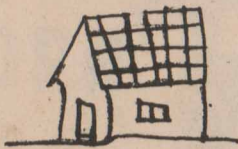
— Querido, vá apanhar meia dúzia de ovos para mim. Então ele foi e apanhou os ovos. Sabem o que ele encontrou?

No ninho de ovos havia um lagarto.

— Ah! Acudam!

Ele pegou uma pedra e atirou, e o lagarto se enfureceu, correu atrás do homem e nunca mais se ouviu falar deste dito homem medroso.

Mariela Bonfada



Silvano Gelatti
10 anos

OS ONZE PAUZINHOS

Havia uma mãe que tinha onze filhos, cada qual mais arteiro. Um dia, um deles chamado Pedrinho, cortou um limoeiro de estimação.

A velha não sabia qual dos onze havia feito a travessura, pois todos negavam constantemente.

Foi então que se lembrou de um artifício que havia de dar certo.

Arranjou onze pauzinhos, todos de igual tamanho e entregou um a cada um de seus filhos, recomendando que segurassem bem escondido,

fechando-os nas mãos. E disse-lhes:

— Vou agora saber quem cortou o meu limoeiro de estimação. Quem de vocês tiver cortado, não poderá

negar, porque o pauzinho que tem na mão há de crescer e não será do

tamanho os outros: um, dois. . . três!

Pedrinho com medo de ser

descoberto quebrou o pauzinho que

ganhou, certo de que sendo o seu,

o menor, não poderia atribuir-lhe a

travessura.

— Abre as mãos, disse a mãe. O

pauzinho de Pedrinho era menor. E

com sua intuição, a velha ficou

sabendo quem cortou o limoeiro de

estimação.

Pedrinho apanhou uma coça, não fez

mais artes e a lição serviu de exemplo

para os outros.

Dionísia Ana Gelati



Moacir André Bonim
12 anos



Devanir Maria Gelatti
12 anos

RENATO E BIDU

Renato era um menino de oito anos de idade. Bidu era o cachorro de estimação, muito amigo de Renato.

Um dia, Renato e seu amigo Bidu, foram fazer uma caçada no mato de um grande mato. Renato só com a

idéia de caçar pássaros e outros animais, esqueceu-se de Bidu, que desapareceu de sua companhia.

Depois de muitas horas, Renato viu que não tinha mais Bidu. Logo

começou a chamar: Bidu. . .

Bidu. . . Bidu. . .

Mas nada de encontrar Bidu. Estava anoitecendo e Renato foi para casa muito triste por perder seu amigo Bidu.

Ao avistar seu pai, Renato correu para os seus braços e entre soluços explicava a ele que perdera Bidu. O pai disse a Renato.

— Não chore meu filho, amanhã Bidu vai aparecer.

Passaram-se três dias e Bidu não apareceu. Renato só chorava e passava o dia procurando por Bidu.

Já havia perdido as esperanças de encontrar seu amigo. Ele estava sentado na casinha de Bidu, quando

ouviu de longe: au. . . au. . .

au. . .

Renato levantou-se e viu que era Bidu.

Renato saiu correndo ao encontro de Bidu, o abraçou e logo começou a chorar de alegria.

DIA DA CRIANÇA

Se uma criança vive humilhada,

aprende a se sentir culpada

Se uma criança é criticada, aprende

a criticar

Se uma criança vive com maus tratos,

aprende a brigar

Se uma criança é estimulada, aprende

a estimular

Se uma criança é valorizada, aprende

a valorizar

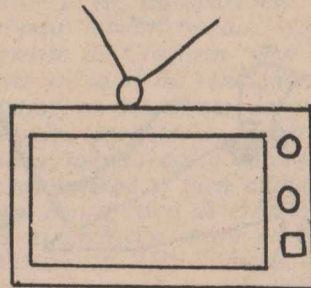
Se uma criança tem amigos, aprende

a ser amiga

Se uma criança é justa, aprende a

ter fé e encontrar o amor no mundo.

Elisângela Pieniz Gabbi



Elisângela Pieniz Gabbi
9 anos

Pomba Colomba

Autora: **Sylvia Orthof**

Ilustrações: **Sonia Maria de Souza**

Pomba Colomba estava arrumando a casa: varreu um canto, varreu outro canto, espanou a poeira.

Aí, Pomba Colomba foi regar a roseira do quintal. Abriu a porta e achou uma cesta.

De dentro da cesta, safa um soluço triste. Era uma carta, que chorava baixinho:

— Ai, ai, ai!

Pomba Colomba tirou a carta da cesta, dizendo:

— Será que eu vou saber cuidar de uma carta abandonada?

A carta, de nervoso, chorou mais alto:

— Ai, ai, ai, ui, ui, ui!

Pomba Colomba embalou a carta e cantou uma cantiga para ela. A carta parou um pouco de chorar. Depois, voltou ao berreiro:

— Ai, ai, ai, ui, ui, ui, ai, ai, ai!

O que aconteceu com você, carta chorona? — perguntou Pomba Colomba.

A carta respondeu:

— Sou uma carta de amor, que quer chegar, mas não sabe o endereço.

— O que posso fazer por você? — perguntou Pomba Colomba.

Pela primeira vez, a carta falou explicadinho:

— Eu sou uma carta de amor, eu quero chegar. . . ai, ai, ai. . . mas não sei o endereço. Foi escrita por ele. . . que está apaixonado por ela. . . Ele escreveu, assinou, mas não sabia o endereço. Me leva, me ajuda Pomba Colomba?

A pomba pensou, ficando num pé só. . . não adiantou.

A pomba pensou, virada de cabeça para baixo. . . não adiantou.

— Como você não sabe o endereço, nem eu, vai ser difícil. . . Vou levar você para quem? — perguntou Pomba Colomba.

— Pra ela. Pra ela. — berrou a carta, toda amassada, de tanto nervoso. — Você me leva, e eu vou olhando. .

Quando a gente se encontrar com ela, eu aviso!

— E como é o nome dela? — perguntou nervosa Pomba Colombo perdendo três penas de uma só vez.

— O nome dela é "Meu Amor"! — gritou a carta, pulando de desespero.

Aí Pomba agarrou a carta, abriu as asas e resolveu virar pomba-correio e procurar a tal de "Meu Amor".

A pomba voou, voou. Passou por um palácio todo cercado de goiabeiras. No jardim do palácio, tinha uma princesa.

— É ela a tal de "Meu Amor"? — perguntou Pomba Colomba.

— Não! Esta carta não tem nada a ver com goiabas ou princesas. — gemeu a carta.

A pomba continuou a voar, a voar. Passou por uma pastora.

— E ela? — perguntou a pomba.

— Não — respondeu a carta.

E a pomba continuou voando, voando. Passou um bicho com cara de onça, rabo de onça? Pata de onça. Só podia ser onça. . . e era.

— É ela! berrou a carta.

A pomba perguntou assustada:

— Mas meu Amor da carta é uma onça?

— É. Foi o onço que escreveu pra onça! Vou largar você daqui mesmo!

— disse a pomba.

A carta começou a chorar, dizendo:

— Não me largue do alto! Eu posso ser levada pelo vento e me perder!

Não me largue do alto. . .

— Posso cair lá longe, dentro da boca de um jacará. . . Me entregue lá embaixo, direto para a onça!

Pomba Colomba voando em círculos, olhava pra onça que lambia os beiços.

Quando a pomba viu a língua da onça, teve um arrepio de medo e voltou voando depressa, depressa, com a carta no bico.

De longe, a pomba ainda ouviu a onça dizer.

— Grrrrrr!

— Credo! Se eu soubesse que a carta era pra uma onça destas, cruzes, eu não tinha viajado! E pensar que perdi um dia inteiro por causa desta carta maluca — disse a pomba.

E a carta acabou de novo na casa da pomba, chorando. Chorou durante uma semana inteirinha.

— Ai, ai, ai, quem me leva,? Ui ui, ui!

Aí, a pomba resolveu: pegou um selo, colou bem colado na cara da carta e falou:

— Vai pelo correio, sua chata!

